



AS PREDIÇÕES MUNDIAIS DE CHEIRO

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO

AS PREDIÇÕES MUNDIAIS DE CHEIRO

O DESTINO DA EUROPA - O FUTURO DOS EUA - A VINDA DA GUERRA DAS NAÇÕES - A RESTAURAÇÃO DOS JUDEUS.

1931

PREFÁCIO DO AUTOR PARA UMA NOVA EDIÇÃO AMPLIADA

Tem sido meu privilégio visitar os Estados Unidos e outras partes do Continente Norte-Americano muitas vezes desde que lá estive pela primeira vez, em 1893.

Este não é o lugar para eu escrever sobre o quase inacreditável avanço e prosperidade que ocorreram nestes países durante os últimos quarenta anos. Apenas aludo a este período de tempo em resposta aos críticos na Imprensa que consideraram as minhas Predições nos Capítulos VI e VII, relativas ao futuro ainda maior do Continente Norte-Americano, como demasiado otimistas para serem verificadas.

A minha opinião revista é a de que não fui suficientemente otimista e que, nos meus cálculos quanto à «Nova Era» na qual o mundo entrou por volta de d.C. 1766, na mesma altura em que os Estados Unidos obtiveram a sua Independência e se tornaram uma Nação, está indicada uma data na história da civilização de tal importância, e em tanta consonância com esses ciclos de Tempo projetados por Deus e explicados por mim no Capítulo XII, que nenhuma visão profética estaria à altura da tarefa de retratar o poder e a riqueza do Continente Norte-Americano num outro período dos próximos escassos séculos.

No Capítulo V expus as minhas razões para afirmar que, eras antes de a América do Norte ser descoberta, esta parte do mundo foi colocada naquilo que é chamado a «Primeira Casa do Ar» no plano Zodiacal de controlo dos países da Terra.

Na parte deste livro que trata do futuro dos Estados Unidos, apresentei isto como uma das razões pelas quais este país, mais do que todos os outros, deve dominar na «conquista do Ar»; mas, ao rever estas provas para

esta nova edição ampliada, considero que não dei a devida ênfase ao facto de que em nenhuma outra parte do mundo foi o Hélio descoberto em tais quantidades como nos poços de petróleo dos Estados Unidos.

Este gás não inflamável, que tem vantagens tão decididas sobre o hidrogénio ou o gás de carvão para os dirigíveis, está, mesmo à data de hoje, a ser extraído diariamente em muitos milhares de pés cúbicos de certos poços de petróleo nos Estados Unidos, e armazenado em cilindros de aço para tais fins pelo Governo dos EUA.

Quando chegar o momento, como indubitavelmente chegará, e está a chegar rapidamente, os Estados Unidos estarão numa posição de explorar o «Reino do Ar» não apenas através de Aeroplanos, mas por Dirigíveis com privilégios que nenhuma outra Nação no mundo possui.

Também fui chamado à atenção por alguns setores da Imprensa devido à extensão do espaço que dediquei neste livro ao futuro dos Judeus, e às minhas predições quanto à influência e ao papel que desempenharão nos problemas vindouros da civilização.

Alguns jornais foram ao ponto de me acusar de fazer deliberadamente «uma propaganda a favor dos Judeus sem igual na história recente».

É, portanto, justo para com os meus leitores fazer a declaração, de uma vez por todas, de que não sou Judeu, nem tenho, tanto quanto me é possível rastrear, qualquer sangue judeu nas minhas veias.

Como Estudante de Ocultismo, que se deve recordar ser o fundamento de todas as religiões, não poderia permitir-me ter uma inclinação para com uma raça mais do que para com outra; e se, no decurso destas páginas, dei uma ênfase considerável ao futuro de uma Nação como os Estados Unidos, ou prediz o regresso dos Judeus ao poder, fi-lo a partir de uma crença genuína e conscienciosa de que tais são as indicações e a tendência das condições, e tal como me apareceram, assim foi o meu dever, sem olhar a temores ou favores, torná-las conhecidas do público nas páginas destas «Predições Mundiais».

«Cheiro».

PREFÁCIO

É apenas justo declarar que recebi pela primeira vez o Manuscrito das «Predições Mundiais» de «Cheiro» em outubro de 1925.

Como muitas destas Predições eram de uma natureza que tocava profundamente o futuro do Império Britânico e de outras nações, aconselhei o seu aparecimento em jornais de circulação mundial. Descobri, contudo, que a maioria dos editores não assumiria a sua publicação a menos que fossem de tal modo retalhadas e restringidas que os avisos que continham se tornariam inúteis. Em quase todos os casos, estes manuscritos foram devolvidos com uma nota que invariavelmente dizia: «demasiado sensacionalista para as nossas colunas» ou palavras com esse efeito, e por isso, no fim, aconselhei a sua publicação em forma de livro.

No MS. que me foi enviado em outubro de 1925, «Cheiro», entre outras coisas, previu muito claramente o Tratado feito no mês de março seguinte, 1926, entre a Rússia Soviética e a Alemanha, o eclodir da Guerra Civil na China e o seu efeito nos interesses ingleses. A Greve Geral na Grã-Bretanha de maio de 1926, juntamente com o número extraordinário de incêndios que destruíram grandes mansões privadas por toda a Inglaterra durante esse ano.

Ele também previu o início de uma série de Sismos em países que, durante centenas de anos, tinham estado mais ou menos livres de tais ocorrências e, com nove meses de antecedência, indicou claramente aquele que ocorreu nas Ilhas do Canal em julho de 1926, e que «seria seguido por outro sobre uma grande área da Inglaterra no outono do mesmo ano».

Durante o tempo em que tive o MS. do livro seguinte sob consideração, examinei os numerosos casos registados de predições anteriores feitas por este «Vidente Moderno» e posso dizer que a sua notável exatidão é quase inacreditável. Num Prefácio deste género, apenas disponho de espaço para chamar a atenção para algumas que são de interesse geral e que foram feitas um tempo considerável antes de os eventos terem lugar; tais como a Guerra dos Bôeres, a morte da Rainha Vitória, a *Entente Cordiale* entre a França e a Inglaterra, numa altura em que tal evento era a última coisa que se poderia esperar.

O assassinato do Rei Humberto de Itália, o atentado contra a vida do Xá da Pérsia em Paris em 1900, o ano, mês e dia exatos da morte do Rei Eduardo VII, a data da Grande Guerra «no pleno verão de 1914», que «a sua duração seria de cerca de quatro anos» e o seu fim «o colapso das Potências Centrais da Europa e a desintegração da Rússia como Império».

Outra das notáveis predições de «Cheiro», feita vários anos antes do seu cumprimento, foi «a queda do Czar e o seu massacre, juntamente com todos os membros da sua família imediata».

Outros vislumbres exatos do futuro são agora matéria de história, tais como o seu aviso a W. T. Stead, editor da *Review of Reviews*, feito com nove meses de antecedência, da sua morte por afogamento em abril de 1912. A sua comunicação, com uns bons quatro anos de antecedência, a Lord Russell de Killowen, da data em que usaria as vestes de *Lord Chief Justice* de Inglaterra pela primeira vez, e aquela predição mais surpreendente a Lord Kitchener quando, como Coronel Kitchener e um soldado comparativamente desconhecido, lhe foi dito por «Cheiro», primeiro em 1887 e novamente em 1894 (quando Kitchener lhe deu uma impressão assinada da sua mão), que teria a pesada responsabilidade da Guerra de 1914 sobre os seus ombros e que encontraria a morte não no campo de batalha, como um soldado poderia esperar, mas por um desastre no Mar no seu sexagésimo sexto ano.

Os exemplos acima são apenas alguns que selecionei por interesse geral; muitos milhares de outros são verificados por cartas de pessoas de todos os estratos sociais que consultaram «Cheiro» durante a sua carreira profissional — agora encerrada para o público em geral.

Em diferentes épocas da história do mundo há registos de «Videntes» e «profetas» cujas predições foram notavelmente cumpridas, mas quase todos estes são casos isolados. Não há, de facto, registo na história, passada ou presente, de qualquer outro homem que durante vinte e um anos tenha construído a reputação única que este homem construiu, e não num único país, mas por todo o mundo. Mas o dia chegou finalmente em que a sua própria predição sobre a sua retirada teve de ser cumprida. Nervos de aço não poderiam suportar para sempre a contínua responsabilidade de aconselhar outras vidas de manhã à noite. Contudo, foi, estou certo, com

muitas dores de arrependimento que «Cheiro» abandonou o contacto pessoal com os seus consultores individuais e procurou o campo de influência ainda mais amplo que lhe é agora dado pelo poder da pena.

Versado no conhecimento dos estudos ocultos como poucos homens alguma vez o foram, com longos anos de experiência dos desejos, esperanças e temores da humanidade atrás de si, ele encontra-se hoje na posição de um mestre que tem não só a grande lição da vida para ensinar, colhida daquelas milhares de vidas que entraram em contacto tão íntimo com a sua, mas também tem uma mensagem para o mundo em geral, como é demonstrado pelo vislumbre do destino das nações que ele expõe em linguagem clara e inequívoca nas páginas deste livro, agora apresentado ao público pela primeira vez.

Antes de ir para a prensa, o Autor aproveitou a oportunidade para fazer uma adição interessante ao Capítulo VII, relativamente à exploração de plantações de borracha por capital americano, que ele previu que ocorreria quando enviou o MS. deste livro para publicação em 1925. Fez também uma valiosa adição às suas «Predições» na Parte III, ao prognosticar os «Sismos, Subsidências e Sublevações Vindouros» os quais, mesmo enquanto vamos para a imprensa, se estão a confirmar num grau notável.

Nesta edição revista e ampliada, o Autor adicionou uma inteiramente nova Parte II, de predições relativas ao futuro imediato os principais países do Mundo.

O EDITOR

ÍNDICE

- PREFÁCIO DO AUTOR
- PREFÁCIO

PARTE I

CAPÍTULO I - O DESTINO DAS NAÇÕES

- SERÁ PAZ OU GUERRA PARA A GRÃ-BRETANHA E EUROPA?
- AFINIDADE ASTROLÓGICA ENTRE LONDRES E OS EUA.
- AFINIDADE ASTROLÓGICA ENTRE A INGLATERRA E A ALEMANHA
- PORQUE A INGLATERRA E A FRANÇA NÃO SE PODEM UNIR
- A VERDADEIRA RAZÃO QUE TROUXE A INGLATERRA PARA A GRANDE GUERRA

- NAÇÕES ASTROLOGICAMENTE ANTAGÓNICAS A OUTRAS

- PREDIÇÕES RELATIVAS À GRÃ-BRETANHA

- ALEMANHA

- FRANÇA

- JAPÃO

- CHINA

- ITÁLIA

- ESPANHA

- TURQUIA

- ESTADOS Balcânicos

- RÚSSIA

CAPÍTULO II - O IMPÉRIO BRITÂNICO

- A ORIGEM DA BRETANHA

- OS FENÍCIOS E A BRETANHA

- O SIGNIFICADO DA PALAVRA LONDRES.

- O ZODÍACO E STONEHENGE

- A «PEDRA DO DESTINO» E O TRONO DE INGLATERRA

- AS «TRIBOS PERDIDAS» E A BRETANHA

- A ORIGEM DA CATEDRAL DE SÃO PAULO

- O SIGNIFICADO DE «O TEMPLO»

CAPÍTULO III - A CASA DE WINDSOR E O SEU DESTINO

- O REI JORGE V, A RAINHA MARIA, E A FAMÍLIA REAL DA GRÃ-BRETANHA

- O QUE O DESTINO RESERVA PARA O REI JORGE, A RAINHA MARIA, O PRÍNCIPE DE GALES, O DUQUE DE YORK, O PRÍNCIPE JORGE, E O DUQUE DE GLOUCESTER

CAPÍTULO IV - O IMPÉRIO BRITÂNICO NO SEU ASPETO MUNDIAL

- A PERDA DAS PALAVRAS «REINO UNIDO»

- O IMPÉRIO BRITÂNICO NA SUA RELAÇÃO COM O FUTURO DA IRLANDA, ÁFRICA DO SUL, AUSTRÁLIA, NOVA ZELÂNDIA, CANADÁ, ÍNDIA E CHINA

CAPÍTULO V - A ORIGEM DOS ESTADOS UNIDOS E O SEU AVANÇO FUTURO

- INFLUÊNCIAS ASTROLÓGICAS QUE GOVERNAM OS EUA.
- O SIGNIFICADO OCULTO DOS SEUS SÍMBOLOS HERÁLDICOS
- O «DOMÍNIO DO AR» E O SÍMBOLO DA ÁGUIA
- O «NÚMERO OCULTO» DOS ESTADOS UNIDOS EXPLICADO

CAPÍTULO VI - A ORIGEM DOS ESTADOS UNIDOS E O SEU AVANÇO FUTURO (cont.)

CAPÍTULO VII - O DESTINO DOS ESTADOS UNIDOS

- CONTROLO FINANCEIRO MUNDIAL
- A VINDA GUERRA COM O MÉXICO E O JAPÃO
- O FUTURO DOS ESTADOS UNIDOS

CAPÍTULO VIII - O MISTÉRIO DAS «DOZE TRIBOS DE ISRAEL»

- O REGRESSO DOS JUDEUS À PALESTINA
- PORQUE AS «DEZ TRIBOS PERDIDAS» FORAM DISPERSAS ENTRE «OS GENTIOS»

CAPÍTULO IX - O FUTURO DOS JUDEUS VISLUMBRADO NA GRANDE PIRÂMIDE

- A ORIGEM DA GRANDE PIRÂMIDE E O SEU SIGNIFICADO OCULTO

CAPÍTULO X - A VINDA GUERRA DAS GUERRAS

- ONDE SERÁ O GRANDE ARMAGEDON.
- A PROMESSA DE PAZ UNIVERSAL

CAPÍTULO XI - A VINDA ERA DE AQUÁRIO

CAPÍTULO XII - A PRECESSÃO DOS EQUINÓCIOS

PARTE II

- PREDIÇÕES RELATIVAS AO FUTURO IMEDIATO DAS PRINCIPAIS NAÇÕES DO MUNDO

PARTE III

- SISMOS E SUBLEVAÇÕES VINDOUROS

PARTE I

A ORIGEM DA GRÃ-BRETANHA - A INFLUÊNCIA DOS JUDEUS NA HISTÓRIA BRITÂNICA - OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E O FUTURO DAS PRINCIPAIS NAÇÕES DO MUNDO

CAPÍTULO I

O DESTINO DAS NAÇÕES

SERÁ PAZ OU GUERRA PARA

A GRÃ-BRETANHA, EUROPA, E O MUNDO EM GERAL?

Esforçar-me-ei por explicar tão claramente quanto a palavra escrita o permita, como pode ser possível, sob certas condições, prever eventos vindouros em ligação com o destino das nações.

Tal afirmação despertará indubitavelmente críticas em muitos quadrantes. Em vista disso, peço simplesmente àqueles que lerem este livro que ponham de lado, por um momento, o preconceito contra a ideia de que o futuro pode ser previsto, e qualquer inclinação que possam ter do ponto de vista da religião.

Se o fizerem, descobrirão que os meus escritos não são antirreligiosos, mas, pelo contrário, de tal natureza que «o Deus deles é também o meu Deus», e que aquilo que ensino só pode, no fim, aumentar essa reverência pela Essência Divina que é o pensamento central e controlador em todas as religiões, não importa em que nome ou sob que forma adorem a Deus.

Que há um desígnio, e um desígnio inteligente, subjacente, desenvolvendo e controlando todas as coisas, foi admitido por cada cientista, filósofo ou pensador que alguma vez dedicou um pensamento ao assunto.

A execução de um desígnio sob qualquer forma é um processo lento. Num tear, os fios têm de ser preparados e colocados em posição; o início é nebuloso e vago.

Apenas no cérebro do tecelão a imagem mental é clara e decidida. Nesta mente, o desígnio não só existe, como se destaca em toda a sua perfeição. A teia e a trama, a lançadeira veloz, as cores que ele está prestes a usar, são para ele apenas os meios para um fim último.

À medida que o Tempo passa, fragmentos da imagem mental começam a tornar-se aparentes e, finalmente, para alguns olhos que possam ter o privilégio de a ver, o próprio desígnio é apreendido muito antes de ter qualquer forma ou significado para outros.

Apresento isto como uma ilustração da linha de pensamento que vou seguir. Ao fazer predições para os vários países do mundo, o método que emprego é o seguinte:

Para além do estudo daquilo que é chamado Astrologia Mundana, emprego um sistema de concentração mental que aprendi durante a minha estada na Índia e que segui em anos posteriores nos meus estudos de Ocultismo.

Ao usar este método, esforço-me por absorver a história passada de qualquer país que esteja a ocupar a minha atenção, prestando especial atenção aos ciclos periódicos que parecem influenciar o seu destino.

Combinando isto com o meu conhecimento de Astrologia e a influência dos Signos mutáveis do Zodíaco e o seu relacionamento planetário, chego a conclusões que poderiam nunca prender a atenção daqueles que seguem os métodos comuns de observação e dedução.

Que o meu método é bem-sucedido foi amplamente provado pelas muitas predições que fiz e que foram verificadas em anos posteriores.

Para poupar espaço, presumirei que os meus leitores estão cientes de que o Estudo dos Céus, aliás Astrologia, é tão antigo quanto a própria Religião. Os registos servem para provar que, já no tempo de Sete, o terceiro filho de Adão, as constelações já eram conhecidas e a influência das doze divisões do Zodíaco sobre a humanidade já tinha sido observada. Se for necessária prova para esta afirmação, podemos encontrá-la no terceiro capítulo do primeiro livro de Josefo, onde o famoso historiador hebreu escreve: «O homem viveu tanto tempo antes do Dilúvio que aprendeu as artes e as ciências, especialmente a Astrologia e a Geometria», e mais adiante afirma que Abraão, quando habitou no Egito, «ensinou aos egípcios o conhecimento da Astrologia».

Também através de Josefo tomamos conhecimento de que Sete, prevendo o Dilúvio, gravou os princípios do seu conhecimento astrológico em dois pilares de pedra para benefício das eras vindouras, e o grande historiador prossegue relatando que, no seu próprio tempo, viu «um dos pilares ainda de pé na Síria».

Menciono estas coisas apenas *en passant* para benefício daqueles que possam não ter tempo para estudar tais assuntos, e para mostrar que as ideias que nos foram transmitidas pela Astrologia são tão antigas quanto o próprio mundo.

Como este livro não foi escrito como uma defesa desta ciência antiga, não tomarei o tempo dos meus leitores em traçar a sua história através dos tempos, por muito interessante e instrutivo que isso pudesse ser, mas procederei imediatamente para uma aplicação prática das suas regras em ligação com o destino das principais nações do mundo.

A origem do significado dado às doze divisões do Zodíaco e às qualidades dos nove planetas que parecem ter uma influência tão importante sobre a humanidade está completamente perdida na antiguidade, restando apenas o facto de que as regras estabelecidas guardam a mesma relação com a nossa existência moderna que guardavam nos mais longínquos éons do tempo.[1]

[1]: O grande Astrónomo inglês Newton, escrevendo sobre a origem da Astrologia, diz: «Os egípcios determinaram a duração do ano solar e fixaram os solstícios nos reinados de Amom e Mímnon, e o Rei de Sais,

com a assistência de um sacerdote do Egito, criou a ciência da Astrologia, fundamentando-a no aspeto dos Planetas.»

Como e quando os antigos Mestres deste estudo formularam estas regras, é impossível calcular. Uma teoria é a de que, naquelas eras em que nos é dito que «Deus falava com o homem», Ele revelou o plano Divino do universo a certos homens ou seitas que estavam prontos para receber este conhecimento.[2] A parte que nos toca é que, assim como estes grandes estudantes da natureza transmitiram à posteridade o cálculo exato quanto à «Precessão dos Equinócios» como sendo um período de 25 850 anos,[3] eles podem estar igualmente corretos nas suas outras afirmações quanto à influência dos planetas no destino de povos e nações.

[2]: De acordo com os registos orientais, o nascimento da Astrologia é coexistente com a criação do mundo. Afirmam que Nacrawonsch, o filho de Mizraim, se destacou na Astrologia e iniciou a primeira dinastia da sua raça, os quais eram todos peritos nas artes místicas. O mais célebre dos Príncipes Mizraimitas foi Naerasch, que representou em figuras e imagens os doze signos do Zodíaco.

Faraó, o último Príncipe desta dinastia, esforçou-se por destruir Noé, acreditando que ao fazê-lo impediria o dilúvio, mas foi ele próprio, com toda a sua família, varrido pelo Dilúvio. Apenas Efilimoun, o principal Astrólogo da época, prevendo a desolação que se aproximava, reconheceu a verdade do aviso pregado por Noé e foi admitido na Arca com toda a sua família. Formando uma aliança com Noé e os seus descendentes, tornou-se o antepassado de vinte e seis reis da segunda dinastia do Egito e construiu a cidade de Mênfis. Mizraim, o seu filho, foi o depositário de todos os segredos mágicos e astrológicos das primeiras eras do mundo.

[3]: Herschel faz este cálculo em 25 870 anos. Chambers, outra grande autoridade, calcula 25 817 como o período da Precessão dos Equinócios. Eu tomei 25 850 anos como a média entre estes dois cálculos. Setenta anos e nove meses é, tão aproximadamente quanto se pode estimar, um dia do grande ano equinocial, o qual se notará estar em exata conformidade com o versículo nos Salmos xc, 10: «Os dias das

nossas vidas são de setenta anos (70), e se alguns, pela sua robustez, chegam aos oitenta anos, o orgulho deles é quase só trabalho e enfado». Os nove meses para além dos 70 anos é o período preciso desde a concepção até ao nascimento. A taxa exata da «Precessão dos Equinócios» foi, portanto, tão maravilhosamente determinada pelo «Grande Geómetra do Universo» que indica a duração da vida humana — que «não passa de um dia» — e é outro exemplo de como o homem é influenciado pela ordem Divina dos corpos Celestes, pensamento este que é tão belamente expresso naquela oração que nos ensinam na nossa mais tenra infância: «Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no Céu».

Sem mais preâmbulos, tentarei agora mostrar o que este estranho estudo dos céus vislumbra para as principais nações da terra.

O que reserva o futuro?

Esta é a pergunta que, uma e outra vez, assalta a mente dos indivíduos e, como os indivíduos não passam de unidades de grandes nações, a mesma fatídica interrogação é vagamente alimentada quando os anos vindouros são antecipados, especialmente agora que a guerra é ainda uma memória e o mundo civilizado ainda labuta no paul de tempos difíceis de pós-guerra. Grandes estadistas e aqueles que devem guiar o leme das nações questionam o futuro com corações ansiosos. A tempestade passou, mas as ondas correm altas. Haverá rochas e baixios ocultos sob as águas agitadas que possam, uma vez mais, trazer o desastre à Humanidade — um desastre que terá de ser, por necessidade, mais cientificamente terrível do que os passados anos de Carnificina?

Nos tempos antigos, os monarcas e déspotas recorriam aos seus astrólogos e adivinhos para perscrutar os céus e ler nos planetas resplandecentes os destinos das nações. Desde Zanes e Zambres, que se apresentavam perante o Faraó do Egito e liam os decretos do Destino, até ao famoso Dr. John Dee, que apresentou à Rainha Isabel um pergaminho de eventos que foram minuciosamente cumpridos nos anos seguintes, multidões de «Videntes» têm predito eventos nacionais, ascensões e quedas, e o fluxo e refluxo de dinastias.

Nestes dias de conhecimento científico, as pessoas podem sorrir ao pensar que o Futuro das Nações possa ainda ser previsto por um estudo das influências planetárias. Mas direi audazmente, após longos anos de investigação, que tal coisa é possível. Os corpos celestes governam os Destinos dos Indivíduos; os mesmos planetas guiam e governam os destinos das Nações.

Primeiro, explicarei o mais simplesmente possível por que motivo predigo eventos, porventura surpreendentes e cheios de interesse, que dizem imediatamente respeito à Grã-Bretanha, aos Estados Unidos e a outras nações. Depois, mostrarei a razão pela qual, no meu entender, certos movimentos nacionais e agrupamentos de raças deverão ser vistos a ter lugar entre outros países. E nessa consideração ver-se-á emergir a especulação profundamente interessante que prenderá cada leitor: Será a guerra ou a paz para o mundo?

Que os dois grandes países de língua inglesa do mundo são instrumentos que cumprem o propósito do Destino, disso não pode haver dúvida. Mas serão eles atraídos um para o outro num futuro imediato para ficarem ombro a ombro por aquelas qualidades padrão da Humanidade que são as fundações de rocha da civilização? Essa é a questão que a todos preocupa.

Suponho que não seja geralmente percebido que as nações, bem como os indivíduos, desde eras passadas, têm o seu próprio signo Zodiacal. E é altamente significativo, quão significativo não podemos ainda compreender plenamente, que o signo que governa Londres como capital do Império Britânico, literalmente o coração do Império, seja o que é conhecido como o Signo de Gémeos; e é reveladoramente significativo que este mesmo Signo governe os Estados Unidos.

Permitam-me explicar outra estranha coincidência — estranha, isto é, para o nosso pensamento superficial — que deverá ter um impacto notável no futuro.

O Signo de Gémeos é também conhecido como a Primeira Casa do planeta Mercúrio. Este planeta, desde as eras mais distantes, tem sido conhecido por todos os estudantes de ocultismo como a significação de

tudo o que representa atividade mental e especialmente o comércio, os negócios, a ciência, o cálculo e a iniciativa.

Londres tem sido o centro do comércio, dos negócios, da banca e da iniciativa durante centenas de anos. Em tempos mais recentes, os Estados Unidos têm seguido firmemente a liderança de Londres, não numa única cidade, mas em todas as suas cidades e vilas, do Atlântico ao Pacífico — pois a totalidade da América do Norte está sob o Signo de Gémeos.

Portanto, apesar das amplas variedades de clima, da fusão de diferentes raças, do desvio no caráter nacional, etc., há um laço em comum que manterá a Inglaterra e a América unidas, apesar de diferenças insignificantes e talvez irritantes que possam surgir de tempos a tempos entre as nações. Esse laço é o maior e mais potente que se pode encontrar — a saber, o da sua afinidade Zodiacal. Estas duas grandes nações são compelidas, por uma força magnética oculta, a juntarem-se não apenas para proteger a sua nacionalidade e os seus interesses, mas tudo o que elas, como nações, representam no grande plano do Progresso e da Humanidade.

Devido ao facto de Londres — o coração da Inglaterra — ser governada por Gémeos (o mesmo signo que rege os Estados Unidos), durante a Guerra da Independência o sentimento em Londres e no Parlamento em Westminster era a favor da Paz. O grande discurso de Pitt nos Comuns contra a continuação desta «guerra fratricida e insensata de sangue e carnificina» foi aclamado em Westminster como soando verdadeiro, exceto entre o Partido da Corte, cujo chefe era Jorge Terceiro, o qual foi claramente indicado pela Astrologia como um instrumento para trazer a independência dos Estados Unidos.

Voltaremos agora, por um momento, para outro lado destas observações e consideraremos a afinidade Zodiacal da Inglaterra com as nações europeias. O resto da Inglaterra, isto é, a Inglaterra com exceção de Londres, o coração, é influenciado pelo Signo Zodiacal de Carneiro — a Primeira Casa do planeta Marte. E, olhando para as nações vizinhas, descobrimos que exatamente a mesma casa e o mesmo planeta belicoso governam a Alemanha.

Portanto, apesar de tudo o que aconteceu no passado, é evidente que a Inglaterra e a Alemanha são destinadas pela Natureza a ser aliadas em vez de inimigas.

Até uma análise superficial atestará a naturalidade disto, quando considerado de um ponto de vista imparcial e não político.

A Inglaterra e a Alemanha têm a mesma obstinação persistente de propósito, solidez, qualidades de negócios de cabeça fria e uma busca acérrima pela ciência. São as únicas duas nacionalidades na Europa que se misturaram na história passada. Os Saxões ou os Normandos foram os antepassados do que é conhecido como a raça anglo-saxônica, e a história regista que eles estabeleceram nada menos do que seis colônias na Inglaterra de d.C. 449 até cerca de d.C. 547. Eles expulsaram os nativos britânicos do país para a parte extrema ocidental, à qual chamaram País de Gales, sendo o nome *Welsh* [galês], ainda hoje, um termo saxão para estrangeiros.

Os Normandos que vieram mais tarde não eram franceses, como vulgarmente se supõe, mas eram descendentes de homens do Norte vindos da Dinamarca e do Norte da Alemanha, os quais, após devastarem a parte Norte da França, forçaram o Rei de França a casar a sua filha com Rollo, o Rei do Mar, e a dar o nome de Normandia (derivado de *Norsemen* [homens do Norte] ou *Northmen*) à parte que tinham conquistado.

Isto não é uma repetição fútil da História, mas tem um significado que dificilmente pode ser superestimado.

Em anos posteriores, a História repetiu-se, e príncipes alemães ocuparam o trono britânico quando Jorge Primeiro veio como o primeiro dos Reis Hanoverianos. Ao fazê-lo, uniu as Casas de Hanôver e Guelfo, até que o Rei Jorge Quinto, sob a pressão das condições causadas pela Grande Guerra, a 17 de julho de 1917, por Proclamação Real, se declarou já não Hanôver ou Guelfo, mas da Casa de Windsor.

Tal mistura de nações nunca ocorrera antes e, por razões Ocultas, como explicarei, não poderia ocorrer entre a França e a Inglaterra, ou entre a Inglaterra e a Itália; não poderia ocorrer na época de Isabel entre a Inglaterra e a Espanha, e o curto período em que Filipe de Espanha foi

Consorte da Rainha Maria foi eivado de total miséria para a nação inglesa. Quão significativas foram as palavras do Dr. John Dee, o Astrólogo, quando ouviu pela primeira vez falar da aliança entre o Leão Inglês e o Leopardo Asturiano:

«Ai das duas Nações!
Dor e desgosto!
Desastre por Água e perseguição por Fogo.
E a nossa Rainha morrerá sem filhos.»

A perseguição dos protestantes pela Rainha Maria, a sua infeliz desilusão no que respeitava ao berço e, mais tarde, o naufrágio das esperanças marítimas da Espanha com a perda da «Invencível Armada» cumpriram as palavras do grande Astrólogo e foram o golpe de misericórdia em qualquer esperança de unir a Inglaterra e a Espanha.

Hoje, os estadistas observam atentamente a tendência dos acontecimentos que governam as relações entre a França e a Inglaterra. Camaradas na Grande Guerra — ou preferiria dizer Aliados forçados a uma linha de ação comum —, hoje há irritação, amargura e uma sensação de crescente isolamento entre as duas nações.

O dinheiro fala mais alto, e as Dívidas de Guerra roem a alma da França, enquanto a Inglaterra permanece exteriormente estólida, mas na verdade irritada por uma posição que prova não haver união real entre Paris e Londres. A razão para isto é a seguinte:

Paris — o coração da França — é governada pelo planeta Mercúrio na sua Segunda Casa, que é o Signo de Virgem. Isto em si tem um significado notável que não pode ser negligenciado ao considerar os eventos passados, presentes e futuros no que afeta as Grandes Potências.

Ao estudar estas matérias, deve ter-se em mente que os países como um todo têm frequentemente um signo do Zodíaco a governá-los que pode ser distinto e diferente do signo ou planeta que governa a sua capital. Isto acontece peculiarmente tanto no caso da Inglaterra como no da França.

A Inglaterra, como país, é governada pelo Signo de Carneiro, que é chamado a «Casa de Marte (positiva)» e o seu símbolo é astrologicamente

o do Carneiro, enquanto a sua capital, Londres, é governada pelo Signo de Gémeos, com o planeta Mercúrio (positivo) na sua Primeira Casa.

A França, como país, é governada pelo Signo de Leão, e o seu símbolo astrologicamente é o Leão, enquanto a sua capital, Paris, é governada pelo Signo de Virgem com o planeta Mercúrio na sua Segunda Casa como seu regente. Esta é uma indicação «feminina», com toda a mutabilidade e qualidades impulsivas habitualmente associadas à natureza de uma mulher.

Se isto for cuidadosamente considerado, explicará muita coisa. No simbolismo, o Leão e o Carneiro são antagónicos um ao outro. Recorde-se que a Inglaterra só colocou o Leão no seu Estandarte depois de ter sido invadida pelos Normandos, estando o Leão no Estandarte Normando como estivera desde os dias de Rollo, o Rei do Mar, o primeiro Duque da Normandia, e está até ao dia de hoje.

Como expliquei anteriormente, os Estados Unidos são também regidos pelo Signo de Gémeos com Mercúrio (positivo), o mesmo que Londres; consequentemente, esta combinação estará continuamente envolvida em intrigas com Paris por causa de finanças, comércio e assuntos de negócios, e pelo facto de Paris ter o signo mais fraco de Mercúrio na sua Segunda Casa, ela tornar-se-á cada vez mais influenciada por Londres e pelos Estados Unidos em todos os assuntos de finanças.

Fora de Paris, falando de um ponto de vista Zodiacal, a França como país será antagónica à Inglaterra como país, e nunca poderá haver unidade ou qualquer amizade real entre elas.

Sendo o signo Zodiacal da França como país o de Leão, confere o simbolismo dos nobres atributos do Leão ao seu povo, tais como coragem, cavalheirismo, valor impetuoso, forte individualidade, mas uma «solidão» de carácter que a impedirá de ter Aliados por qualquer período prolongado de tempo; enquanto Paris, a sua capital, sob Mercúrio (negativo) em Virgem, terá as qualidades mercuriais mais fracas denotadas por esta combinação, tais como versatilidade de planos, amor pela mudança, humores instáveis, tendências perpétuas para a mudança de Governo e falta de estabilidade nas finanças e nos propósitos.

Ver-se-á assim que a Inglaterra não se pode sintonizar com a França, não estando as suas vibrações planetárias em harmonia; consequentemente, o resultado serão problemas e contrariedades. Um olhar retrospectivo sobre o desenrolar da tão apregoada *Entente Cordiale* revela a sua própria história. Tal *Entente* não pode durar, como os anos vindouros mostrarão de forma absolutamente categórica.

Voltemo-nos agora para a Bélgica, a causa, recorde-se, de a Grã-Bretanha, ao início da Grande Guerra, ter desembainhado a espada ao lado da França.

O Gabinete Britânico não estava decidido a favor da intervenção até ao primeiríssimo momento, e o Embaixador Francês, *Monsieur Cambon*, detinha-se nos degraus de Downing Street numa agonia de apreensão relativamente à aparente vacilação do Governo Britânico, enquanto as tropas alemãs marchavam através do Luxemburgo nos primeiros dias fatídicos de agosto de 1914.

Mas a Bélgica é governada pelo Signo de Gémeos — o próprio signo Zodiacal de Londres. De modo que, embora o resto da Inglaterra, estando sob Carneiro como já explicado, estivesse decididamente avesso a uma guerra com a Alemanha, como é amplamente atestado pelo retrospecto histórico, o Gabinete em Londres tomou a decisão, emitiu o ultimato à Alemanha e, à meia-noite do dia 4 de agosto, as duas nações encontravam-se em estado de guerra.[1]

[1]: Em 1815, cem anos antes da última guerra, a Inglaterra enviou as suas tropas para a Bélgica para a derrota de Napoleão e do Exército Francês na batalha de Waterloo.

Ao contemplarmos os destinos das nações nos anos que agora se abrem diante de nós, as afinidades de vários grupos de nações com diferentes planetas devem agora ser estreitamente consideradas.

Assim, a Inglaterra, a Alemanha, a Dinamarca, a Polónia Ocidental, a Palestina, a Síria e o Japão são governados pelo Signo de Carneiro com Marte como regente desse signo; é inevitável, portanto, que estes países venham, mais cedo ou mais tarde, a ser atraídos uns para os outros e a intermisterem-se nos assuntos uns dos outros. O maior perigo nestes países

deve vir das nações regidas por Saturno, o planeta igualmente poderoso com Marte.

Vejamos, portanto, as nações que são regidas por ele.

Elas são: a Baixa Áustria, a Checoslováquia, o Jugoslávia, a Vestfália, a Grécia, a Bulgária, o Egito, a Índia, o Penjabe, o Afeganistão, o Tibete, a China e a Rússia — uma interessante combinação de povos diversos.

Quais são, poder-se-á questionar, as indicações, sob um ponto de vista astrológico, da tendência dos acontecimentos no futuro imediato?

Lamento registrar, após uma série muito cuidadosa de cálculos e deduções, que a perspectiva é ominosa ao extremo. Além disso, os sinais desfavoráveis que, no meu entender, conduzirão a uma nova guerra, começarão a manifestar-se por tratados secretos e combinações arquitetadas durante 1926 e continuando ao longo dos anos seguintes.

Não se deve esquecer que, embora a Grande Guerra não tenha começado, no que a hostilidades abertas diz respeito, até agosto de 1914, foi na Primavera de 1913 que as Potências por trás dos Tronos da Europa decidiram que «a Guerra era Inevitável» e mentalmente já estavam «em Guerra»; a «oportunidade favorável» tinha de ser aguardada, e ela surgiu com o assassinato do herdeiro do Imperador Francisco José.

Exatamente da mesma forma, o ano de 1926, e os anos seguintes, são instrumentais no colocar em movimento dessa cadeia de eventos que deve, no fim, produzir a Guerra, embora as piores características da mesma possam ser retardadas por mais alguns anos.

É ominoso, de um ponto de vista astrológico, que durante 1926, e nos seguintes sete a oito anos, certas combinações de planetas, tais como Marte e Saturno, venham a ser extremamente ameaçadoras. Isto causará agitação em todas as nações influenciadas de alguma forma por Marte ou Saturno, as apreensões febris que parecem forçar as nações a atos provocatórios, o prelúdio da guerra descrito por Clausewitz como «a atmosfera ideal para preparações para o conflito».

Esta combinação de Marte e Saturno afetará mais particularmente as seguintes nações: a Inglaterra, a Alemanha, o Japão, a China, a Macedónia, a Rússia, a França, a Itália, a Roménia, a Boémia, a Polónia, a Albânia, a Bulgária, a Grécia, o México, a Índia, a Abissínia, o Sudão, Roma como Cidade, a Palestina, a Síria, Damasco, a Argélia, o Transval, a África do Sul e partes da Austrália.

Em todos os países e locais mencionados, a já referida combinação dos planetas Marte e Saturno trará agitação entre o povo, revoluções e greves, más colheitas, escassez de dinheiro, destruição de propriedade, grandes incêndios, tempestades de invulgar gravidade e sismos em muitos locais que em anos recentes estiveram imunes a tais ocorrências.

Em países mais imediatamente influenciados por Marte, tais como a Inglaterra, a Alemanha e o Japão, ocorrerão incêndios devastadores e explosões de causas aparentemente desconhecidas com uma frequência impressionante. Sismos, subsidências de terras, maremotos e tempestades também afetarão estes países, juntamente com a queda de raios e meteoritos de um género invulgar.

Manchas solares gigantescas e perturbações magnéticas transtornarão as condições climáticas em todos os países desde o ano de 1926 até ao fim de 1938.

Desastres no mar, tempestades e sismos causarão perdas terríveis de vidas e de propriedade no Japão, na China e na Índia.

A China será especialmente devastada pela guerra, pela peste, por inundações e fome, e pela escassez financeira.

A Índia sofrerá graves quebras nas colheitas, motins entre o povo, perturbações religiosas e uma sublevação geral.

A França passará por uma crise financeira atrás da outra, agitação e descontentamento no seu Exército e Marinha, contínuas mudanças de Governo, conspirações e perigos de revolução.

O comércio da Inglaterra antes de 1938 será abalado nos seus alicerces; as suas exportações encolherão até ao seu nível mais baixo, o

desemprego atingirá números enormes, o país passará pela crise mais grave da sua história e milhares dos seus trabalhadores serão reduzidos à fome.

Nos assuntos estrangeiros, ela sofrerá golpes terríveis no seu prestígio. Experimentará problemas em todas as suas colônias e possessões, e encontrará a influência da Rússia cada vez mais oposta à sua na China, na Índia, na Pérsia, no Afeganistão e no Tibete.

Na China, o comércio inglês atingirá o seu nível mais baixo, a propriedade inglesa será destruída, vidas inglesas serão perdidas, e a ameaça de Guerra no Extremo Oriente, bem como na Europa, será extremamente grave.

Um tratado da mais profunda importância será revelado durante 1926 entre a Rússia e uma combinação de interesses antagônicos à Grã-Bretanha.[2] Quase ao mesmo tempo, os «Vermelhos» bolchevistas apoiarão a revolução na China e estimularão movimentos semelhantes na Índia e em todos os outros países.

[2]: Um Tratado foi feito em março de 1926 entre a Rússia Soviética e a Alemanha. — [Ed.]

Saturno, afligindo a China com uma malevolência peculiar, causará uma sublevação atrás da outra. Os chineses destruirão propriedade japonesa, inglesa e americana. A Rússia Soviética virá em auxílio dos chineses com imensas quantidades de material de guerra; a Inglaterra e os Estados Unidos ver-se-ão, no fim, forçados contra a sua vontade a tomar medidas drásticas, e os resultados serão de grande alcance.

O Japão, agastado pelo não renovamento da sua antiga aliança com a Inglaterra e pela legislação dos Estados Unidos contra os seus cidadãos possuírem propriedades nos Estados, manter-se-á afastado de interferências na China até que chegue o momento de agir sozinho. No fim, apresentar-se-á como o salvador da China, uma aliança será formada entre os dois países, e o Japão e a China libertar-se-ão de qualquer interferência estrangeira no Extremo Oriente.

A partir do fim de 1926 e ao longo de todos os dez anos seguintes, estranhas combinações formar-se-ão no Sul da Europa, nas quais a Rússia,

a Turquia, a Bulgária, a Grécia, a Itália, a Espanha e a França estarão envolvidas.

A Turquia modernizar-se-á em todos os aspetos e desenvolver-se-á como uma Potência ameaçadora na Ásia Menor, na Síria e na Palestina. A Itália, a França, a Grécia, a Bulgária, a Jugoslávia e a Rússia serão acometidas de «febre de guerra», e uma grave crise internacional será provocada. Durante os próximos anos, a França será arrastada para uma posição perigosa, tanto internamente como no Norte de África e na Síria; sofrerá um rude golpe no seu prestígio como Potência Colonial, ao qual se seguirá uma crise após outra em Paris. Uma surpresa será causada pela ação concertada de Famílias Reais exiladas que vivem na França, algum tipo de revolução será tentado e o país ficará dividido em três campos armados de Republicanos, Monárquicos e Comunistas. Deste turbilhão, um Ditador acabará por emergir, e uma nova forma de Governo, temporariamente, salvará a França.

A Itália, durante 1927, 1928, 1929, 1930, 1931 e 1932, fará muitas mudanças constitucionais da natureza mais dramática. Vários julgamentos sensacionais terão lugar e um passo surpreendente será dado em relação ao Vaticano. Isto conduzirá a uma hostilidade ativa entre o Governo de Itália e a Igreja de Roma, e surgirá uma situação sem precedentes em qualquer país católico. A Itália deitará a mão a posições importantes no Mediterrâneo e em África e mantê-las-á pela força das armas. Nisto será auxiliada pela Espanha e, para espanto do mundo, nenhuma das Grandes Potências se oporá ao plano da Itália. Sismos destrutivos causarão danos consideráveis durante os próximos dez anos na Itália, grandes cidades serão destruídas e alguns fenómenos invulgares terão lugar.

Durante estes anos, a Itália entrará numa era notável de sucesso e poder. Tornar-se-á uma das nações mais militantes da Europa e manterá o Caldeirão da Guerra em ebulição durante vários anos. Envolver-se-á com a Turquia e os Estados Balcânicos, e a Rússia aproveitará a oportunidade para forçar a mão da Europa.

Se este conflito eclodir, a Inglaterra e a França esforçar-se-ão por se manter fora da carnificina, mas só o conseguirão fazer por um tempo

limitado. O perigo vem novamente daquele poder desconhecido e quase incognoscível — a Rússia.

A ignorância da Europa como um todo em ligação com aquilo a que sempre chamaram «o Grande Urso» é incompreensível.

Desde o tempo dos Invasores Sarracenos que este vasto Império Asiático tem sido considerado por todos e cada um como uma espécie de terra misteriosa a ser saqueada ou pilhada à vontade de qualquer aventureiro que conseguisse encontrar apoio suficiente para a empresa.

Um exemplo pode ser retirado da desastrosa tentativa feita pelo grande Napoleão na sua marcha sobre Moscovo. A pavorosa destruição de propriedade, a carnificina e a perda de vidas humanas que se seguiram não ensinaram às nações europeias a lição que poderiam ter aprendido. Não há um único país na Europa que não tenha tentado, numa altura ou noutra, explorar as riquezas incontáveis da Rússia.

Como se um Destino misterioso com olhos ciumentos vigiasse para derrotar plano após plano para trazer a riqueza russa, tem sido uma longa história de esforço desperdiçado e empenho inútil.

Financiadores belgas despejaram milhões nas indústrias russas que deram em nada; a França emprestou milhares de milhões, e depois mais milhares de milhões para reaver os seus primeiros milhares de milhões — tudo sem qualquer proveito. Os ingleses de cabeça fria sonharam os sonhos de Midas ao formarem companhias russas e ao explorarem as suas minas, mas a riqueza deles também foi engolida.

Mas a razão, perguntam — qual é a razão?

O Ocultismo é a única chave que abre o mistério.

Lá atrás, naquelas eras longínquas em que os homens estudavam a natureza e aprendiam os seus segredos, Grandes Mestres, ao transmitirem o plano dos Céus às gerações seguintes, tinham, por alguma razão insondável, atribuído àquele vasto país da Rússia, no esquema Zodiacal das coisas, o Signo de Aquário, com Saturno, o seu regente, para ser o seu símbolo.

Misterioso e maravilhoso não é, ao pensar nestas matérias, recordar que, tal como nas vidas humanas Saturno é o temido planeta do Destino, também no destino das nações este país, que no seu simbolismo representa Saturno, deve também desempenhar o mesmo papel na história do mundo.

Em todas as formas de Ocultismo, este planeta misterioso — o último daquilo a que se chama «os sete planetas criativos» do sistema terrestre — foi escolhido para representar o Destino inexorável e implacável, a força misteriosa a que nada pode resistir, aquilo que em todas as vidas humilha o orgulho dos maiores e faz os homens perceberem a vaidade das suas pretensões.

Nessas maravilhosas imagens da mitologia grega, Saturno é representado como o deus que devora os seus próprios filhos.

Regressando à Astrologia para uma explicação adicional, descobrimos que o planeta Saturno está colocado como Senhor ou Regente do Signo Zodiacal de Aquário.

Ora, o símbolo de Aquário é o «Aguadeiro», uma figura curiosa de um velho que verte água de um jarro sobre a terra, e a partir desta imagem misteriosa uma mina de filosofia e sabedoria pode ser explorada.

Saturno pode devorar os seus próprios filhos, o Tempo pode trazer à existência — e destruir. O Deus que deu também pode tirar, mas por trás de tudo está o Aguadeiro a verter água sobre a terra para que, a seu tempo, ela possa produzir o tempo da sementeira e da colheita, para que os homens possam semear e os homens possam ceifar, para que o propósito eterno da criação possa, no fim, ser levado a cabo.

Tentemos compreender a lição oculta que jaz no coração desta estranha imagem de Saturno como Senhor do Signo de Aquário no seu impacto sobre o futuro da Rússia e na sua relação com o papel que ela será chamada a desempenhar no Destino das Nações.

Tal como o deus mitológico Saturno, a Rússia destruiu os seus próprios filhos. A fome, a peste e a guerra varreram esta terra uma e outra vez. Pedro, o Grande, na sua obstinada determinação de construir a cidade de S. Petersburgo, hoje Leninegrado, a partir de pântanos nas margens do

Neva, fez com que milhares de vidas fossem sacrificadas. A história relata que mais de cem homens por dia morriam nos seus esforços para arrastar o enorme bloco de granito de montanhas distantes até ao seu local em S. Petersburgo para formar a base da sua estátua.

De poucos em poucos anos, mesmo até tempos recentes, os russos promoviam «*pogroms*» para massacrar judeus russos aos milhares. Na Guerra da Crimeia contra a Turquia, a França e a Inglaterra, regimentos inteiros de soldados russos foram enviados para a morte, enquanto na Guerra Russo-Japonesa a perda de vidas nunca pôde ser calculada. Na última Grande Guerra, a Rússia sacrificou mais homens do que qualquer outra nação e, como se isto não bastasse, durante a recente Revolução Bolchevista mais homens, mulheres e crianças foram destruídos do que em qualquer outra revolução que alguma vez se tenha conhecido. Tudo isto aconteceu a um país cujo regente Zodiacal é o planeta Saturno.

Consideremos agora o significado oculto que é transmitido pelo facto de o seu signo nos céus ser o de Aquário, o «Aguadeiro». Ao longo das eras, o símbolo deste signo tem sido o de um velho que verte água na terra a partir de um jarro que carrega às costas. Existem dois significados dados a este estranho símbolo, um o aparente oposto do outro — exatamente como o caráter do povo russo, no geral, é cheio das mais selvagens contradições.

Um destes significados — o verter da água — é o do desperdício ou da prodigalidade; o outro é o da regeneração.

Dia virá em que o desperdício russo de sangue — o sangue que ela derramou, e ainda derramará como água — fará «um novo céu e uma nova terra». O Dia da Rússia ainda não chegou!

Quando será? A resposta é novamente dada pelos céus.

Através do conhecimento da «Precessão dos Equinócios», a ciência ensina-nos que são necessários 2150 anos para que o Sol retrograde através de um único signo do Zodíaco. Na altura em que Abraão, o Pai dos Hebreus, recebeu «a promessa», o Sol encontrava-se no Signo de Carneiro, o Carneiro, e, na sua bela linguagem alegórica, a Bíblia dá-nos a imagem

de Abraão a salvar o seu único filho do Altar do Sacrifício e a oferecer um Carneiro em seu lugar.

Dois mil cento e cinquenta anos mais tarde, o Sol entrou no Signo de Peixes, os Peixes, e uma outra grande época se abriu na história do mundo quando Cristo escolheu pescadores para serem os Seus discípulos — a um dos quais prometeu que faria dele um «pescador de homens». Desde esse período, que trouxe o alvorecer do Cristianismo, a queda de Jerusalém e a dispersão dos Judeus, um marco definitivo na história, decorreu um ciclo de 2150 anos, e já iniciámos o período da entrada do Sol no Signo de Aquário, no qual a misteriosa Era de Aquário começou a sua alvorada pelo mundo, e cujos primeiros raios já revolucionaram a Rússia, a China, a Índia e os países que se encontram sob a sua influência.

Um grande líder de homens surgirá por esta altura. Como este estranho ciclo de 2150 anos está tão intimamente entrelaçado com a história dos Israelitas, este Líder virá inquestionavelmente desta raça, e acabará por dominar a Rússia.

Uma nova ideia de Governo espalhar-se-á a pouco e pouco a partir deste país, a qual revolucionará completamente a Europa, a Ásia e o Extremo Oriente, e a Rússia tornar-se-á a nação mais poderosa na história da civilização moderna.

O «velho» está prestes a dar à luz o «novo». Em todas as terras, em todos os povos, as «dores de parto» estão a tornar-se cada vez mais intensas. A última Guerra não passou de um «virar no útero» da Natureza; o verdadeiro nascimento está ainda por vir.

Ai e desgraça daqueles que têm de se apegar ao «velho», às tradições do passado, aos hábitos dos seus antepassados; o dia deles já passou para sempre.

O Relógio do Tempo bateu a «Hora da Meia-Noite»; a treva mais negra precede a maior alvorada.

O clamor «Até quando, Senhor, até quando?» romperá de muitos corações antes que a luz da nova civilização afugente as sombras da noite.

Durante os anos vindouros, a influência do Comunismo espalhar-se-á como uma febre infecciosa por todos os países, e as doutrinas mais fantásticas serão abertamente pregadas e absorvidas por todas as classes. Homens ricos abdicarão da sua riqueza e de bom grado se tornarão pobres; reis partirão o pão com trabalhadores e trabalhadores ditarão ordens a reis; filhos e filhas dos mais altamente colocados tornar-se-ão Socialistas, e as terras que herdarem dá-las-ão ao povo.

Até «a Igreja» terá uma revolução no seu seio. Cremos estranhos serão pregados em todos os púlpitos.^[1]

[1]: Nos últimos anos, os cismas destruíram a unidade da «Igreja de Inglaterra», um novo Livro de Oração foi desenvolvido e os Bispos estão em guerra com Bispos por causa do Serviço de Comunhão.

Por algum tempo, a Religião salvar-se-á da catástrofe ao abolir os «palácios» dos seus Bispos, os seus cerimoniais dourados e a sua aliança com os Monarcas. O Estado e a Igreja separar-se-ão e deixarão de se apoiar mutuamente. Sob o disfarce da humildade, a Religião rastejará de volta ao seu berço de pobreza e perseguição, e nos próximos cem anos haverá tantas seitas religiosas no Mundo quantas as peças da suposta «verdadeira Cruz» existentes no tempo presente.

Nos anos vindouros, grandes «avivamentos» evangélicos varrerão todos os países, lado a lado com a Anarquia, o Ateísmo e o Livre Pensamento de toda a espécie.

A civilização, qual camaleão, mudará de cor para se adaptar a cada vaga de pensamento, e o Caos conduzirá a sua quadriga de destruição através de campos de Paz para as avenidas da Guerra.

No fim, só a Guerra salvará a humanidade. Só quando o mundo estiver saciado de sangue, destruição e violência é que acordará do seu atual pesadelo de loucura — e é assim que a vinda da «Guerra das Guerras» se encaixa no desígnio das coisas.

Através de uma intensa tribulação será o homem conduzido para mais perto da perfeição e mais capacitado para usufruir das maravilhas da nova Era de Aquário, a qual, nascida no sangue e no sacrifício, acabará por

cumprir o significado do seu símbolo, o «Aguadeiro», cujo verter de água sobre a terra é o emblema do desinteresse — a negação do Eu — alcançado através do sofrimento.

CAPÍTULO II

O DESTINO DAS NAÇÕES (Cont.)

O IMPÉRIO BRITÂNICO

Apresentei um esboço geral das combinações de nações que afetarão o futuro do Império Britânico nos anos imediatos. Contudo, estaria a negligenciar o meu dever se não fornecesse informações mais específicas a respeito do futuro — tal como o vejo — daquilo que é, indubitavelmente, o maior conglomerado de raças que até hoje foi trazido à existência.

Estou apenas a repetir um truísmo bem conhecido ao dizer que nenhum outro Império na história conhecida do mundo foi tão grande, tão poderoso ou tão diversificado como essa combinação de raças sobre a qual a bandeira *Union Jack* flutuou.

Como nada existe sem uma causa, tentarei, à luz do ocultismo, iluminar, por mais debilmente que seja, o mistério da remota origem do Império Britânico.

A história inglesa, tal como nos é apresentada da forma comum, tem-se contentado geralmente em declarar que a Bretanha foi descoberta pelos Romanos em 55 a.C. Quem eram os habitantes anteriores mal foi tocado, embora conste no registo que César declarou que os habitantes do interior da Bretanha «se dizia, por tradição, terem brotado do solo».

Em alguns relatos, somos brevemente informados de que as costas do sudoeste eram conhecidas dos Fenícios alguns séculos antes da era cristã, e que estes foram atraídos à Bretanha por causa das suas minas de estanho.

A história diz-nos que os Fenícios eram de origem semita, estreitamente relacionados com os Hebreus na linguagem; mas acrescenta também que derivaram o seu nome da Fénix, que era o emblema dos Fenícios e de quem adotaram o nome.

É-nos dito ainda que a Fénix era um símbolo do Sol, e que era adorada no antigo Egito no local chamado pelos Gregos de Heliópolis ou, pelos Egípcios, a «Cidade de On», um dos nomes do Sol.

Aqui, no próprio alvorecer da história, encontramos o primeiro vislumbre de luz que guia os nossos passos até às praias desconhecidas da Bretanha. Aos antigos Mestres do Ocultismo tinha sido revelado que os dias de «On», a Cidade do Sol do Egito, estavam contados.

A esses viajantes do mundo, os Fenícios, chegou a ordem para fundar outro Centro que, em simbolismo, fosse digno do nome de «On» e emblemático da Fénix que renascia uma e outra vez das suas próprias cinzas.

Foi assim que, eras antes de os Romanos terem ouvido falar da Bretanha, marinheiros fenícios encontraram o seu caminho subindo o Tamisa e fundaram uma cidade à qual deram o nome de *El-on-don*, ou a Cidade do Sol, uma promessa em simbolismo de que a cidade assim nomeada se tornaria um centro que, tal como o Sol, irradiaria poder, vida e riquezas por todo o mundo.

Esta foi, brevemente, la origem de Londres.

A história diz-nos que, quando os Romanos chegaram à Bretanha em 55 a.C., «encontraram em Londres um lugar de considerável importância, e que esta possuía a sua própria cunhagem de ouro».[²]

[2]: *Hume's History of England* [*História da Inglaterra de Hume*].

Regressemos agora aos Fenícios.

Estes primeiros pioneiros tinham trazido consigo a antiga religião dos Caldeus, Egípcios e Hebreus. A fundação destas religiões era «a sabedoria dos céus» ou «o ensinamento dos céus». Em muitos locais do continente nas suas viagens para o norte, e em várias partes da Bretanha, e especialmente em Stonehenge na Planície de Salisbury, eles ergueram esses misteriosos monumentos de enormes pedras que foram falsamente atribuídos aos Druidas.

Descobertas recentes provaram, no entanto, que Stonehenge, nesses tempos antigos, era uma representação do Zodíaco circundando um Altar ao Sol de imensas dimensões.

Que os há muito esquecidos descobridores da Bretanha, que se deram a tanto trabalho para transportar estes enormes pilares de pedra para a Planície de Salisbury, eram bem versados na Ciência Astronómica, é exemplificado mesmo nos nossos dias pelo número de pessoas que vão todos os anos àquilo que é chamado a «pedra do calcanhar» (*hele stone*) para ver os raios do Sol ao amanhecer do dia 21 de junho envolver este grande pilar, tal como esse povo antigo fazia há tanto tempo que o seu próprio nome e registo foram esquecidos, ou perdidos no pó dos séculos que cobriram os seus passos.

Esses antigos Estudantes do Céu fizeram ainda mais do que erguer o grande Templo em Stonehenge.

Ao fundarem la Cidade de Londres, ou *El-on-don*, como lhe chamavam, colocaram-na no esquema Zodiacal do universo como sendo governada pelo Signo de Gémeos, os Gémeos, e assim desceu através das eras a lenda de Gog e Magog como os deuses que controlavam o destino da grande Cidade que tinham estabelecido.[3]

[3]: Os nomes de Gog e Magog estão intimamente associados à Cidade de Londres mesmo nos nossos dias, e esculturas que os representam podem ser vistas em várias partes da cidade.

Lá atrás, nos registos da antiga astrologia, descobrimos que o Regente do Signo de Gémeos é o planeta Mercúrio, cujo simbolismo é o comércio, os negócios, as finanças, a ciência e todas as qualidades mentais afins. E assim foi que, mesmo nesses dias longínquos, Londres se tornou o centro ou o lar de tais coisas e permaneceu assim ao longo de todas as eras, até ao nosso próprio tempo.

Como que para proteger esta joia de simbolismo mental, esses antigos estudantes, no esquema do Zodíaco, colocaram o resto da Inglaterra como governada pelo planeta guerreiro Marte no Signo de Carneiro.

Marte é o símbolo do ferro, do aço, de maquinaria de toda a espécie, quer seja usada para a paz ou para a guerra, e à medida que os séculos evoluíam, a Inglaterra tornou-se famosa pelo seu comércio de ferro, pelas suas máquinas e pelos seus engenhos de guerra. Em anos posteriores, Shakespeare alude a isto quando escreve: «Inglaterra, tu assento de Marte».

A verdadeira origem dos Fenícios está perdida na antiguidade, mas há todas as razões para crer que eles tinham absorvido ou faziam parte das «dez tribos perdidas» de Israel, as quais, cumprindo profecias feitas séculos antes, foram «dispersas entre os gentios», e que, nas suas errâncias em direção ao norte, vieram estabelecer-se na Bretanha.

Existem muitas lendas que servem para provar que os Fenícios, e com eles vestígios das «tribos perdidas», foram os primeiros colonizadores da Irlanda. Muitas cidades e lugares irlandeses derivam a palavra radical do seu nome de antigas palavras hebraicas.

Muito antes de se ter ouvido falar do Saxão ou do Dinamarquês, algumas das mais célebres leis da Irlanda parecem ter sido modeladas por aquelas que foram dadas aos Filhos de Israel no Livro do Deuterónimo.

A famosa Colina de Tara, a partir da qual os Reis Irlandeses mantiveram o seu primeiro Governo e emitiram alguns dos éditos mais sábios que alguma vez foram formulados, contém na palavra «Tara» uma palavra hebraica que significa «a lei das duas tábuas».

A lenda e a história relatam que, por volta do ano 580 a.C., o Rei Heremon da Irlanda casou-se com uma princesa oriental que era filha de Sedequias, o último Rei da Casa de Judá.

Diz-se que esta Princesa, com algumas outras filhas da Casa Real de Judá, escapou do cativeiro babilónico que a história nos diz ter tido lugar por essa mesma data. Esta fuga das filhas do último Rei de Judá está muito claramente registada no Livro de Jeremias, Capítulo xliii, onde se afirma que as filhas do Rei escaparam «e entraram na terra do Egito, até a Tafnes», e a história informa-nos ainda que, aquando da invasão babilónica do Egito, um «resto da Casa de Judá fugiu para outros países».

A lenda irlandesa confirma de uma forma extraordinária a profecia de Jeremias de que «o restante que escapou da casa de Judá tornará a lançar raízes para baixo e dará fruto para cima».

Estava na ordem natural das coisas que a filha do Rei Sedequias fizesse o seu caminho para a Irlanda, país que era bem conhecido dos marinheiros egípcios e fenícios, e, sendo assim, torna-se igualmente natural seguir a lenda de que esta Princesa da Casa de Judá, com parte do seu povo, trouxe consigo para a Irlanda «a pedra do Destino», que a tradição hebraica afirma ter sido a pedra sobre a qual Jacob descansou a cabeça em Betel quando foi dada a bênção de que «a tua descendência se estenderá para o ocidente, e para o oriente, e para o norte, e para o sul; e em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra».[⁴]

[4]: *Genesis [Génesis] xxviii, 14.*

A história hebraica relata que Jacob deu esta pedra, que fora a sua almofada, a José, que ela foi preservada ao longo do cativeiro egípcio, formou o assento do Trono de Salomão em Jerusalém e é, hoje em dia, a Pedra de Coroação sobre a qual cada Rei Inglês é coroado desde os tempos longínquos de Eduardo Primeiro. As lendas irlandesas e escocesas são ainda mais explícitas. A primeira relata que a pedra foi trazida para o Rei Heremon da Irlanda através do seu casamento com a filha do Rei Sedequias, o último rei de Judá, e que foi a Pedra de Coroação os Reis Irlandeses até que Fergus O'Moore a levou consigo para a Escócia quando se tornou Rei de Argyll em d.C. 487. Durante mais de 800 anos, cada Rei da Escócia foi coroado sobre ela, até ser levada para Londres por Eduardo Primeiro em 1298.

Desde então, tem sido utilizada na coroação de cada Monarca Inglês, com a única exceção da rainha católica Maria, até ao atual Rei de Inglaterra.[⁵]

[5]: *Observações adicionais sobre «A Pedra do Destino» encontrar-se-ão na Parte II, relativas à Escócia.*

Os seguintes versos da pena de Sir Walter Scott bem podem ter um significado inspirado:

«A menos que os Destinos se tenham tornado infiéis,
E a voz do profeta seja em vão,
Onde quer que se encontre esta Pedra Sagrada,
A raça do errante reinará.»

Não é geralmente conhecido, mas posso pessoalmente afiançá-lo, que no final da Grande Guerra se formou na Irlanda uma sociedade secreta cujo propósito era o contrabando desta misteriosa pedra para fora de Inglaterra. Este plano falhou porque o tempo não estava maduro, mas, durante a nova Era de Aquário que está agora a despontar pelo mundo, sinto-me confiante de que a Pedra do Destino será restaurada aos Israelitas e voltará, um dia, a ser erguida na Cidade reconstruída de Jerusalém.

Não é da minha competência entrar na controvérsia sobre se os Ingleses e os Americanos são ou não «as dez tribos perdidas». Uma enorme quantidade de literatura sobre este assunto foi publicada em anos recentes, e uma evidência considerável foi recolhida para provar que os dois filhos de José, Efraim e Manassés, são hoje representados pela Inglaterra, como os filhos de Efraim, e pelos EUA, como Manassés. A minha própria opinião é a de que tal proposição parece limitar o propósito do Criador e traz demasiado para a controvérsia o elemento pessoal dos povos inglês e americano.

O desígnio e o propósito do «Senhor dos Exércitos» devem ser algo de tal modo para além de qualquer inclinação pessoal ou limitação que, em comparação, o destino de nações mesmo tão grandes como a britânica e a americana se esvazia no nada quando considerado à luz do Desígnio Divino, conforme revelado nas histórias de raças de um passado longínquo. O homem é tão propenso a ver as coisas do seu próprio ponto de vista mesquinho que se deixa levar por um sentido equivocado da sua própria importância.

Da mesma forma, ele considera demasiadas vezes a raça a que pertence como superior a qualquer outra, ou o Deus que adora como o único Deus que controla o universo.

As atuais chamadas «Grandes Potências», na intoxicação da sua juventude, esquecem-se de que não passam de crianças em comparação com raças que já desapareceram.

Há quinhentos anos, os britânicos como nação mundial eram desconhecidos; os alemães e os franceses eram igualmente ilustres desconhecidos, e os Estados Unidos estavam ainda por nascer.

Com a inocência das crianças, tagarelam sobre a sua grandeza, esquecendo que, antes de emitirem o seu primeiro vagido, o mundo já tinha tremido sob os exércitos dos Medos, dos Persas e dos Egípcios, e que os Incas, os Maias, os Astecas e os Hindus tinham civilizações para além dos sonhos mais selvagens da nossa imaginação.

Cegado pela vaidade, o homem esquece demasiado facilmente as lições do passado; a ascensão e a queda das nações; o nascimento, a juventude, a velhice e a decadência de raças que existiram muito antes de a sua ter sido chamada à existência.

Regressando à suposição de que as «dez tribos perdidas» de Israel, ou pelo menos alguma parte delas, se estabeleceram na Bretanha muito antes da invasão romana, é interessante notar que existem entalhes em pedras e monumentos ainda sobreviventes que provam que colonatos de israelitas vindos do Eufrates fluíram através da Crimeia para a Rússia e se espalharam para o norte, em direção a países distantes.

Na Crimeia, centenas de lápides funerárias foram recentemente encontradas com inscrições em hebraico, e numa delas pode ler-se: «Zadoc, filho de Moisés, faleceu 4000 anos após a Criação, 785 anos após o nosso exílio». O exílio a que assim se faz referência não pode ser outro senão o cativeiro assírio das dez tribos, que a história relata ter tido lugar por volta de 720 a.C.

Existe também abundante evidência para provar que, por esta altura, uma raça estranha saiu das terras que circundam o Eufrates e se espalhou para o norte através da Rússia, da Escandinávia e da Europa Ocidental.

Que esta massa de gente não poderia ser outra senão as «tribos perdidas» de Israel é bem sustentado por aquelas palavras tão cheias de

significado no Segundo Livro de Esdras, capítulo xiii, versículos 41 e 42, onde se lê: «as dez tribos tomaram este conselho entre si, de que deixariam a multidão dos gentios e seguiriam para um país distante, para que pudessem guardar os seus estatutos, e passaram pelo caminho do Eufrates».

Na sua história da Bretanha, John Milton escreve: «Os Saxões eram um povo que bons escritores pensavam ser descendente dos Sacas ou *Sacae* que, com uma inundação de outras nações, entraram na Europa».[1]

[1]: O antigo historiador Diodoro também afirma que os Sacae provinham de uma raça da Média, e Ptolomeu menciona que os Saxões podem ser rastreados até uma raça chamada Sacas, que veio da Média.

Há todas as razões para crer que estas raças errantes foram primeiro conhecidas como Filhos de Isaac (*Sons of Isaac*), confirmando, como isto faz, a ordem do décimo segundo versículo do capítulo vinte e um do Génesis: «Em Isaac será chamada a tua descendência»; mais tarde tornaram-se *Isaacsons* e, familiarmente, *Saxons* [Saxões].

Como a tribo de Dan vinha da terra do Jordão ou *Jor-dan*, é concebível que tenham deixado vestígios do seu nome por onde quer que se tenham estabelecido. Isto é confirmado pelos nomes que deixaram atrás de si na sua marcha em direção ao norte, tais como o Dan-úbio, o Dan-iéster, o Dan-etz, os Dan-dari, os Alpes Dan-ricos e a Dan-marca, mais tarde chamada Dinamarca.

Em mapas antigos da Irlanda, veem-se nomes como *Dans-lough*, *Dan-sower* e *Dan-gan*, lugar este último que se tornou famoso como o local de nascimento de Wellington.

Dez histórias irlandesas diferentes mencionam que um mestre ou profeta hebreu veio para a Irlanda por volta do ano 580 a.C. com a filha de Sedequias, o último Rei de Judá, e fez construir o famoso Salão de Tara. Este profeta hebreu não era outro senão Jeremias, cujo medalhão pode ainda ser visto esculpido em pedra nos Tribunais de Justiça em Dublin.

Em Jeremias, capítulo xxxi, versículo 21, lê-se: «Põe-te marcos, faz-te altos montões; orienta o teu coração para a estrada, sim, para o caminho por onde foste», e, por curioso que pareça, entre os irlandeses existe uma lenda

de que o estranho monte alto e redondo chamado a Colina de Tara foi feito por Jeremias e contém a última Arca da Aliança.

Para muitas pessoas poderá ser uma surpresa saber que os primeiros habitantes da Bretanha, especialmente os da Irlanda, da Escócia e do País de Gales, utilizavam extensamente a língua hebraica, e considera-se que mais de quarenta por cento da língua inglesa deriva do hebraico.

De facto, o grande William Tyndale, que traduziu o Novo Testamento, escreveu: «O grego concorda mais com o inglês do que com o latim, mas as propriedades da língua hebraica concordam mil vezes mais com o inglês do que com o latim».

A origem da palavra *England* [Inglaterra] é decididamente hebraica.

É bem sabido que o emblema de um Touro representava a tribo de José e os seus descendentes; em hebraico, a palavra para «touro» é «*engl*» ou «*angl*» e, por isso, é razoável supor que, quando os descendentes de José vieram nesses dias longínquos para «as ilhas do Norte», chamaram à nova terra em que tinham entrado «*engl-land*», a qual mais tarde se moldou pelo uso na palavra «*England*». Esta é também a origem do símbolo «*John Bull*», que igualmente representa a Grã-Bretanha.

O Unicórnio, outro dos emblemas de Inglaterra, é uma mistura de um cavalo e um touro — a cabeça, o corpo e as pernas derivam do cavalo, ao passo que os pés, a cauda e o corno vêm do touro; e é instrutivo recordar que a insígnia na bandeira de Hengisto, o Saxão, quando este invadiu a Bretanha, era um cavalo branco com os pés de um touro. Para confirmação disto, remeto os meus leitores para aquela bem conhecida obra sobre heráldica chamada *National Arms* [Armas Nacionais].

Leia-se também Deut., capítulo xxxiii, versículos 16-17: «Que a bênção venha sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça daquele que foi separado dos seus irmãos. A sua glória é como o primogénito do seu touro, e os seus cornos são como os cornos dos unicórnios».

Existe ainda um outro ponto que é do mais profundo significado quando se considera a origem de Inglaterra, a saber, que as palavras *Britain*

[Bretanha] e *British* [Britânico] são também derivadas de uma raiz hebraica. «*Brith*» significa aliança, e «*ish*» homem.

Os Israelitas foram sempre conhecidos como o povo da Aliança, sendo a «Aliança entre Deus e a sua raça escolhida» referida uma e outra vez ao longo de toda a Bíblia.

Não é da minha competência, num livro deste género, aprofundar mais este lado da questão da ligação entre as «dez tribos perdidas de Israel» e a raça britânica, mas creio ter dito o suficiente para provar que existe um misterioso significado oculto e um desígnio subjacente à origem da Grã-Bretanha, o qual se tornará ainda mais manifesto quando passarmos a considerar mais adiante o Armagedon, no qual Anglo-Saxões e Israelitas combaterão ombro a ombro para cumprir as profecias feitas há milhares de anos quanto ao destino da Palestina.

Não pode haver dúvidas de que as Ilhas Britânicas são referidas em muitos locais da Bíblia.

Em Isaías, capítulo xlix, versículos 1, 3 e 6, lê-se: «Ouvi-me, ilhas, e escutai vós, povos de longe [...] Tu és o meu servo, ó Israel, em quem serei glorificado. Pouco é que sejas o meu servo para restaurares as tribos de Jacob e tornares a trazer os preservados de Israel».

Também em Isaías, capítulo lx, versículo 9, pode ler-se: «Certamente as ilhas me aguardarão, e os navios de Társis primeiro, para trazerem teus filhos de longe, e com eles a sua prata e o seu ouro».

A explicação da palavra Társis pode ser encontrada no Génesis, capítulo x, versículos 4-5, onde, tratando dos descendentes de Noé, se diz: «E os filhos de Javan: Elisa, Társis, Quitim e Dodanim. Por estes foram repartidas as ilhas dos gentios nas suas terras».

Os filhos de Társis acabaram por possuir a costa ocidental da Europa e esse nome pode ainda ser encontrado em mapas antigos. Esta parte abrangia a região atualmente chamada Espanha, Portugal, França e «as ilhas» da Bretanha. Em alguns mapas antigos, a Bretanha é chamada Javan. No Génesis, capítulo x, versículo 2, é-nos dito que Javan era um dos descendentes de Jafé, o terceiro filho de Noé.

Outras referências aos filhos de Tárzis e Javan são igualmente interessantes e sustentam a minha afirmação anterior de que a Bretanha era conhecida e habitada pelos Fenícios e Israelitas muito antes da invasão romana. Em 2 Crónicas, capítulo ix, versículo 21, falando do reinado de Salomão, afirma-se: «Porque os navios do Rei iam a Tárzis com os servos de Hiram: uma vez de três em três anos vinham os navios de Tárzis, trazendo ouro e prata».

No vigésimo sétimo capítulo de Ezequiel, versículo 12, lê-se: «Tárzis era o teu mercador, por causa da multidão de toda a espécie de riquezas; com prata, ferro, estanho e chumbo negociavam nas tuas feiras», e no versículo 19: «Dan também e Javan, andando de um lado para o outro, ocupavam-se nas tuas feiras».

Tárzis e Javan são também mencionados como um refúgio para aqueles que escaparam do cativeiro dos Assírios. No sexagésimo sexto capítulo de Isaías, versículo 19, lê-se: «E porei entre eles um sinal, e os que deles escaparem enviarei às nações, a Tárzis, Pul e Lud [...] a Tubal e Javan, até às ilhas de mais longe, que não ouviram a minha fama, e anunciarão a minha glória entre os gentios».

É, portanto, evidente que as histórias comuns que descrevem os bretões ao tempo da invasão romana em 55 a.C. como bárbaros semisselvagens estão decididamente erradas, pois mesmo no tempo de Salomão os mercadores de Javan comerciavam com países distantes com navios que transportavam «prata, ferro, estanho e chumbo».

Sir Edward Cressey, na sua *History of England* [História da Inglaterra], escreve: «As minas de estanho britânicas forneceram principalmente o glorioso adorno do templo de Salomão».

Homero, que viveu por volta de 800 a.C., no Livro xviii descreve as fundições de fundição de Tárzis, bem como as cotas de malha feitas na antiga Bretanha trabalhadas «com ouro e latão e estanho».

De facto, a civilização nas «ilhas» da Bretanha e da Irlanda estava muito mais avançada do que a de qualquer país vizinho muito antes de as Legiões de Roma marcharem através da Gália.

O filósofo grego Plínio escreveu: «Todo o Império de Roma era abastecido com estanho e metais provenientes da Bretanha». Diz também que a Grécia era guarnecida com estanho e vários metais vindos da Bretanha já em 907 a.C.

Aristóteles (380 a.C.) menciona as Ilhas Britânicas pelos seus nomes: «Para lá das Colunas de Hércules o oceano flui em redor da terra, neste oceano existem Ilhas chamadas Britânicas, Albion e Ierne (Irlanda)».

Estrabão, que nasceu por volta de 60 a.C., conta a história de um Capitão Fenício que destruiu outro navio para evitar que os seus marinheiros descobrissem onde ficavam as ilhas de Társis.

Tudo isto simplesmente serve para provar quão mais antiga é a civilização britânica do que a maioria das pessoas faz ideia.

Quantas pessoas que contemplaram do alto a cúpula da Catedral de São Paulo sonharam por um momento que esta assenta nas fundações de um Templo Pagão erguido pelos Fenícios ao Deus-Sol numa era muito anterior ao aparecimento do alvorecer do Cristianismo.

Estes admiráveis marinheiros fenícios estavam longe de ser ignorantes. Em 616 a.C., a história diz-nos que navegaram do Mar Vermelho contornando toda a costa da África e regressaram ao Egito através do Estreito de Gibraltar, vinte e um séculos antes de Vasco da Gama descobrir o Cabo da Boa Esperança em 1497.

Acredita-se que os Fenícios com «os que escaparam de Israel» vieram para a Bretanha por volta da época da captura de Jerusalém pelos Assírios (780-760 a.C.). Esta data coincide com a «dispersão das dez tribos perdidas entre os gentios» e justifica, em grande medida, a mistura de religião pagã e hebraica de que ainda encontramos vestígios em Londres.

Como disse anteriormente neste livro, foram os Fenícios que deram o nome a esta Cidade de *El-on-don* — em simbolismo, a Cidade do Sol, como profético da sua glória e posição futuras no mundo dos homens. Na parte mais alta desta cidade, estes antigos Fenícios, no seu maravilhoso conhecimento de Astrologia, construíram um Templo ao Sol no Signo de Gémeos, de outro modo chamado «os Gémeos», ou Gog e Magog, que

desde os tempos mais antigos tem sido considerado como o Signo do Zodíaco que governa Londres.

Ainda hoje, no frontão ocidental desta grande igreja, agora chamada Catedral de São Paulo, podem ver-se as figuras emblemáticas das quatro divisões do Zodíaco como Primavera, Verão, Outono e Inverno, ao passo que no topo deste frontão existe uma representação hieroglífica do Sol no seu ponto mais alto nos céus, a saber, quando entra na constelação do Signo de Gémeos. Desta posição exaltada, os seus raios de glória parecem atingir um homem caído de um cavalo, o que confere o significado astrológico de que o Sol nessa posição do Zodíaco está em oposição ao Centauro, ou metade homem e metade cavalo, da constelação de Sagitário em dezembro, o Signo do Zodíaco exatamente oposto ao de Gémeos.

Este grande edifício, dedicado a «Os Gémeos» pelos antigos Fenícios e mais tarde chamado Castor e Pólux pelos Gregos, considerados os maiores de todos os deuses, ostentou em anos posteriores a designação de Templo de Pólux; a partir daí foi abreviado para Templo de Pol e, quando a Inglaterra se cristianizou, o seu nome passou facilmente para a igreja de Paul [Paulo] e, mais tarde ainda, a Catedral de São Paulo.

Aqueles que não pensam imaginam que a escultura alegórica para a qual chamo a atenção representa a conversão de São Paulo, mas se o fazem, esquecem que na história da conversão não há menção a nenhum cavalo. Pelo contrário, é-nos dito que, quando Paulo se levantou, «foi levado pela mão por aqueles que estavam com ele».[2]

[2]: Atos ix, 8.

A forma de juramento, *Per Aidam Pollucis* — pela Catedral de Pol —, mostra que havia algo fora do comum no tamanho e na grandiosidade da «Catedral de Pol», mas aos olhos dos seus criadores originais esta tinha um significado ainda maior e mais consentâneo com a grandeza da cidade que eles previam que, em anos posteriores, seria construída em seu redor. Não era apenas o facto de os originais Gog e Magog, que mais tarde foram chamados Castor e Pólux, serem os maiores de todos os deuses, mas eram considerados os guardiões da propriedade, o génio da segurança bancária e da riqueza, o que era decididamente apropriado para a grande Catedral de Londres.

Passemos agora através deste grande edifício, da entrada norte para a sul, e ali, bem alto no frontão, pode ver-se a forma de Hércules que, nos tempos antigos, representava a natureza masculina do Sol. Aqui ele representa um homem segurando uma Cruz de Santo André, que é uma cruz em forma de X, um goniómetro ou duplo par de compassos mostrando o ângulo exato feito pelo Sol nos seus dois cruzamentos do Equador naquela era longínqua em que o culto do Sol foi instituído pela primeira vez. Sendo o ângulo indicado por esta cruz agora de cerca de $23^{\circ} 28'$ comparado com o que era quando anotado por Ptolomeu, está a diminuir gradualmente à taxa de um minuto por cada cem anos; consequentemente, daqui a cerca de cento e quarenta mil anos esta cruz estará completamente fechada — a Eclíptica coincidirá então com o Equador e haverá uma igual duração de dia e de noite em toda a terra e durante todo o ano, durando por mil anos, conhecimento do qual poderá ter originado a ideia do milénio prometido.

Esta figura de um homem sob o disfarce do gigante Hércules pode ser observada com a cruz ou medida do ângulo do Sol por trás das suas costas — um símbolo da crucificação do homem. Um sermão em pedra transmitido à humanidade a partir de uma raça do passado longínquo a quem, na nossa sabedoria (?), nos apraz chamar — pagã.

Como estas ideias antigas nos foram transmitidas através dos tempos ou foram ressuscitadas e incorporadas na reconstrução da Catedral de São Paulo, poderá nunca saber-se, mas um ponto que sobressai com estranho significado é o facto de o seu famoso arquiteto, Sir Christopher Wren, seis anos antes de lhe ser solicitado por Carlos II que apresentasse planos para a restauração de São Paulo, ser Professor de Astronomia em Oxford e, consequentemente, ser bem versado na ciência mais antiga da Astrologia. É também um facto curioso que ele tenha escolhido a data de 21 de junho de 1675 para lançar a primeira pedra da nova Catedral, data esta que é o Signo Zodiacal dos Gémeos, ou Castor e Pólux, os mesmos deuses a quem os antigos Fenícios dedicaram o seu Templo pagão de Gog e Magog, e cujo signo Zodiacal tinha sido dado a Londres como seu regente e assim permaneceu desde então.

A história regista que Wren, enquanto jovem, tinha um amigo íntimo em Sir Isaac Newton, e este último era profundamente versado em

Astrologia antes de se dedicar à Astronomia. Aos dezanove anos de idade, o próprio Newton conta-nos que tinha comprado um livro de Astrologia. É, portanto, provável que Wren conhecesse por esta via uma grande parte das ideias astrológicas dos antigos e, assim, as tenha incorporado nos seus desenhos para a reconstrução da Catedral.

Se forem necessários ainda mais exemplos do conhecimento e da sabedoria dos antigos habitantes da Bretanha, devo pedir aos meus leitores que me acompanhem até àquilo que é chamado «*The Temple*» [O Templo], em frente aos Tribunais de Justiça, e caminhem por um momento na atmosfera tranquila dos seus passeios sombrios.

Por que razão foi esta parte de Londres chamada «O Templo», pergunta-se naturalmente? A resposta é dada pela observação de alguns daqueles entalhes encontrados sobre os arcos de muitos dos edifícios dentro dos limites das suas praças do velho mundo.

Poderá surpreender alguns dos meus leitores saber que o significado original da palavra latina «*Templum*» nunca teve qualquer relação com qualquer igreja, capela ou templo dentro dos limites deste lugar. Muitos poderão ficar ainda mais surpreendidos quando eu demonstrar que o seu propósito, tal como planeado pelos seus construtores há muito mortos, era o mesmo para o qual é empregue hoje em dia, a saber, um lugar reservado onde o Direito e a Justiça seriam estudados e administrados.

As palavras podem alterar o seu significado e significância, mas as imagens expressas em simbolismo falam a mesma língua e transportam a sua mensagem ao longo dos séculos quando aqueles que as esculpiram estão completamente esquecidos.

Talvez não tenha reparado que, sobre a entrada principal, no Strand, esculpida em pedra, encontra-se uma figura claramente cinzelada de um Cordeiro com uma cruz apoiada no seu ombro. Muito provavelmente pensou, quando reparou pela primeira vez neste estranho entalhe, que ele teria alguma referência a Cristo como o Cordeiro crucificado. Poderá ter-se perguntado por que razão tal emblema foi erguido num lugar reservado ao Direito, e o seu espanto terá talvez aumentado ainda mais quando encontrou o mesmo símbolo em vários outros edifícios dentro destes recintos. No fim, é bastante provável que tenha chegado à conclusão de que

o emblema de um Cordeiro com uma cruz ao ombro possa ter sido ali colocado como um símbolo de paciência, mansidão e resignação — as qualidades necessárias para aqueles que invocam o auxílio da Lei.

Talvez, ao admitir que o Cordeiro era um símbolo adequado para tal lugar, se tenha intrigado com o significado da cruz — e uma cruz com um aspeto tão imponente, ainda por cima. Se teve alguma experiência daquilo a que Shakespeare chama «as delongas da Lei», poderá ter saltado para a conclusão de que o seu significado num lugar destes deve ter sido o de avisar as pessoas da crucificação mental, se não física, que todos têm de sofrer se a Justiça tiver de ser invocada. No seu desejo de saber se decifrou a resposta correta, poderá, num momento de impetuosidade, ter parado algum discípulo da Lei de vestes negras e ter-lhe rogado uma explicação.

Se se tratasse de um advogado sem causas — e tais curiosidades existem no «*Temple*» —, ele poderá ter tido a cortesia de responder; mas se o fez, quer fosse sem causas ou não, provavelmente tê-lo-ia surpreendido ainda mais ao admitir que nunca reparara nos entalhes a que se referia ou, se tinha reparado, o mais certo seria responder que tais coisas tinham algo a ver com o Cristianismo, passando rapidamente adiante com medo de mostrar ainda mais a sua ignorância.

Surpreendê-lo-á saber que este curioso entalhe de um Cordeiro e de uma Cruz não tem absolutamente nada a ver com a religião cristã e que foi desenhado e empregue séculos antes de a Cruz se tornar um emblema religioso?[1]

[1]: A Cruz só se tornou um emblema do Cristianismo quando o Imperador Constantino a fez como tal no século quarto, e não estava incluída nos símbolos cristãos de Clemente de Alexandria.

É, de facto, um símbolo puramente astrológico que pode ser rastreado até aos antigos Fenícios. Representa o Cordeiro da Vida quando o Sol, no início do Equinócio Vernal, cruza o Equador; por outras palavras, é o «*Passover*» [Páscoa] ou «*cross-over*» [cruzamento]. Fixava o período do ano em que os Israelitas celebravam a sua festa da Páscoa e o mês a que chamavam «o princípio dos meses». Nessas eras longínquas, o equinócio vernal iniciava-se no Signo de Carneiro, a Casa de Marte.

A partir da perfeita equidade do Sol na sua relação com a terra neste período do ano, conferindo como confere igual duração de dia e de noite a todo o mundo, tornou-se o símbolo da equidade, da lei, da justiça e do julgamento entre os homens. É, portanto, lógico encontrar este emblema num lugar reservado ao estudo do direito, e ali erguido por essa raça notável cujos vestígios na Bretanha remontam aos próprios confins da história.

Esta é a origem daquilo a que se chama «*the Temple*» [o Templo] no meio de Londres, em frente aos Tribunais Superiores de Justiça.

CAPÍTULO III

A CASA DE WINDSOR E O SEU DESTINO

O REI JORGE V, A RAINHA MARIA,

E A FAMÍLIA REAL DA GRÃ-BRETANHA

O nome da Casa Real de Hanôver foi alterado por Proclamação Real em Londres, a 17 de julho de 1917, para o de A CASA DE WINDSOR. A mudança foi feita sob aspetos desfavoráveis de Saturno e Marte, um momento distintamente infortunado para escolher para a alteração. Ao ler este capítulo sobre a Família Real de Inglaterra, isto deve ser tido em mente.

O que reserva o Destino para o Rei Jorge Quinto e para a Rainha Maria, e especialmente para aquele favorito geral, o Príncipe de Gales, Herdeiro Presuntivo do Trono do Império Britânico?

Se, como mostrei, o Futuro parece ameaçador para a Europa e as nuvens de tempestade tendem a chover novamente vermelho de sangue, o que será do Monarca cujo reinado tem sido preenchido por ansiedades e pela maior guerra que a Inglaterra alguma vez conheceu, em flagrante

contraste com os dias plácidos de Vitória e a época cheia de prazeres de Eduardo Sétimo?

Não pode haver dúvida de que «o Rei Marinheiro», nascido como foi com o planeta Neptuno a erguer-se no seu nascimento, conquistou o afeto do seu Povo. Além disso, um interesse peculiar centra-se no seu Herdeiro, cujos anos avançados o encontram ainda solteiro, estabelecendo assim um precedente na história dos herdeiros diretos à Coroa de Inglaterra; pois uma tabela daqueles que ostentaram o ilustre nome de Príncipe de Gales não revela nenhum solteiro após a idade de vinte e cinco anos.

No tempo presente, a impressão generalizada que ganha terreno de que o atual Príncipe de Gales não tem inclinação para o uso de uma coroa tem fixado um interesse crescente na atenção estudiosa do seu irmão, o Duque de York, para com os deveres exigentes da vida cerimonial.

Em todas as eras, Reis e Príncipes estiveram estreitamente ligados às investigações da astrologia e do ocultismo. Para seu próprio esclarecimento, mantinham «Videntes» e Astrólogos; ao passo que era uma ideia popular, e não desprovida de verdade, a de que os planetas nos seus cursos contavam a sua própria história de eventos que afetavam os utilizadores da Púrpura. Shakespeare deu voz a isto quando escreveu: «As estrelas proclamam a morte dos Príncipes».

A Rainha Ana, a última monarca inglesa a manter um astrólogo na folha do *Privy Purse* [Bolsa Privada], depositava tal confiança no célebre Von Galgebrok, o mago holandês que dominava a sua corte, que lhe pediu para predizer o ano da sua morte. Ele fê-lo com perfeita exatidão três anos antes do evento, o qual teve lugar a 1 de agosto de 1714.

Consideremos agora as influências astrológicas que afetam a Casa de Windsor. Algumas delas são duvidosas enquanto outras, receio bem, são distintamente ameaçadoras.

Antes de entrar em pormenores, permitam-me explicar as influências astrológicas que governaram o destino da Grã-Bretanha nos dias de abertura da Guerra.

O Rei Jorge V nasceu em Londres, a 3 de junho de 1865, encontrando-se o Sol, à data do seu nascimento, no Signo de Gémeos.

A Rainha Maria, a sua Consorte, nasceu em White Lodge, perto de Londres, a 26 de maio de 1867, com o Sol também no Signo de Gémeos.

O Príncipe de Gales, Herdeiro Presuntivo, nasceu em Sheen, Richmond, Londres, a 23 de junho de 1894, na «cúspide» do Signo de Gémeos, estando o Sol a apenas 2,21 do signo Zodiacal seguinte de Caranguejo.

Lord Kitchener, considerado o principal conselheiro militar do Governo durante a Grande Guerra, nasceu a 24 de junho de 1850, também na «cúspide» de Gémeos-Caranguejo, o mesmo signo.

Ao considerar as influências astrológicas que ensombram o Rei Jorge e a sua Casa, devo registar a notável história oculta ligada à dinastia hanoveriana, como a sua Casa era chamada antes de a mudança ter sido feita por Proclamação Real a 17 de julho de 1917, a qual, no meu entendimento, foi feita num dia em que as influências astrológicas eram extremamente desfavoráveis.

Jorge Primeiro,[2] um Monarca Hanoveriano, casou-se com a sua bela e jovem prima, a Duquesa de Zell por direito próprio. A ligação dela com o romântico aventureiro europeu, o Conde Königsmarck, é um clássico de mistério e romance; na véspera da projetada fuga com o elegante Conde, a Duquesa foi aprisionada pelos criados do seu marido e enclausurada no Castelo de Ahlen, onde permaneceu durante trinta e dois anos. Entretanto, Jorge obteve o divórcio e iniciou o seu reinado como Rei de Inglaterra e, ao mesmo tempo, assumiu a coroa de Hanôver.

[2]: Jorge I faleceu a 11 de junho.

Jorge III nasceu a 4 de junho.

A Rainha Carlota nasceu a 7 de junho.

A Rainha Vitória nasceu a 24 de maio.

S.A.R. O Duque de York a 3 de junho.

S.A.R. A Princesa Maria de Teck a 26 de maio.

S.A.R. O Príncipe Eduardo a 23 de junho.

etc., etc.

A infeliz Duquesa fez uma série de tentativas para recuperar a sua liberdade. Recrutou a ajuda do célebre astrólogo Pard Zepl, uma personagem misteriosa e cosmopolita que afirmava ser uma reencarnação de Alexandre, o Grande. Este Enigma desenvolveu uma afeição apaixonada pela Duquesa aprisionada. Traçou o horóscopo do Rei Jorge Primeiro, documento este preservado durante anos no cofre de arquivos reais da casa ancestral dos monarcas hanoverianos em Hanôver. Prediz que o Rei morreria um ano e um dia depois da Duquesa. Ela faleceu a 10 de junho de 1726; a 11 de junho de 1727, Jorge Primeiro expirou na sua carruagem quando entrava no seu domínio hanoveriano numa das suas muitas visitas.

É notável como o período de abril a julho está ligado ao destino da atual Família Real de Inglaterra. Eventos de suprema importância têm lugar no período de abril a 31 de julho para o Rei Jorge Quinto, o Príncipe de Gales e outros membros da Família Real. No mesmo sentido, este mesmo período foi igualmente significativo para o Rei Eduardo, como lhe expliquei quando conversávamos sobre Ocultismo na sua biblioteca em Marlborough House, antes de subir ao Trono.[3]

[3]: A Rainha Vitória subiu ao Trono a 20 de junho.

Batalha de Waterloo a 18 de junho.

Jorge II subiu ao Trono a 11 de junho.

Guilherme IV subiu ao Trono a 26 de junho.

O Rei Eduardo VII faleceu a 6 de maio de 1910.

O Rei Jorge V sucedeu ao Trono a 6 de maio de 1910.

Jorge V casou-se a 6 de julho de 1893.

Coroado na Abadia de Westminster a 22 de junho de 1911.

A Alemanha assinou o Tratado de Paz a 28 de junho de 1919.

No horóscopo do Rei Jorge Quinto, o Tridente, ou Signo do planeta Neptuno, encontra-se no «signo ascendente» no momento do nascimento. Isto denota que a sua inclinação natural era para com o oceano e a vida de marinheiro; ilustra quão natural é a sua postura franca e calorosa, comentada recentemente pelo Coronel House nas suas cartas íntimas; é justamente chamado «O Rei Marinheiro» como o foi o seu antepassado, o seu trisavô, Guilherme Quarto, também nascido sob o planeta Neptuno.

No horóscopo do Rei Jorge, o signo Régio do planeta Júpiter está quase no meio-céu na Nona Casa, e numa posição poderosa para Carneiro, o Signo Zodiacal que governa a Inglaterra. Assim, mesmo quando ele era um marinheiro e um segundo filho — sem qualquer expectativa de que viria a subir ao Trono, já que o seu irmão, o Duque de Clarence, tinha todo o direito de esperar reinar —, a promessa dos planetas era a de que ele teria uma posição Régia e estaria destinado a usar uma Coroa.

Marte é o planeta regente do Rei Jorge Quinto na Casa de Carneiro (o Signo de Inglaterra). A partir destas influências astrológicas, ele recebeu a realeza e a dignidade natural que bem lhe assentam como Monarca.

Mas a posição de Saturno deve ser considerada; ela é inquietante e ameaçadora ao longo de todo o seu reinado, especialmente quando se percebe que este planeta governa a Rússia no seu Signo Zodiacal, como expliquei na página 38.

A influência deste planeta é desfavorável para o Rei Jorge e também para Carneiro, o Signo Zodiacal de Inglaterra. Saturno apresenta um aspeto maligno e nefasto com uma força crescente à medida que entramos em 1926 e nos anos imediatos seguintes. Promete agitação entre o povo, grandes e desastrosas greves, condições comerciais más e restritas, nuvens densas de guerra em países mais diretamente influenciados por ele, tais como a Índia, a China e a Rússia, e para o próprio Rei promete provações e ansiedades que deverão, no fim, afetar seriamente a sua condição física, especialmente os nervos, o estômago e os órgãos digestivos.

As influências planetárias que governam o Rei Jorge serão desfavoráveis para ele pessoalmente entre 1928 e 1930.[¹] Prevejo nesses anos um tempo crítico e um período de profunda ansiedade para la Família Real e para o Império Britânico como um todo. Este será um período em que Sua Majestade estará peculiarmente exposto a perigos de doença e acidentes de toda a espécie, especialmente aqueles causados pelo ou a partir do ar.[²]

[1]: A grave doença do Rei começou em novembro de 1928 e durou até ao verão de 1930.

[2]: Os pulmões do Rei foram atingidos por inflamação e pneumonia e realizaram-se várias operações a fim de drenar o veneno dos pulmões.

Estes prodígios são estranhos e ominosos e cheios de significado para o Império inteiro, mas ainda mais diretamente para Londres, colocada como está sob Gémeos, a primeira Casa do Ar.

Ao longo de todos os anos de 1927, 1928, 1929 a 1932, os prodígios não são favoráveis para a prosperidade da Inglaterra ou para la Família Real, com exceção do Duque de York. No caso dele, é notável que o signo régio de Júpiter aumente de poder à medida que os anos avançam, o que, como expliquei, foi também o caso do seu Régio pai, antes de haver qualquer probabilidade de este subir ao Trono.

Não apenas o Rei Jorge, mas também a Rainha Maria, cai sob uma combinação de influências adversas.

Nem o Príncipe de Gales escapa a estas sombras cadentes. O seu mapa astrológico mostra influências perplexas e desconcertantes que, da forma mais inquestionável, apontam para mudanças propensas a ter lugar, afetando grandemente o Trono de Inglaterra.

A data de nascimento do Príncipe coloca-o numa categoria de indivíduos que são estranhamente desconcertantes no temperamento. No caso daqueles que vivem vidas comuns, estas peculiaridades escapam a muito comentário ou têm pouco efeito; mas quando se trata de um Príncipe de Sangue, chamado pelo nascimento a preencher uma posição elevada, a questão é muito diferente.

O Príncipe nasceu sob combinações astrológicas peculiares que tornam o seu caráter difícil de compreender. Os seus signos planetários conferem uma intensa inquietação, uma falta de continuidade de pensamento, uma dificuldade de concentração e um amor absorvente pela mudança de cenário e por viagens, bem como uma falta daquilo a que se pode chamar «um sentido de perigo». Fisicamente, encontrar-se-á um nervosismo expresso por movimentos inquietos e falta de repouso, como numa pessoa «para sempre em movimento». Tais indivíduos são aparentemente muito mutáveis e são frequentemente acusados de serem

insinceros. Mas, na realidade, são simplesmente dominados por diferentes estados de espírito — daí o seu aparente caráter de camaleão.

O Príncipe de Gales, nos seus signos, assemelha-se de uma forma estranha ao seu homólogo ancestral, Jorge, Príncipe de Gales, mais tarde Regente, e reinando como Jorge Quarto, «o Primeiro Cavaleiro da Europa». O seu desrespeito pelo cerimonial da Corte causou o afastamento do seu pai, Jorge Terceiro; a sua mente inquieta encontrou uma válvula de escape em viagens e em exóticos planos de construção; os seus modos mutáveis eram, ao mesmo tempo, o desespero e a exasperação dos seus Ministros; contudo, ele tinha um talento maravilhoso para captar e manter o amor popular. As suas relações com o belo sexo permanecem até ao dia de hoje num certo mistério.

Que Jorge Quarto, quando Príncipe, se casou com a Sra. Fitzherbert, é sustentado por documentos históricos; o enlace foi dissolvido por um Ato do Parlamento que limitava os Príncipes Reais a damas nascidas dentro do «círculo de sangue Real», e o seu casamento subsequente com Carolina de Brunswick foi um desastre que culminou na tentativa desta de forçar a sua entrada na Abadia de Westminster para uma coroação que lhe fora negada.

Daí em diante, Jorge Quarto «considerava as mulheres como meros brinquedos de uma hora ociosa, mas esquivava-se de uma intimidade séria», de acordo com Creevey, o Bisbilhoteiro Real.

O atual Príncipe de Gales tem picado a curiosidade muitas vezes com rumores de casamentos que se desvaneceram no ar. Mesmo antes da Guerra, quando era um mero jovem, esteve noivo por rumor de uma Princesa alemã, uma da família Schleswig-Holstein. Disse nessa altura que as indicações astrológicas para o Príncipe colocavam o casamento praticamente em segundo plano.

Desde então, Princesas da Itália, Rússia, Suécia, Noruega, Bulgária e Grécia têm sido confiantemente apontadas como futuras Princesas de Gales. O rumor diz que a Rainha Maria e, em menor grau, o Rei Jorge, se têm preocupado seriamente com este problema do Príncipe que pode ser dado a um leve flirte com o belo sexo, mas que está determinado a não se «estabelecer» até que sinta uma *grande passion*; mas está bem dentro da margem de possibilidade, devido às peculiares influências planetárias a que

está sujeito, que ele acabe por cair vítima de um caso de amor devastador. Se cair, prevejo que o Príncipe abdicará de tudo, mesmo da oportunidade de ser coroado, preferindo isso a perder o objeto da sua afeição.

Como, naturalmente, o Ato de Casamentos Reais limita severamente a sua escolha, tendo de ser prestada consideração à questão da religião, do nascimento e até da condição física da noiva selecionada.

Nascido como foi naquela parte do mês de junho que constitui um período peculiar para os cálculos astrológicos (23 de junho de 1894), pode confiar-se que o Príncipe terá opiniões decididas sobre o amor, e também apresentará as características de aparente mudança que são desconcertantes para aqueles que não conseguem compreender o significado de aparentes alternâncias entre o «quente» e o «frio». Pois as pessoas nascidas sob condições astrológicas tão peculiares exibem notáveis flutuações de sentimento — passam do ardor à indiferença quase em escassos segundos, e são muito propensas a ser acusadas de inconstância.

É instrutivo que os aspetos astrológicos do Príncipe de Gales concordem no essencial com os de quatro dos filhos de Jorge Terceiro, e cada um deles frustrou e desorientou o país pela sua incapacidade de casar «sensatamente» — isto é, de um ponto de vista dinástico e da Corte.

Já tratei dos «casos de amor» do filho mais velho de Jorge Terceiro. O Duque de Clarence, que mais tarde reinou como Guilherme Quarto, viveu durante muitos anos com a Sra. Jordan, a atriz, e com ela teve uma grande família. A sua proposta à Menina Wykeham, que o rejeitou, causou sensação.

O Duque de Kent, o filho seguinte, contraiu uma aliança irregular com Lady Augusta Murray, mas o Ato Real dissolveu-a. Depois, desposou, por outra aliança morganática, Lady Cecilia Buggin, e esta união foi também dissolvida. Viveu durante anos com uma certa Madame Laurent e tinha sessenta anos quando foi induzido, sob pressão, a abandoná-la para casar com a Princesa de Saxe-Coburgo, cujo filho, nascido no Palácio de Kensington a 24 de maio de 1819, estava destinado a ser a Rainha Vitória.

Sua Alteza Real o Príncipe Henrique, nascido a 31 de março de 1900, terá uma vida cheia de acontecimentos, mas não pacífica. Tomará um

interesse ativo em assuntos Militares e correrá grande perigo na Guerra. É provável que seja gravemente ferido por fogo, armas de fogo e explosões, mas a carreira do Exército será a melhor para ele seguir. Sofrerá de problemas na garganta, nariz e ouvidos, de contusões e fraturas de ossos, especialmente nos braços e ombros.

Sua Alteza Real o Príncipe Jorge, nascido a 20 de dezembro de 1902, preencherá altos cargos civis, tais como os de Vice-Rei ou Governador de Colónias. Viajará extensamente e fará muitas viagens marítimas, mas o Mar como profissão ser-lhe-ia desfavorável e também perigoso. Na saúde, terá problemas com o estômago e órgãos internos, bem como com os pés e a parte superior da cabeça.

Vislumbrando o futuro, vejo tempos grandes e ameaçadores a ensombrar a Inglaterra, enquanto sobre o Palácio do Rei Jorge e da Família Real, o presente imediato e os anos vindouros estão cheios de sinais ominosos que não têm paralelo em tempos recentes.

CAPÍTULO IV

O IMPÉRIO BRITÂNICO NO SEU ASPETO MUNDIAL

A PERDA DAS PALAVRAS «REINO UNIDO»

PREDIÇÕES RELATIVAS À CHINA, ÍNDIA,

ÁFRICA DO SUL, AUSTRÁLIA, NOVA ZELÂNDIA E CANADÁ

As palavras «Reino Unido» que foram recentemente retiradas do título Imperial do Rei Jorge Quinto têm um notável significado oculto próprio. Este título passou a existir em 1801 através da união da Grã-Bretanha e da Irlanda e, por estranho que pareça, deve agora desaparecer pela admissão da Irlanda ao estatuto de Domínio.

As palavras «Reino Unido» foram adicionadas ao título Imperial no reinado de Jorge Terceiro, que nasceu no mesmo período do Zodíaco que o atual Rei Jorge Quinto, a saber, naquilo que é conhecido como o Signo de Gémeos.

Sob o reinado de Jorge Terceiro, a Inglaterra perdeu as suas Colónias Americanas, e no reinado de Jorge Quinto ela perdeu a Irlanda.

Estas duas palavras «Reino Unido» traduzidas em números por meio do Alfabeto Místico[1] produzem o total de cinquenta e um para o número composto e seis para o dígito único. No meu *Book of Numbers* [Livro dos Números] expliquei quão importantes e poderosos são estes números. Ilustrei também como os números compostos representam as forças ocultas que atuam no destino de pessoas ou coisas, ao passo que os números únicos representam o estado de existência mais material ou visível.

[1]: *Ver Cheiro's Book of Numbers [O Livro dos Números de Cheiro]*.

O significado do simbolismo do Número 51, que como disse anteriormente é o número composto das palavras «Reino Unido», tem uma importância muito marcante na história da Inglaterra desde o ano de 1801, quando estas duas palavras fizeram a sua primeira aparição como parte do título Imperial.

O que publiquei no meu *Book of Numbers* sobre este número é o seguinte:

«Este número tem uma potência muito poderosa em si próprio. Representa a natureza do guerreiro; promete um avanço súbito naquilo que quer que se empreenda; é especialmente favorável para aqueles na vida militar ou naval e para líderes em qualquer causa.»

Se tal descrição tivesse sido feita propositadamente, não poderia expressar melhor o grande destino que acompanhou o Reino Unido desde 1801 até ao tempo presente.

Para aqueles que são versados na interpretação de sinais e símbolos, o apagar destas palavras mágicas do título Imperial da Grã-Bretanha acarreta um significado extremamente ominoso.

Os Ministros e conselheiros de Sua Majestade, que afinal não passam de joguetes nas mãos do Destino, flutuaram, na sua ignorância e a fim de lisonjear os desejos dos representantes do Estado Livre Irlandês e das

Colónias, com aquela maré misteriosa das coisas que está a causar mudanças em dinastias e nações em todas as partes do mundo.

A Imprensa na América e no Continente foi lesta a perceber que resultados importantes são propensos a seguir-se à confissão aberta de que «o Reino Unido» já não existe. Muitos dos principais jornais nos Estados não hesitaram em classificar esta mudança como «o início da desintegração do Império Britânico».

As mesmas influências ocultas que fizeram com que o Governo de Jorge Terceiro perdesse as Colónias Americanas fizeram com que Governos recentes de Jorge Quinto retirassem as tropas britânicas do Egito, concedessem à Índia a sua própria Marinha, abandonassem a Irlanda e retirassem as palavras mágicas «Reino Unido» da designação Imperial.

Existe também um significado ominoso no facto de este título ter sido retirado num período do ano que, no simbolismo do Zodíaco, está em oposição à Inglaterra, e os mesmos sinais ominosos estavam em operação na conclusão do Tratado entre o partido *Sinn Féin* que fez com que o Sul da Irlanda se tornasse «o Estado Livre Irlandês» e que agora, devido ao facto de a Irlanda ter sido admitida no estatuto de Domínio, é a causa real da alteração no título Imperial e da nova lei que tornou cada Domínio senhor do seu próprio destino.

Desde o Armistício em 1918, as influências planetárias e ocultas que governam o Governo Britânico e os principais membros da Família Real são o que se pode descrever como influências de «cedência» ou «rendição».

Isto é confirmado pela contínua cedência de cada Governo que subiu ao poder desde 1918 perante qualquer manifestação de oposição que tenha surgido. Algumas ilustrações serão suficientes para mostrar o que quero dizer: a submissão aos termos de pagamento dos Estados Unidos para as dívidas da Guerra; o não renovamento da aliança com o Japão em obediência aos desejos da América; o perdão das dívidas de guerra a outras nações; a cedência à exigência da Irlanda do Norte por um Parlamento, seguida pela rendição ao *Sinn Féin*; a Independência Egípcia, uma Marinha nativa para a Índia, a agitação industrial e a redução do Exército e da Marinha da Grã-Bretanha.

Estas influências ominosas e destrutivas devem, lamento dizê-lo, continuar até que surja uma crise na história do outrora chamado «Reino Unido» que será maior do que qualquer outra anteriormente experimentada na sua notável história.

Mudanças estranhas e inesperadas manifestar-se-ão durante os anos de 1928, 1929 e 1930, relativamente às relações entre as Colónias Britânicas e a Mãe-Pátria.

Um novo Partido Político formar-se-á na África do Sul, o qual desenvolverá uma política hostil e agressiva contra a Inglaterra, e tratados e acordos comerciais serão feitos com outros países, os quais causarão severas perdas ao Comércio Britânico.

Um movimento de certo modo semelhante espalhar-se-á pela Austrália e pela Nova Zelândia, mas na Austrália os resultados serão extremamente graves e o elemento «Vermelho» ou Bolchevista tornar-se-á alarmantemente ativo.

Devido ao número esmagador de filmes americanos em comparação com os britânicos que estão a ser exibidos nos Cinemas e Teatros por todas as Colónias, a propaganda a favor de todas as coisas americanas diminuirá materialmente a procura de produtos britânicos, e o comércio de exportação a partir dos portos ingleses sofrerá em conformidade.

Durante 1928,[1] uma medida para lidar com esta questão será ativamente levada perante o Parlamento e uma grande soma de dinheiro será votada para subsidiar a manufatura de filmes ingleses na Inglaterra. Devido às condições climáticas e à falta de uma política fixa, este esforço falhará mais ou menos e muitas companhias de cinema britânicas serão forçadas à liquidação.

[1]: Isso teve lugar.

Mudanças extraordinariamente anticonvencionais e, em muitos casos, revolucionárias terão lugar durante 1928, 1929, 1930 e 1931 em ligação com o Parlamento. O Socialismo e o Partido Trabalhista darão passos rápidos e a ameaça Bolchevista tornar-se-á ainda mais aguda.

Uma greve de importância de longo alcance será ameaçada durante a primeira parte de 1928 por trabalhadores dos transportes e caminhos de ferro, mas métodos invulgares adotados pelo Governo evitarão que este perigo chegue a um ponto crítico.

Devido à queda das receitas, um novo sistema de tributação será apresentado, o qual conduzirá à oposição e a perturbações por toda a Grã-Bretanha.

Os problemas na Índia assumirão grandes proporções durante 1928, 1929, 1930, 1931, e muitos dos mais poderosos Marajás ficarão insatisfeitos com o domínio britânico nesse país.[2] Graves motins e comícios eclodirão em muitas partes da Índia, especialmente na Birmânia, e todas as possessões inglesas no Extremo Oriente serão ameaçadas por derramamento de sangue e rebelião.

[2]: Isto teve lugar na oposição de Gandhi ao Monopólio do Sal do Governo.

O Canadá será o único ponto brilhante no Império Britânico. A indústria e o comércio crescerão rapidamente de Este a Oeste. O dinheiro americano desenvolverá cada vez mais, todos os anos, as indústrias canadianas. Um acordo comercial de trabalho de grande importância será feito entre os Estados Unidos e o Canadá. As restrições fronteiriças serão de tal modo reduzidas que as viagens e o comércio entre os dois países serão enormemente aumentados.

Durante os próximos anos, um plano de magnitude colossal será levado a bom termo pelos Magnatas dos Caminhos de Ferro e da Navegação do Canadá e dos Estados Unidos na criação de uma via navegável para abrir os lagos e rios da América do Norte, e trazer navios de transporte oceânico de Este a Oeste através desse grande Continente.[3]

[3]: Isto já se está a cumprir nas negociações recentemente abertas entre os Governos do Canadá e dos Estados Unidos.

CAPÍTULO V

A ORIGEM DOS ESTADOS UNIDOS E O SEU AVANÇO FUTURO

O SIGNIFICADO OCULTO DOS SEUS SÍMBOLOS HERÁLDICOS

Essa grande Nação conhecida como os Estados Unidos da América passou a existir a 4 de julho de 1776. Ao longo de todo o anterior mês de junho, negociações para um evento tão notável como o «nascimento de uma nação» estavam a ser concluídas, a Conferência Continental tinha-se reunido em Filadélfia e a Declaração de Independência tinha sido acordada.

Tudo isto teve lugar em estrita conformidade com o facto de que, desde eras passadas, fora estabelecido pelos antigos Mestres de Astrologia e Ocultismo que o Signo do Zodíaco que governa os Estados Unidos, ou naqueles dias, aquela parte do Universo em que a América do Norte foi finalmente descoberta, era a Casa ou Signo de Gémeos, de outro modo chamado «a Casa dos Gémeos», e a primeira Casa do Ar. De um livro muito antigo na minha posse, que contém tábuas astrológicas copiadas de manuscritos antigos, é interessante citar quais eram, nesses dias longínquos, muito antes de o Continente da América ser descoberto, as qualidades representadas pelo Signo de Gémeos, as quais são extremamente descritivas do povo dos Estados Unidos tomado como um todo.

«Este Signo dos céus produz pessoas de estatura geralmente ágil, esguia, ativa e enérgica, de uma tez amarelada, olhos perspicazes de visão rápida, com um aspeto inteligente e ativo, cabelo escuro ou castanho, bastante fino, pessoas nervosas altamente ansiosas, inquietas e sempre em movimento, nunca satisfeitas, sempre a construir, a reconstruir, a construir e a reconstruir. Mentalmente, este Signo dos céus produz pessoas de intelecto agudo, dotadas de mais invenção e génio do que qualquer outro signo do Zodíaco.»

O Signo de Gémeos tem o planeta Mercúrio como seu regente no seu aspeto positivo ou mais forte, e novamente a partir das mesmas autoridades, a seguinte é uma descrição das qualidades dadas às pessoas nascidas sob este planeta.

«A mente é forte, vigorosa, ativa, investigadora, exaurindo ambos os mundos e imaginando novos, a memória retentiva e tenaz, herdando uma sede natural de conhecimento que todos os poços da ciência descoberta não conseguem saciar, mas ainda assim a alma intelectual deseja ardente e

aspirante por armazém após armazém de saber filosófico, clássico ou celestial; geralmente os oradores mais eloquentes, os filósofos mais hábeis, os matemáticos mais eminentes, e os mais raros e curiosos da humanidade estão sob a influência deste planeta. Na aparência, o tipo verdadeiro é o de um corpo alto, ereto, esguio e magro, nariz comprido, rosto comprido, olhos escuros, cabelo escuro, pernas e braços finos com mãos compridas e bastante ossudas.»

Se as descrições acima tivessem sido escritas de propósito, não poderiam descrever mais claramente a figura simbólica do «Tio Sam» tal como ele é geralmente retratado, e no entanto devemos lembrar-nos de que tudo isto foi compilado pelos antigos Astrólogos muitos milhares de anos antes do nascimento de Cristo.

Consideraremos agora o significado do simbolismo Heráldico das nações, especialmente o dos Estados Unidos, o qual lança uma luz maravilhosa e iluminadora sobre esse misterioso Destino dos países que é tanto interessante como instrutivo.

É impossível dizer definitivamente como ou quando os símbolos heráldicos que se tornaram tão intimamente associados às nações tiveram a sua origem. Existem alguns que, sem dúvida, foram lentamente criados pela história antiga do país ou terra que representam, ao passo que outros são de uma origem mais oculta ou misteriosa, mas todos e cada um foram pensados e criados com algum propósito e significado definidos, por vezes velados ou ocultados pelo simbolismo, e muitas vezes traduzidos e explicados por ele — e apenas por ele.

Um exemplo notável disto é esse orgulhoso emblema da França sob a Monarquia — a *Fleur de Lys* [Flor de Lis]. Tapeçarias antigas encontradas na Catedral de Reims explicam a sua origem, que poderá surpreender muitas pessoas ao saberem que foi muito humilde. Parece que, nos primeiros dias da história francesa, o exército conquistador que produziu a primeira dinastia de Reis, vindo de extensões no centro da França onde as rãs eram mais numerosas e não tendo talvez nesses dias um Comissariado bem organizado, se alimentava largamente de rãs. Eventualmente, para se distinguirem de outras secções, adotaram a rã como seu emblema e bordaram-na nos seus estandartes.

Como é mostrado pelas velhas tapeçarias nas paredes da Catedral de Reims, com o passar do tempo a forma da rã tornou-se cada vez mais idealizada: primeiro o corpo tornou-se mais longo, depois os ombros foram feitos mais largos, as pernas traseiras mais curtas, e no fim a rã assumiu a aparência de uma *Fleur de Lys* e permaneceu assim desde então.

No caso da Inglaterra, o emblema dos antigos Saxões foi primeiro um «touro», muito provavelmente devido às «dez Tribos perdidas» que vieram para o Norte com os Fenícios e outras raças e se estabeleceram na Inglaterra. Relatei anteriormente nestas páginas que a história hebraica nos diz que a Insígnia da Casa de José era um «*engl*», também escrito «*angl*», um touro, o qual no fim deu o nome de *England* [Inglaterra] ao país. Centenas de anos mais tarde, os Romanos levaram consigo cativos daquilo a que chamavam *Angleland* e chamaram-lhes «*Angles*» [Anglos], o que é bastante provável ser a origem de os países latinos chamarem à Inglaterra, *Angleterre*, como o fazem até ao dia de hoje. Como expliquei anteriormente, temos aqui, então, a origem de a figura simbólica para a Inglaterra ser representada por «*John Bull*».

Quando os Normandos conquistaram a Inglaterra em 1066, a Bandeira e o brasão de Guilherme o Conquistador eram um único Leão rampante, mas duas gerações mais tarde, quando os seus descendentes reivindicaram os três países da Inglaterra, Normandia e Bretanha, colocaram três Leões nos seus estandartes, e assim este emblema do Leão suplantou o do Touro e tornou-se o principal símbolo heráldico da Grã-Bretanha. O outro emblema nacional da Inglaterra, o Unicórnio, como mencionei na página 65, é derivado de uma fonte totalmente diferente.

É um facto curioso que as únicas duas grandes nações que possuem o emblema do Leão em ligação com as suas Armas Nacionais são a Bretanha e o Japão, e existe uma massa de evidência que serve para provar que o longínquo Japão foi povoado por uma parte de Israel após terem sido expulsos de Samaria. Isto pode explicar a origem da famosa classe chamada *Samurai*, que orgulhosamente se gaba de ser a raça mais antiga do Japão. É também um facto curioso que descobrimos que o Rei Salomão foi coroado no Palácio de Gihon e existe também no Japão um antigo Palácio chamado exatamente pelo mesmo nome — Gihon.

Quando se considera o simbolismo contido nos Emblemas e Insígnias das Nações, somos constrangidos a acreditar que alguma força oculta ou inspiração Divina reside por trás do significado que se encontra expresso neles. Nos primeiros dias dos Israelitas, os seus Emblemas ou Estandartes eram de uma fundamentação astrológica; a história diz-nos que eles marcharam para fora do cativeiro no Egito sob Estandartes que representavam as quatro divisões do Zodíaco. Em Números, capítulo ii, versículo 2, lê-se: «Cada homem dos filhos de Israel acampará junto ao seu próprio estandarte, com a insígnia da casa de seus pais», e em Jeremias a ordem é claramente dada: «Anunciai entre as nações, e publicai, e levantai um estandarte».

Consideraremos agora o Estandarte e os emblemas Heráldicos «levantados e publicados» pelos Estados Unidos ao tornarem-se uma nação. A história não nos diz quem foram os homens que, obedecendo às ordens do Congresso, delinearam os símbolos heráldicos, os emblemas e o Selo dos Estados Unidos.

Se for verdade que «pelos seus frutos os conhecereis», então, neste caso, temos todo o direito de acreditar que tais homens, quem quer que tenham sido, não só foram inspirados, mas eram também profundos estudantes de Astrologia, pois não existem «insígnias» ou emblemas de qualquer nação mais grávidos de misterioso significado oculto e de verdade do que os dos Estados Unidos.

Em primeiro lugar, estes homens estavam evidentemente bem cientes de que o seu país era governado pelo Signo de Gémeos, e nascera como Nação nesse Signo. Consultando a antiga obra sobre Astrologia que mencionei anteriormente, esta afirma claramente que «as cores do Signo de Gémeos são o vermelho misturado com o branco» e, assim, ordenou-se que a Bandeira da nova Nação fosse feita com listas alternadas de vermelho e branco. Além disso, como Gémeos é a primeira Casa na Triplicidade do Ar, a Águia, a Rainha do Ar, foi escolhida como um símbolo especial — e talvez profético de que os Estados Unidos estavam predestinados a ter o domínio do Ar.

Olhando retrospectivamente para as cópias daquelas velhas tábuas de Astrologia feitas nos tempos dos maiores astrólogos que o mundo já viu,

leio: «este signo (Gémeos) governa todas as coisas relacionadas com o ar — máquinas que flutuam no ar e invenções a ele respeitantes de toda a espécie». Estranho, não é, olhar para trás e recordar que foi graças ao trabalho de dois americanos, os irmãos Orville e Wilbur Wright de Ohio, que as máquinas voadoras e os aeroplanos foram trazidos pela primeira vez para o uso prático.[1] A «águia de asas estendidas» é, portanto, em todos os sentidos, um verdadeiro símbolo dos Estados Unidos e pode bem ser uma promessa do seu futuro no domínio do Ar.

[1]: *O maravilhoso voo de avião do Coronel Lindbergh sozinho no «Spirit of St. Louis» através do Atlântico até Paris, em junho de 1927, será também recordado.* — [ED.]

A história ensina-nos que a Águia era um dos quatro estandartes sob os quais os israelitas marcharam para fora do cativeiro dos egípcios e, mais ainda — enquanto os outros estandartes ocuparam as posições que lhes foram atribuídas a Este, Oeste e Sul —, o estandarte da Águia ficou a Norte. Foi, por isso, de facto apropriado em todos os aspetos que os americanos, ao marcharem para fora do seu cativeiro em relação aos ingleses, tivessem escolhido a Águia como o seu símbolo — o Estandarte do Norte dos antigos israelitas —, o emblema da liberdade e, como declarei antes, a promessa da sua futura conquista do Ar.

Analisemos agora um pouco mais de perto o símbolo da Águia tal como está gravado nas Armas Nacionais dos Estados Unidos. Na garra direita está um ramo de Oliveira — emblema de paz e abundância. Na esquerda, um feixe de setas pontiagudas — emblema de defesa. Poderia algum elemento ser mais apropriado? Poderia algum ter sido mais bem pensado? Há, contudo, ainda mais a acrescentar. Quando os Estados Unidos se tornaram uma Nação, eram compostos por treze Estados, treze representantes assinaram a Declaração de Independência, treze listas alternadas de vermelho e branco flutuaram na primeira bandeira americana juntamente com as suas treze estrelas que Washington hasteou sobre o seu Acampamento, e uma salva de treze canhoneio anunciou esse facto ao mundo.

Voltemos novamente para a Águia americana; descobrirá que o ramo de oliveira tem treze folhas, também que existem treze setas, e acima da

cabeça da Águia encontram-se treze estrelas e em cada asa há treze penas. No pergaminho transportado pela Águia está a famosa divisa *E Pluribus Unum*, perfazendo treze letras.

Num dos lados do Grande Selo dos Estados Unidos da América encontra-se um dos mais notáveis exemplos de simbolismo que se pode encontrar entre os sinais heráldicos de qualquer nação. Trata-se de uma Pirâmide inacabada construída com treze degraus que se elevam a partir da base de rocha sólida; acima, suspensa no ar, está a Pedra de Topo com um «olho que tudo vê» no centro do triângulo e, acima dela, encontram-se as palavras místicas «*Annuit Coeptis*», contendo novamente treze letras e significando «Ele prosperou o nosso começo», pois o desenho destina-se claramente a mostrar, pelo facto de a Pedra de Topo não ter descido para o seu lugar, que o trabalho está ainda inacabado. Por baixo de tudo está a divisa explicativa cheia de significado e profunda importância — *Novus Ordo Seclorum* (uma poderosa ordem de Eras nasce de novo).

A Maça na Câmara dos Representantes é feita de treze varas de ébano unidas por bandas de prata. Existem treze barras no Escudo Nacional sobre o peito da Águia. Estas treze barras unem-se a uma Barra no topo, a qual possui em si mesma um significado oculto peculiar que irei agora explicar.

À primeira vista, pareceria àqueles que não compreendem a real significância dos Números que treze é o número representativo dos Estados Unidos. De um certo ponto de vista isto é assim, mas de modo algum cobre a profundidade de significado que está ocultada pelo número treze.

Deve ter-se em mente que, como existem apenas nove planetas a controlar esta Terra, para além do número Nove não podemos ir no que diz respeito aos números comuns. Os números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 são o que bem se pode chamar «acordes de massa de harmonia» ou «vibração de massa». Dez é simplesmente uma repetição de 1 com um zero, um 11 pode ser reduzido, por adição, ao «acorde de massa» de 2, o 12 a um 3, o 13 a um 4, e assim sucessivamente com cada número; e não importa quantos números uma cifra possa perfazer, todos podem ser reduzidos por adição a um único dígito, o qual, por sua vez, se torna a raiz do número maior e o seu princípio básico.

O «acorde de massa», portanto, do número treze que está tão em evidência em ligação com os assuntos nacionais os Estados Unidos é 1 mais 3, um 4, para o seu número único ou de «massa».

Este número, no ocultismo e na Astrologia, representa o planeta Úrano. Tanto este planeta como o seu número representam «uma nova ordem de coisas» e, assim, confirmam a divisa gravada no Grande Selo dos Estados Unidos, *Novus Ordo Seclorum* (uma poderosa ordem de Eras nasce de novo).

No ocultismo, este número de 4 é escrito como 4 hífen 1, ou simplesmente 4-1, e representa Úrano 4 e o Sol 1. Estes números são chamados simpáticos ou permutáveis com o número 2-7, que representa a Lua 2 e Neptuno 7, e são especialmente importantes se uma pessoa, uma Nação ou uma coisa nascer ou for criada sob um destes números entre 21 de junho e 21 de julho (período ou Casa da Lua e de Neptuno), ou de 22 de julho a 22 de agosto (período ou Casa do Sol e de Úrano). Segue-se, portanto, que os números e datas mais importantes que desempenham o maior papel na história dos Estados Unidos são, primeiro, a série do 4 e do 1, tais como o 1, 4, 10, 13, 19, 22, 28 e 31 e, de uma forma menor ou mais secundária, la série do 2 e do 7, tais como o 2, 7, 11, 16, 20, 25 e 29; mas, por conta da importância do Planeta Úrano nos assuntos dos Estados Unidos, o 4 é o número básico ou principal. Esta estranha lei dos números encontrar-se-á confirmada da forma mais impressionante, como mostra a seguinte ilustração do «acorde de massa», o 4-1 do número treze em ligação com o simbolismo dos Estados Unidos e as datas de acontecimentos que influenciaram os assuntos da Nação:

- Aniversário de Washington (primeiro Presidente dos EUA) — 22 de fev. representando um 4
- Declaração de Independência — 4 de julho representando um 4
- Jorge III (o Rei que provocou a guerra), nascido — 4 de junho representando um 4
- Congresso Continental, Filadélfia — 10 de maio representando um 1
- Primeira Ordem para Tropas na Guerra Civil — 13 de abril representando um 4

- Rendição do Forte Sumter — 13 de abril representando um 4
- Batalha do Forte Donaldson — 13 de fev. representando um 4
- Batalha de Fredericksburg — 13 de dez. representando um 4
- Almirante Dewey entrou na Baía de Manila — 1 de maio representando um 1
- Captura de Manila — 13 de ago. representando um 4
- Presidente Woodrow Wilson, nascido — 28 de dez. representando um 1
- Presidente Wilson chegou à França — 13 de dez. representando um 4
- Partiu a primeira escolta de Navios para a Grande Guerra — 13 de junho representando um 4
- General Pershing, nascido — 13 de set. representando um 4
- Batalha decisiva das tropas dos EUA em St. Mihiel — 13 de set. representando um 4
- Joseph Jefferson (autor da Declaração de Independência), nascido — 2 de abril representando um 2; faleceu — 4 de julho representando um 4
- Presidente McKinley, nascido — 29 de jan. representando um 2; Declarou Guerra à Espanha — 20 de abril representando um 2
- Presidente James Monroe (famoso pela doutrina Monroe), nascido — 28 de abril representando um 1; faleceu — 4 de julho representando um 4

Com uma História Americana diante de si, os meus leitores não terão dificuldade em acrescentar muitas outras ilustrações. Procurarei agora explicar um lado ainda mais curioso dos números, o qual esclarecerá mais cabalmente a significância do número treze.

No meu *Book of Numbers*,^[2] recentemente publicado na Inglaterra e na América, apresentei em detalhe o significado oculto de todos os Números de 1 a 9, juntamente com o significado daquilo a que se chama os

«números compostos», a saber, todos aqueles após os «acordes de massa» 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9. Neste livro expliquei que os números de 1 a 9 «pertencem ao lado físico ou material das coisas e os 'números compostos' a partir do 10 pertencem ao lado mais oculto ou espiritual da vida». Por outras palavras, os «números compostos» representam as forças ocultas que desempenham o seu papel no plano de fundo da pessoa, nação ou coisa representada pelo «número composto».

O sistema que dei ao mundo é distinto e diferente de todos os outros livros que foram escritos sobre o lado oculto dos Números. É um sistema que eu próprio comprovei após longos anos de trabalho profissional e estudo pessoal. É o mais simples de utilizar, o menos confuso no método e o mais fiável de todos os muitos sistemas que examinei. É um sistema que tem sido empregue pelos Mestres do Ocultismo desde as eras mais longínquas. Foi mantido oculto das massas por sociedades ocultas secretas e por outros meios, mas é agora libertado para o mundo em geral por causa da «nova era» de que nos estamos tão rapidamente a aproximar.

[2]: «Cheiro's» *Book of Numbers*. Herbert Jenkins Ltd.

O simbolismo dado aos Números foi originalmente exposto em imagens e é tão antigo que ninguém pode dizer de onde veio. Esforcei-me, no meu *Book of Numbers*, a que aludi, por traduzir este simbolismo numa linguagem clara que qualquer pessoa de intelecto médio fosse capaz de compreender. Para os propósitos do livro que temos diante de nós, creio ser apenas necessário dar o significado oculto ou esotérico para o número treze, que é o que concerne ao assunto — os Estados Unidos, sobre os quais estou a escrever. Mas se os leitores desejarem descobrir o seu próprio número «fádico» ou importante, ser-lhes-á fácil obter o livro que mencionei sem confundir a questão que estamos a considerar nestas páginas.

O que escrevi e publiquei no meu *Book of Numbers* sobre o significado do número «composto» treze é o seguinte:

«Este é um Número que indica uma contínua mudança de planos, de lugar e afins, e não é infortunado como geralmente se supõe. Em alguns escritos antigos diz-se: 'Aquele que compreender o Número 13 receberá poder e domínio.'... É simbolizado pela imagem de um Esqueleto, ou a Morte com uma foice a ceifar os homens. É um Número de sublevação,

destruição e recriação. É um símbolo de Poder que, se for erradamente utilizado, causará a destruição sobre si próprio. É um número de aviso se se tornar um número 'composto' nos cálculos de alguém.»

Olhando retrospectivamente para as imagens simbólicas no livro antigo do qual traduzi a passagem acima, verifico que este afirma ainda: «O Número 13 representa uma Nova Era ou uma nova ordem de coisas».

Isto está completamente em conformidade com a ideia expressa na divisa no Grande Selo dos Estados Unidos «*Novus Ordo Seclorum*» e confirma o que disse antes: que os homens a quem foi confiada a criação dos emblemas Heráldicos do seu País possuíam um profundo conhecimento de Ocultismo e de Astrologia, e foram sem dúvida inspirados ao realizar este trabalho.

Que as pessoas sejam «inspiradas» no trabalho que são chamadas a realizar é, mesmo nesta era materialista, mais ou menos reconhecido; portanto, poderá não ser descabido concluir este capítulo sobre a seleção dos emblemas os Estados Unidos com as palavras de Isaías, capítulo 42, versículo 16: «E guiarei os cegos por um caminho que não sabiam, fá-los-ei caminhar por veredas que não conheciam; tornarei as trevas em luz perante eles, e as coisas tortas em direitas.»

CAPÍTULO VI

A ORIGEM DOS ESTADOS UNIDOS

E O SEU AVANÇO FUTURO (Cont.)

Antes de deixarmos esta questão do simbolismo da Águia em ligação com o Destino dos Estados Unidos, gostaria de chamar a atenção para um facto, ou coincidência, chamem-lhe o que quiserem, extremamente notável, no qual o misterioso simbolismo da Águia figurou, por volta do fim da Grande Guerra. Devido ao turbilhão do período e à subsequente conclusão do terrível conflito, a significância da ocorrência que estou prestes a relatar tem sido descurada.

Ela é a seguinte: uma nova Estrela, e uma de primeira magnitude, apareceu subitamente na Constelação de *Aquila* (a Águia) na noite de sábado, 8 de junho de 1918, por volta da altura em que as Tropas Americanas iniciaram a sua entrada na Guerra. Por medo de que as pessoas pensem que estou a dar demasiada ênfase a um facto como o aparecimento desta nova Estrela, copiarei o que apareceu no habitualmente «factual» *The Times* de Londres, sob a data de quinta-feira, 12 de junho de 1918:

«O aparecimento de uma nova estrela na constelação Aquila, para a qual o Astrónomo Real (Sir Frank Dyson) chamou a atenção no *The Times* de segunda-feira, despertou uma grande quantidade de interesse. A presente é certamente a estrela temporária mais brilhante que brilhou no firmamento desde a célebre de 1604. A nova estrela constituirá seguramente um dos principais acontecimentos astronómicos do nosso tempo.» No mesmo número deste jornal apareceu outro artigo intitulado «A Nova Estrela».

«Uma grande estrela branca flutuou na nossa perspetiva e surge num momento em que a humanidade procura um novo mundo. Certamente uma nova estrela de primeira magnitude, descoberta por vários olhos ao mesmo tempo e prontamente afiançada por Greenwich, é um prodígio. Poderemos dizer mais? Poderemos saudá-la como um presságio de vitória na grande luta entre o Poder e o Direito? Quem nos dera que pudéssemos.

Quando, em 1572, Tycho Brahe observou uma nova e brilhante estrela que brilhava como Júpiter, essa estrela inaugurou o período mais brilhante da História Inglesa, e talvez esta nova estrela, que se crê ser 'perfeitamente estelar', seja um acontecimento no limiar da nossa nova era. Seguramente há aqui, para a mente mística, uma insinuação de esperança, não para este ou aquele monarca, nem mesmo para esta ou aquela nação, mas para a humanidade em geral, tal como a Estrela de Belém foi uma insinuação de que uma nova era se abria para os cansados filhos dos homens.

A estrela surge num momento não totalmente incomparável com aquele momento do nascimento de Cristo, quando o mundo romano estava saciado... Ela surgiu quando o mundo se encontra novamente num ponto de viragem.»

Tal foi o relato no *The Times* sobre o aparecimento de «um dos principais acontecimentos astronómicos do nosso tempo», mas muitas das

indicações de significância ainda mais profunda têm sido descuradas, como por exemplo o facto de a Estrela ter brilhado subitamente nos céus na noite de sábado, 8 de junho de 1918, na conclusão de seis meses certos, até ao dia, a contar de 9 de dezembro de 1917, o dia em que os turcos entregaram Jerusalém, e exatamente três meses antes de as Tropas Americanas sob o comando do General Pershing vencerem uma batalha decisiva da Guerra através do rompimento do saliente de St. Mihiel, a 13 de setembro. Outro ponto ao qual não tem sido dada a devida atenção é que esta estrela apareceu na constelação de Águia, a Águia, o símbolo na Heráldica dos Estados Unidos, e escassos cinco meses e alguns dias antes de o Armistício ser assinado, a 11 de novembro.

Esta estrela apareceu num dos períodos mais críticos da Grande Guerra na constelação da Águia, e é admitido por todos os observadores imparciais que foi devido ao facto de os Estados Unidos terem despejado as suas tropas frescas na zona de Guerra que o moral do Exército Alemão e da Nação Alemã por trás dele se reconheceram derrotados.

Também se descurou que, enquanto esta estrela nascia no Este, o Sol, no outro lado do mundo, se encontrava em eclipse, o qual foi o único eclipse total do Sol durante o ano de 1918. Para aqueles que têm o privilégio de possuir «uma mente mística», pareceria que, na insondável sabedoria do Senhor dos Exércitos ou Senhor dos Céus, uma mensagem significativa foi enviada a toda a humanidade, vislumbrando a própria causa do fim da Guerra e, ao mesmo tempo, chamando a atenção para o início do cumprimento da «promessa» aos escolhidos de Israel, de que «os Tempos dos Gentios» estavam a chegar ao fim, que Jerusalém estava liberta do cativeiro de séculos e que a Terra prometida a eles como sua herança estava prestes a ser restaurada.

Outra ocorrência muito notável teve lugar quando esta nova estrela apareceu na constelação da Águia no sábado, 8 de junho de 1918.

Nesse mesmo dia, um dos maiores navios da Marinha Britânica foi lançado ao mar e o nome dado a este navio foi *H.M.S. Eagle*. Esta coincidência, se é que lhe devemos chamar tal palavra, foi enfatizada pelo facto de ter surgido na mente dos Ministros de Sua Majestade o Rei Jorge que a aprovação expressa do Rei pudesse ser concedida para que a esposa

do Embaixador Americano estivesse presente neste lançamento e para que ela desse o nome de *Eagle* ao navio. O seguinte é o aviso deste acontecimento que apareceu nas páginas do *The Times* na quinta-feira, 13 de junho de 1918:

«O Quartel-General Naval dos Estados Unidos em Londres anuncia que a Sra. Page, esposa do Embaixador Americano, batizou o *H.M.S. Eagle*, um dos maiores navios da Marinha Britânica, no seu lançamento no estaleiro dos Srs. Armstrong Whitworth & Co., no Tyne, no sábado. A Sra. Page foi convidada a ser a madrinha oficial do *Eagle* por Sir Eric Geddes, o Primeiro Lorde do Almirantado, com a aprovação expressa do Rei.»

E isto ainda não é tudo nesta estranha história de coincidências (?). Embora este navio seja descrito no relato do *The Times* como «um dos maiores navios da Marinha Britânica», não era um couraçado, como se poderia inferir, mas um porta-aviões, o maior do seu género e um que custou a enorme soma de Quatro Milhões de Libras.

CAPÍTULO VII

O DESTINO DOS ESTADOS UNIDOS

Como expliquei num capítulo anterior, os números 4-1 e os planetas Úrano e o Sol possuem grande importância em ligação com o Destino dos Estados Unidos, com o seu regente Zodiacal, o Signo de Gémeos, a Casa positiva do planeta Mercúrio.

O Sol, emblema da riqueza, juntamente com Mercúrio, emblema do comércio, dos negócios, da especulação e da invenção, são os planetas distintivos desta Nação; esta combinação com Úrano, o planeta da «nova era» e do «novo pensamento», era uma promessa, desde o próprio começo, de uma prosperidade sem precedentes para os Estados Unidos.

A influência do número básico 4, o número de Úrano, fez com que esta nação planeasse para si própria uma nova ideia de Governo e a eleição do Congresso de quatro em quatro anos, em vez de seguir a ideia inglesa de um governo eleito de sete em sete anos. Como o planeta Úrano é o planeta

especial da Democracia e representa «o povo», o verdadeiro Governo dos Estados Unidos permanecerá sempre nas mãos do «povo» e a Autocracia de qualquer «líder» nunca durará muito tempo numa nação assim. O controlo das massas será sempre o «ponto crucial» da situação num país deste género e, nos anos vindouros, apresentará dificuldades cada vez maiores.

A partir de 1929, o Governo terá de estar preparado para enfrentar um novo programa contendo algumas propostas surpreendentes que serão apresentadas por Líderes Trabalhistas, juntamente com um rápido aumento de ideias Comunistas e Bolshevistas e o emprego da «bomba» e de dinamite para impor as suas exigências.[1]

[1]: A execução de Sacco e Vanzetti e os atentados à «bomba» durante 1927 serão recordados. — [ED.]

Durante 1929 e os anos seguintes, e até que o Deus da Guerra desembaiasse novamente a espada, a ilegalidade e o crime estarão em crescendo e varrerão o país de uma ponta à outra.

O Governo será severamente criticado tanto pela sua política interna como externa e, nos próximos anos, muitos dos Estados iniciarão um movimento — o qual se tornará cada vez mais ativo — para o controlo individual dos seus próprios assuntos, especialmente sobre o tema da proibição e das Leis do Divórcio. O resultado imediato disto será que alguns Estados serão Estados de proibição, e outros o inverso, de acordo com o voto individual de cada comunidade.[2]

[2]: O Estado de Nevada iniciou esta ação na Primavera de 1931. — [ED.]

A política externa do Governo durante os próximos anos será censurada por conta da atitude dos Estados Unidos em relação a alguma Potência Estrangeira, a qual será desagradável para o público em geral.[3]

[3]: O Acordo Naval com a Inglaterra durante 1930. — [ED.]

Para os próximos cinco anos, uma enorme expansão do comércio terá lugar em indústrias como o Aço e o Ferro, Maquinaria de toda a espécie e

fábricas de armamento, especialmente com países como a China, a África do Sul, a América do Sul, a Rússia, a Turquia e a Palestina, e fortunas cada vez maiores serão feitas nesses ramos de negócio durante estes anos.

Os «Interesses do Petróleo» dos Estados Unidos ver-se-ão envolvidos numa acesa luta com os interesses britânicos em várias partes do mundo.[4]

[4]: A companhia inglesa Shell Oil Co. apresentou uma proposta inferior à das companhias de petróleo dos EUA nos primeiros meses de 1931 para o fornecimento de Petróleo Bruto e Gasolina para a Marinha Japonesa. — [ED.]

A situação alfandegária no México assumirá uma importância crescente e surgirão desenvolvimentos que exigirão o exercício de grande paciência e diplomacia. A guerra nesta região poderá ser adiada por algum tempo, mas não por muito. O destino final dos Estados Unidos forçá-los-á a tornarem-se os guardiões tanto do México como de todos os outros países até ao sul do Canal do Panamá.

Durante 1927, uma poderosa combinação financeira americana formar-se-á para a compra ou controlo de Plantações de Borracha em várias partes do mundo, e uma intensa luta comercial iniciar-se-á entre interesses americanos e britânicos pelo controlo desta mercadoria. A exportação de «negro de fumo» como ingrediente na manufatura de pneus de borracha e para tinta de imprensa aumentará de tal modo de preço que a Inglaterra e os Países Europeus serão forçados a restringir o tamanho dos jornais e a produção de pneus de borracha. Isto conferirá às indústrias dos Estados Unidos uma enorme vantagem até que a Inglaterra, a Alemanha e a França descubram uma nova mercadoria para tomar o lugar do «negro de fumo», o que indubitavelmente acontecerá.[5]

[5]: Os EUA são o principal produtor de «negro de fumo» no mundo, e o preço de exportação aumentou recentemente em quase cem por cento. — [ED.]

Escrevi estas predições em 1925, de que os Estados Unidos comprariam enormes Plantações de Borracha nos anos seguintes, o que é atestado pelo Editor no início deste livro.

Estas predições encontram-se agora confirmadas pelo anúncio publicado ultimamente em jornais americanos e ingleses a 15 de setembro de 1927. O seguinte extrato é retirado do *The Evening News* de Londres dessa data, intitulado:

«O SONHO DOS E.U.A. DE UM IMPÉRIO DA BORRACHA»

«No dia de hoje, entra na Guerra Mundial da Borracha o Sr. Henry Ford — tido como o homem mais rico do mundo, e certamente tão rico que não pode ter ideia do que vale o seu património.

O seu primeiro passo é um passo característico de Ford — um passo dado ao som de £8 000 000, como mostra este cabo:

Nova York. Quinta-feira.

‘De acordo com o *New York World* de hoje, o Sr. Henry Ford comprou 1 200 000 acres de terra no Pará, Brasil, por £8 000 000, e está a tentar obter mais 2 800 000 acres.

‘Toda a terra será utilizada para plantações de borracha.’ — Reuter.

Os chefes de muitas empresas americanas de automóveis e pneus há muito que estão envolvidos na Guerra da Borracha. Mas entre eles e o Sr. Ford existe uma grande diferença — eles têm os seus colegas diretores e acionistas a considerar e a consultar.

O Sr. Ford não tem ninguém senão ele próprio a considerar. A empresa Ford não tem acionistas fora da família Ford.

UMA ‘GUERRA’ DE MILHÕES

É significativo que o Sr. Henry Ford tenha sido uma das testemunhas mais importantes perante o Comité da Câmara dos Representantes que reuniu em Washington há alguns anos para investigar os preços da borracha, e é bem sabido que ele é um firme

apoiente do Sr. Hoover, que, quando era Secretário do Comércio dos E.U.A., denunciou o Plano de Restrição Britânico.

Nos círculos da borracha sabe-se há algum tempo que a América tem vindo a preparar planos para fazer sérias incursões no monopólio da borracha da Bretanha, e este último passo do Sr. Ford é propense a ter desenvolvimentos de grande alcance.

Em cada esforço que tem sido feito em anos recentes, tem sido dado um apoio influente pelo Sr. Hoover, que disse abertamente que o Plano Britânico 'deve ser derrotado'.

A América utiliza cerca de 70 por cento do abastecimento mundial de borracha; quando o Departamento do Comércio publicou recentemente os resultados da sua investigação sobre o aumento de preços, os jornais americanos, seguindo a deixa do Sr. Harvey Firestone, chefe da firma de fabrico de pneus Firestone, entregaram-se a cálculos grosseiros destinados a mostrar que a diferença entre o antigo e o novo preço da borracha coincidia aproximadamente com os pagamentos anuais da dívida britânica.

A Associação Americana da Borracha deu um grande passo em anos recentes quando, com a ajuda do Sr. Hoover, abriu negociações com a Holanda para o estabelecimento de plantações americanas em possessões holandesas.

Dois novos projetos foram lançados recentemente em Nova York, sendo um deles um plano da Associação da Borracha para gastar £2 000 000 anualmente durante cinco anos na criação ou compra de plantações nas Filipinas e em Samatra, e para estimular a maior produção de borracha silvestre, particularmente no Brasil.

O segundo foi o plano do Sr. Hoover para formar uma corporação na qual todos os subscritores seriam fabricantes de automóveis, para adquirir plantações nos cantos mais distantes do mundo.

O Sr. Firestone formulou um plano, envolvendo £20 000 000 de capital, para o estabelecimento de um império da borracha dos E.U.A. na Libéria — e assim a batalha tem continuado. O Sr. Hoover alegou que, em 1925, a Bretanha estava a extorquir £140 000 000 por ano ao público americano através das suas restrições à Borracha.»

Algumas invenções surpreendentes em relação à navegação aérea serão feitas, nos próximos anos, nos Estados Unidos. Descobrir-se-á um processo para a produção barata de um gás não inflamável como o Hélio, o qual causará um desenvolvimento no uso de Dirigíveis maior do que alguma vez se sonhou.[1]

[1]: Os Poços de Petróleo dos E.U.A. produzem mais gás Hélio do que todos os outros campos de Petróleo no mundo juntos.

Os Estados Unidos agarrarão esta oportunidade para levar a cabo a completa conquista do Ar a qual, como expliquei num capítulo anterior, é vislumbrada pelo facto de a Águia ser o emblema Nacional e de o país, como um todo, se encontrar sob o Signo de Gémeos — a Primeira Triplicidade do Ar.

As nações que a seguirão muito de perto por esta supremacia serão a Inglaterra e a Alemanha, mas sendo o Signo Zodiacal destes países o de Carneiro na Casa de Marte, o desenvolvimento deles far-se-á ao longo das linhas de Engenhos de Destruição que não terão igual na próxima guerra.

Para a Inglaterra permanecerá o «reino do mar»; como uma «transportadora» para os produtos de outras nações, ela aumentará estavelmente a supremacia que atualmente detém.

Durante os anos vindouros, enormes empréstimos de dinheiro serão lançados na América para países estrangeiros e grandes carregamentos de carris, motores e maquinaria de toda a espécie serão o resultado. O capital americano explorará uma imensa jazida de carvão que será encontrada nos Estados Centrais, suficientemente grande para abastecer o mundo de combustível, mas, ao mesmo tempo, um novo método de extração de petróleo a partir do carvão será aperfeiçoado a um custo tão baixo que toda a maquinaria, juntamente com navios e comboios, será movida por uma

nova energia dele derivada, e as locomotivas a vapor tornar-se-ão coisas do passado.

Os interesses americanos na China causarão, dentro de pouco tempo, uma rutura com o Japão que ameaçará uma guerra entre os dois países.

Quando este atrito com o Japão surgir, o México aproveitará a situação para forçar um reajustamento da «questão da prata» que, no momento presente, está a paralisar o seu progresso e a impedir o desenvolvimento das suas indústrias.

Nos anos vindouros, uma forma de «guerra de guerrilha» eclodirá no México, a qual envolverá os Estados Unidos. Isto dará ao Japão a oportunidade de lutar pela supremacia do Oceano Pacífico; o seu primeiro passo será tomar posse das Ilhas Filipinas, cortando a base de carvão e a estação Naval da América.

Esta guerra durará muitos anos e não será decidida pela «força das armas». Ao Japão será dada a posse incontestada das partes mais ricas do Extremo Oriente. No fim, todas as Potências Estrangeiras serão expulsas do Oriente, e a China e o Japão, como nações Unidas, controlarão essa parte do globo.

Após o Armagedon que descreverei num capítulo seguinte, a «zona de influência» dos Estados Unidos estender-se-á desde o Oceano Ártico até ao Canal do Panamá. Ela tornar-se-á o grande Centro Comercial do Este e do Oeste, e a sua supremacia no Hemisfério Ocidental durará por um período de cerca de setecentos anos a partir da data da sua Declaração de Independência em 1776.

As datas «fáticas» ou importantes na história dos Estados Unidos parecem coincidir de forma tão misteriosa com aquelas que dizem respeito à história passada dos Israelitas e à promessa do seu regresso à sua própria terra que nos força a chegar à conclusão de que os Estados Unidos desempenharão, num futuro próximo, um papel extremamente importante na abertura e desenvolvimento da Palestina.

«A Precessão dos Equinócios», a que aludi antes, conferindo períodos de tempo que têm uma média de 2150 anos, ajusta-se ao destino dos

Estados Unidos tal como aconteceu com a história dos Israelitas. Este misterioso período de anos é considerado por muitos estudantes de tais matérias como vislumbrando a duração de tempo conhecida como «Os Tempos dos Gentios», quando Jerusalém seria «pisada aos pés», e as muitas profecias de que, quando este tempo estivesse cumprido, os Israelitas regressariam ao poder devem, no meu entender, ser cumpridas exatamente como outras profecias relativas a esta raça foram cumpridas no passado.

Sendo a dificuldade unicamente estabelecer quando iniciaram «os Tempos dos Gentios», pois se isto pudesse ser decidido de uma vez por todas definitivamente, o resto seria apenas uma questão de simples cálculo.

Tomando todas as circunstâncias em consideração, parece apenas razoável assumir que esta data de início deve ser tomada como o ano em que os Assírios sob o comando de Nabucodonosor subjugaram Jerusalém. Esta data é geralmente considerada como sendo por volta de 770 a.C. e, como 700 a 720 anos parece ser um ciclo de especial importância para os Israelitas, três destes ciclos a partir de 770 a.C. trazer-nos-iam a d.C. 1490, que é na ou por volta da data da descoberta do Continente Americano e uma data na história do mundo em que os judeus começavam a voltar ao poder. Outro destes ciclos de 700 a 720 anos trazer-nos-á aproximadamente ao encerramento de um dos períodos de «precessão», quando os Israelitas não só cumprirão a promessa de herdar «a terra dos seus antepassados», mas os Estados Unidos iniciarão também o preenchimento do seu maior destino e um que, prevejo, será em estreita ligação com a abertura da Palestina e dos países circundantes.

CAPÍTULO VIII

O MISTÉRIO DAS DOZE TRIBOS DE ISRAEL

O REGRESSO DA «CASA DE JUDÁ E ISRAEL» PARA «A TERRA DADA AOS SEUS ANTEPASSADOS»

Que os Israelitas foram uma «raça escolhida» para exhibir o Desenho e o plano do Criador será, creio eu, evidente para qualquer pessoa que se dê

ao trabalho de examinar a história deste povo com uma mente isenta de preconceitos e imparcial.

Por que razão terá sido assim é apenas um dos muitos mistérios do Desígnio que podem ser claramente vistos na evolução desse plano Divino que parece ter o desenvolvimento da humanidade como o seu propósito central.

Assim como no Sistema Solar um planeta como a Terra parece ter sido selecionado para um propósito especial, não há razão para que uma raça não tenha também sido selecionada para levar a cabo e manifestar «o escrutável propósito de Deus».

No Deuteronomio, capítulo vii, versículos 6, 7 e 8, encontram-se as seguintes palavras surpreendentes:

«O Senhor teu Deus te escolheu, para lhe seres um povo especial, de todos os povos que há sobre a face da terra. O Senhor não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque fôsseis mais em número do que qualquer povo; pois vós éreis o mais pequeno de todos os povos; mas, porque o Senhor vos amava, e para guardar o juramento que jurara a vossos pais.»

Para além dos registos que nos são dados na Bíblia, sabemos pelas histórias de outras raças que os Israelitas existiram de facto, que Abraão viveu em Ur dos Caldeus, que estiveram por mais de quatrocentos anos em cativeiro em relação aos Egípcios e que finalmente possuíram por um tempo a terra da Palestina, construíram uma Cidade chamada Jerusalém e tiveram Reis cujos nomes e feitos estão registados nos monumentos de outras raças que também existiram nesses dias longínquos.

Para além do simbolismo e da descrição alegórica que têm sido associados aos Israelitas e ao papel que desempenharam na história do mundo, permanece a prova mais esmagadora de que os grandes episódios que marcaram a marcha desta raça através das eras até ao tempo presente efetivamente tiveram lugar. Sabemos pela história egípcia que um homem como José se tornou governante e um Príncipe no Egito, que o Êxodo sob o comando de Moisés teve lugar, que Salomão construiu o primeiro Templo em Jerusalém e que a Rainha de Sabá e outros potentados testemunharam a sua grandeza.

Todos os outros eventos principais na história desta raça são também corroborados: o Cativo Babilónico, a construção do segundo Templo, a existência do terceiro nos dias de Herodes e a derradeira destruição de Jerusalém quando, como predito, «não ficou pedra sobre pedra» são igualmente autenticados.

Mas por trás deste registo encontra-se outro que se ergue claro e distinto nas páginas do Tempo, o mistério mais maravilhoso de todos, a saber, que os eventos assim registados foram o cumprimento de profecias igualmente registadas gerações antes de tais eventos terem lugar. Não existe outra raça no mundo da qual se possa dizer o mesmo. Qual é, então, bem podemos perguntar, o mistério e a mensagem de tudo isto?

Nenhum ser razoável hoje em dia nega que por trás da Criação do mundo existe uma «Primeira Causa», um Criador que trouxe o mundo à existência e, mais ainda, de tal modo desenhou este e o seu Sistema Solar que, desde a sua maior maravilha até ao seu mais pequeno átomo, todos e cada um exibem desenho, plano e, acima de tudo, propósito, o qual não pode ser posto de lado ou disputado.

É em tais considerações que as profecias relatadas nesse grande registo da história, a Bíblia, possuem a sua importância. Trata-se simplesmente de uma proposição lógica que o Projetista, ao colocar certas leis em ação, conhecia o efeito posterior de tais leis e, portanto, profecias de que este e aquele evento teriam lugar podiam ser feitas por aqueles que foram inspirados para vaticinar tais coisas, com gerações e séculos de antecedência.

Tais profecias encontravam-se veladas sob a linguagem da alegoria — algumas ocultas sob as flores exóticas e o imagético da expressão Oriental, ao passo que outras, ainda, foram deliberadamente escondidas do povo comum por sacerdotes de diferentes religiões que viveram no mesmo período que os Israelitas.

Somos distintamente informados de que, anos antes do evento, Deus deu a Moisés instruções para o Templo que o seu descendente haveria de construir e do qual «lhe mostrou o modelo nos céus»,^[1] e, anos mais tarde, quando o Templo veio a ser erguido, descobrimos que Salomão executou «o modelo nos céus» com tal detalhe que este possuía doze divisões para

representar as doze constelações dos céus e as doze tribos de Israel, juntamente com um «átrio interior» de, novamente, doze divisões.

[1]: *«Do Céu (ou dos Céus) Te fez ouvir a Sua voz, para te instruir.»*
(Deut. iv, 36.)

As joias no peitoral do Sumo Sacerdote, emblemáticas do significado oculto dos doze signos do Zodíaco, foram muito distintamente ordenadas: «E as pedras serão com os nomes dos filhos de Israel, doze, segundo os seus nomes [...] cada um com o seu nome serão, segundo as doze tribos.» (Ex. xxviii, 21.) Josefo diz: «Quer alguém deseje referir as doze pedras aos doze meses, quer ao mesmo número de constelações no Zodíaco, não andarás longe do real significado.»

A história diz-nos que as Tribos de Israel marcharam para fora do Egito em quatro divisões correspondentes aos quatro pontos cardeais dos céus, cada divisão sob um estandarte que representava a sua posição no Zodíaco. Mais atrás ainda, temos o registo de Jacob a dar nomes às doze Tribos em exata conformidade com o significado atribuído ainda hoje aos signos do Zodíaco — essa maravilhosa senda nos céus que é um dos maiores mistérios da criação.

Que os Israelitas foram, por alguma razão inexplicável, uma raça reservada para a manifestação do Poder de Deus em ligação com o Destino da humanidade é, creio eu, evidente a partir das profecias que lhes dizem respeito. Que eles foram também destinados a ser um exemplo da misteriosa influência dos planetas na vida humana parece ser igualmente evidente.

As Doze Tribos como símbolos das doze divisões do Zodíaco não são meras coincidências, e tampouco o é a mística influência dos números em ligação com a sua história. Ao longo de toda a narrativa dos Israelitas, de facto ao longo de toda a Bíblia, o poder dos Sete planetas Criativos é não só distintamente enfatizado, mas em todos os casos representa a misteriosa «Força de Deus» na natureza. Alguns exemplos disto tornarão esta ideia mais clara.

Por sete dias Deus ordenou aos Israelitas que marchassem em redor de Jericó, sete sacerdotes a carregar sete trombetas, e ao som das trombetas no

sétimo dia, as muralhas de Jericó caíram — perante a misteriosa Lei da Vibração ou «Força de Deus» simbolizada pelo número sete.

No capítulo quinto do Apocalipse, lê-se: «Os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra»; também no capítulo primeiro: «As sete estrelas são os anjos das sete igrejas» (ou planetas), e no capítulo quarto: «Sete lâmpadas de fogo ardendo diante do trono, as quais são os sete Espíritos de Deus». Podemos igualmente notar que o Templo de Salomão, que foi construído segundo o «modelo dos céus», teve de levar sete anos na sua edificação, e também que existiram exatamente sete gerações entre David e a destruição de Jerusalém pelos Romanos.

Que os Israelitas possuíam o conhecimento de dois outros planetas para lá dos Sete tantas vezes aludidos está patente no seu *Livro do Zohar*, juntamente com o facto de que a totalidade dos nove planetas a quem foram atribuídos números constituía a base de todo o cálculo material nesta terra, pois para além das figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 não podemos ir, sendo o 10 simplesmente uma repetição do primeiro número 1 com um zero adicionado, como expliquei anteriormente nestas páginas. O número 9 tornou-se assim o número que representa a materialidade ou o homem: isto é confirmado por aquele estranho versículo no capítulo treze do Apocalipse, onde se afirma que «o número do homem é 666». Estes números crípticos somados produzem 18, que é 1 mais 8 — um 9, ou o número da materialidade ou do homem.

É um facto curioso que o número ocultado no nome Adão seja doze vezes doze, ou 144, que é o número místico do Zodíaco com as suas doze divisões e cujo número, novamente, oculta o número 9, como pode ver-se pela adição de 144, produzindo como produz o número dos planetas do nosso Sistema Solar — e, como vimos previamente, o número do Homem.

Que este povo antigo era bem versado na misteriosa influência do Zodíaco e na ação dos planetas desde o tempo de Sete, o terceiro filho de Adão, é confirmado pela história. Temos, de igual modo, a declaração de Josefo no sentido de que Abraão ensinou aos Egípcios o conhecimento da Astrologia, e até Salomão escreveu que a sua grande sabedoria era derivada do estudo de tais coisas.

«Porque Ele me deu um conhecimento certo das coisas que existem, para saber como o mundo foi feito e a operação dos elementos. O princípio, o fim e o meio dos tempos, as alterações da rotação do Sol e a mudança das estações. Os circuitos dos anos e a posição das estrelas. A natureza das criaturas vivas e os pensamentos dos homens. Tudo o que é secreto ou manifesto eu aprendi. Porque Aquele que é o Criador de todas as coisas me ensinou.»[2]

[2]: *Os Apócrifos, ou a Sabedoria de Salomão. Cap. VII. 17 a 22.*

Que o poder de Israel seria quebrado, as suas cidades destruídas e o seu povo disperso pelos quatro cantos da terra foi vislumbrado por profecias feitas gerações antes de tais eventos terem lugar. Será suficiente citar apenas uma ou duas de tais profecias aqui.

«Porém será que, se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, para não cuidares em fazer todos os Seus mandamentos [...] o Senhor te levará a ti [...] a uma nação que não conheceste, nem tu nem teus pais; e serás por pasmo, por provérbio, e por fábula entre todas as nações a que o Senhor te levará.» (*Deut. xxviii*, versículos 36 e 37.)

«O Senhor levantará contra ti uma nação [...] nação cuja língua não entenderás. Nação feroz de rosto, que não respeitará o rosto do velho, nem se apiedará do moço.» (*Deut. xxviii*, 49.)

Mal preciso de chamar a atenção para o facto de que cada palavra nestas profecias foi cumprida.

Por estranho que pareça, como se alguma grande lei da natureza fosse empregue como o instrumento para a quebra desta poderosa combinação de tribos, descobrimos que, enquanto eles permaneceram no número de Doze em conformidade com os signos do Zodíaco, o seu progresso foi de contínuo aumento de poder. Chegou, contudo, um tempo em que dez tribos se separaram das Doze e se esforçaram por se tornar uma nação por si mesmas.

A partir do momento desta divisão, o círculo mágico de Doze foi quebrado: a influência harmoniosa do Zodíaco magnético foi destruída, e

no declínio do poder de Israel uma grande lição foi ensinada a todas as outras nações.

A quebra no círculo mágico das Doze quase ocorrera uma vez antes, mas nessa altura foi imediatamente reparada. Aludo ao tempo em que a Tribo de Benjamim, conforme relatado no Livro dos Juízes, capítulo 21, combateu contra as outras Tribos e foi quase aniquilada. No décimo quinto versículo, lê-se: «E o povo teve compaixão de Benjamim, porquanto o Senhor tinha feito uma abertura nas tribos de Israel.» Os anciãos das restantes Tribos aconselharam-se e disseram: «Deve haver uma herança para os que escaparam de Benjamim, para que uma tribo não seja destruída de Israel.» Esta abertura nas Doze foi nessa altura reparada e a nação de Israel prosseguiu no seu progresso como dantes.

A quebra final não teve lugar senão após a morte de Salomão, quando o ciúme contra o Poder Central de Jerusalém fez com que as dez tribos se revoltassem. Desta vez, o poder do Círculo de Doze foi quebrado por completo — a penalidade foi paga e, um pouco mais tarde, a totalidade do que era conhecido como a nação de Israel foi feita cativa pelos Assírios, e cem anos depois as restantes duas tribos foram conquistadas pelos Babilónios e Jerusalém foi destruída.

Estas tribos restantes eram, na realidade, três, pois durante o reinado de Roboão a tribo de Levi tinha regressado a Jerusalém e foi levada para o cativeiro juntamente com Judá e Benjamim. No regresso destas tribos, elas reconstruíram Jerusalém e, a partir desse momento, foram pela primeira vez chamadas Judeus e têm sido conhecidas como Judeus desde então.

A partir da data da conquista assíria, «as dez tribos» tornaram-se «perdidas» ou «espalhadas entre os gentios», como fora predito em *Lev. xxvi*. Que elas continuaram a existir «entre os gentios» é confirmado por Josefo que, escrevendo em d.C. 70, disse: «O corpo inteiro das dez tribos está ainda para lá do rio Eufrates, uma imensa multidão que não pode ser estimada por números.»

Aqueles que estudaram de perto a História dos Judeus acreditam que, durante a perseguição e crucificação de Cristo, a Tribo de Benjamim, nessa altura em Jerusalém, não tomou parte nelas. Aquando da destruição de Jerusalém pelos Romanos, de acordo com Josefo, esta tribo escapou ao

massacre «visto que tinham fugido da cidade e se tinham juntado às 'tribos perdidas de Israel' para lá do Eufrates». Esta ação da Tribo de Benjamim fora efetivamente vislumbrada algumas centenas de anos previamente pelo profeta Jeremias nas suas predições: «Fugi, filhos de Benjamim, do meio de Jerusalém [...] porque do norte se descobre um mal, a saber, uma grande destruição.» (*Jer.* vi, 1).

O cerco e a queda de Jerusalém no reinado de Tito, em d.C. 70, foram acompanhados por destruição e horrores piores do que tudo o que fora testemunhado pelo mundo antes ou depois. A história diz-nos que mais de um milhão de Judeus foram massacrados aquando da captura da Cidade. A última resistência contra as triunfantes legiões romanas deu-se em defesa do Templo; está registado que «os mortos foram empilhados mais alto do que o Altar», e que «o sangue humano fluiu pelos degraus do Templo como um rio». Cerca de setenta anos mais tarde, os Judeus espalhados pela Palestina revoltaram-se novamente contra o domínio romano.

Nesta ocasião, nenhuma misericórdia lhes foi de todo mostrada; aqueles que escaparam à morte foram vendidos como escravos ou empurrados para países distantes, e a outrora fértil terra da Palestina, as suas cidades e aldeias, tornaram-se um cenário da mais absoluta desolação, cumprindo as profecias feitas gerações antes de que, se as Doze Tribos quebrassem a aliança do Senhor, seriam «dispersas», «as suas cidades feitas desoladas», e, como o profeta Oseias escreveu, «Israel será perdido entre os Gentios» e «eles serão errantes entre as nações».

Embora as dez tribos de Israel, ao tempo de Cristo, tivessem sido «dispersas» após o cativeiro assírio por mais de 700 anos, elas foram inclusivamente referidas por Cristo em diferentes ocasiões. «Ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel» foi uma das suas ordens aos seus discípulos. Novamente, declarou: «Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel». Que os Judeus na Palestina sabiam o que ele queria dizer é mostrado pelas suas palavras: «Para onde irá este [...] Irá, porventura, aos dispersos entre os gentios». (*João* vii, 35.)

A razão para a perda de poder da grande nação israelita começou, em primeira instância, com a quebra das Doze Tribos representadas pelas Doze Casas do Zodíaco ao tempo do combate com a Tribo de Benjamim na

batalha de Gibeá, que mencionei previamente e, se alguém requeresse maior prova disso, encontrá-la-á no nono versículo do décimo capítulo de Oseias, nestas impressionantes palavras: «Desde os dias de Gibeá pecaste, ó Israel».

A segunda e completa rutura ocorreu na revolta das dez tribos contra Jerusalém. A partir desse momento, terminou a harmonia entre as Doze Tribos e as doze divisões do Zodíaco. Mantendo esta ideia em consideração, aquelas palavras místicas que surgem tão frequentemente acerca da “quebra da aliança” entre o Senhor dos Exércitos e os Filhos de Israel serão vistas sob uma nova luz, e a história da Criação e da humanidade assumirá uma perspectiva mais ampla do que aquela que lhes é atribuída pelo estreito dogma das várias religiões que têm aparecido ao longo do tempo.

O que aconteceu às “Tribos Perdidas” e qual será o seu destino final, procurarei explicar nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO IX

O FUTURO DOS JUDEUS PREFIGURADO NA GRANDE PIRÂMIDE A ORIGEM DA GRANDE PIRÂMIDE E O SEU SIGNIFICADO OCULTO

Antes de examinarmos mais profundamente o destino futuro dos Filhos de Israel, devemos agora considerar as provas que ligam este “povo peculiar” ao maior Monumento e “Medidor do Tempo” existente no mundo, nomeadamente a Grande Pirâmide.

O mistério de quem construiu este colossal monumento nunca foi resolvido. A minha própria opinião é que ele remonta a um período muito mais antigo do que aquele que geralmente lhe é atribuído; o raciocínio que segui é o seguinte:

Noé teve quatro filhos e a História diz-nos que, entre os seus descendentes, chamados Mizraim, Mizraim ou Menés tornou-se o primeiro

Rei do Egito. As lendas egípcias informam-nos de que um rei chamado Mizraim era célebre como astrólogo. Sabemos hoje que quem quer que tenha construído a Grande Pirâmide era um homem que devia possuir um conhecimento quase sobre-humano dos corpos celestes. É razoável, então, supor que o seu arquiteto e construtor tenha sido esse Mizraim, descendente de Noé. Além disso, seria natural que um homem assim, sendo descendente de Noé e conhecendo o Dilúvio, o comemorasse construindo um Monumento que servisse de registo para as gerações futuras — e um que nenhuma inundação futura pudesse destruir.

Que existia algum plano ou desígnio divino subjacente a tão maravilhosa criação deve ser evidente para qualquer pessoa que faça mesmo um estudo superficial do assunto, e que esse plano ou desígnio está ligado aos Filhos de Israel e contém no seu registo períodos exatos de anos correspondentes aos grandes acontecimentos da sua história, destaca-se claramente sobre o fundo obscuro do tempo.

Que um monumento tão colossal, maravilha de todas as épocas, que desafiou os estragos do Tempo e exhibe em cada detalhe a mais minuciosa exatidão matemática relativamente às leis astronómicas, tenha sido construído apenas como túmulo de algum rei, é, à primeira vista, absurdo.

Pelo contrário, é muito mais lógico supor que, por detrás das palavras de Isaías, capítulo xix, versículos 19 e 20, se encontra o verdadeiro significado da razão pela qual tal monumento foi criado:

“Naquele dia haverá um altar ao Senhor no meio da terra do Egito, e uma coluna ao Senhor junto à sua fronteira. E isto servirá de sinal e testemunho ao Senhor dos Exércitos na terra do Egito.”

Sustento que o verdadeiro significado da Grande Pirâmide é astrológico, expondo a religião da Vida e o propósito de Deus para com o homem tal como é revelado pelo estudo dos céus, e que será através das ciências da Astrologia e da Astronomia que o mistério e a razão da sua construção serão um dia esclarecidos.

Foi recentemente demonstrado que a Grande Pirâmide continha medidas exatas que indicam, até uma fração, o número de dias de um ano

solar e o misterioso período de tempo conhecido como “a Precessão dos Equinócios”.

Continha também o sagrado côvado hebraico que, milhares de anos mais tarde, foi utilizado por Salomão na construção do primeiro Templo e se tornou a medida-padrão das civilizações posteriores, estando na origem da polegada inglesa.

Além disso, o misterioso sarcófago vazio encontrado recentemente na Câmara do Rei contém, por alguma razão inexplicada, a mesma capacidade que a Arca da Aliança.

Por fim, o comprimento das diagonais da sua base, somadas, fornece com exatidão fracionária o número de anos — 25 850 — da “Precessão dos Equinócios”, esse misterioso ciclo de tempo tão intimamente ligado ao destino da Terra.

Tais factos não poderiam ocorrer por acaso, mas apontam para o facto de que a Grande Pirâmide foi definitivamente criada para servir de medidor do tempo com algum propósito predeterminado.

Vejamos agora se, a partir disto, podemos obter alguma informação quanto ao propósito e plano divinos que se escondem por detrás deste misterioso Monumento “na terra do Egipto”.

Observámos anteriormente o argumento de que Deus, por alguma razão, criou uma certa raça de pessoas chamadas israelitas para serem um povo “escolhido” ou “especial”, a fim de manifestar leis da natureza e cumprir profecias feitas, em alguns casos, milhares de anos antes dos acontecimentos ocorrerem. Em Deuterónimo vii, 6, lemos: “O Senhor teu Deus te escolheu para seres um povo especial para Si.”

Com a quebra do que é claramente declarado como sendo “uma Aliança”, e cuja rutura também foi claramente prefigurada, esta nação foi dispersa por todas as partes da Terra, até ao momento em que, mais uma vez em cumprimento das profecias, os filhos de Israel e Judá possuirão a terra dos seus antepassados.

“Ouvi a palavra do Senhor, ó nações, e anunciai-a nas ilhas longínquas, dizendo: Aquele que espalhou Israel o reunirá e o guardará, como o pastor guarda o seu rebanho.”
(Jeremias, xxxi, 10.)

E ainda lemos:

“Porque eis que vêm dias, diz o Senhor... em que os farei voltar à terra que dei a seus pais, e eles a possuirão.”
(Jeremias, xxx, 3.)

Voltando ao mistério da Grande Pirâmide, encontramos, juntamente com outras medidas associadas a ela, que também foi concebida para ser uma grande medidora dos anos. É, de facto, o Relógio Solar-Lunar do Universo.

A Câmara da Rainha, que no meu entender representa a Lua, está colocada diretamente sob o ápice da Pirâmide, enquanto a Câmara do Rei, a mais importante das duas, ocupa uma posição distinta e, pelo seu maior tamanho, representa o Sol.

Júlio César, por volta de 45 a.C., criou o famoso Calendário Juliano com a ajuda dos mais eminentes matemáticos da época. Por volta do ano 325 d.C., o Concílio de Niceia descobriu que esse calendário estava errado em cerca de dez dias, e a civilização levou até 1582 para descobrir o mais exato Calendário Gregoriano; mas, devido à diferença religiosa entre protestantes e católicos, ele não foi adotado em Inglaterra e noutros países protestantes até 1752.

Contudo, durante todo esse longo período, o Tempo foi medido sem falha pelos ciclos Solar-Lunares exemplificados na Pirâmide, que são as medidas naturais do Tempo dadas pelo Criador dos Céus desde eras remotíssimas.

Foi recentemente estabelecido que os períodos de 1260 e 2300 anos mencionados no Livro de Daniel e no Apocalipse são ciclos Solar-Lunares; e, além disso, a diferença entre estes dois períodos, que é de 1040 anos, constitui o maior ciclo Solar-Lunar exato conhecido.

Durante mais de dezanove séculos, astrónomos e cronologistas tentaram descobrir uma tal lei de perfeição em relação ao tempo, sem saber que, desde eras passadas, ela estava claramente exposta no Livro de Daniel para qualquer pessoa disposta a estudar as suas profecias inspiradas.

A questão é: como descobriu Daniel estes maravilhosamente exatos ciclos celestes numa época em que provavelmente não existiam instrumentos científicos disponíveis? A resposta deve ser a mesma para a questão de quem construiu a Pirâmide com tamanha riqueza de exatidão matemática.

A mesma inspiração que concedeu ao Arquiteto da Grande Pirâmide um tão profundo conhecimento de cálculo e dos planetas inspirou, sem dúvida, Daniel tanto nas suas profecias como nos seus cálculos dos ciclos do tempo, que talvez contenham em si os segredos dos acontecimentos futuros.

Como já afirmei anteriormente, o mistério da Grande Pirâmide é o cálculo da duração exata da “Precessão dos Equinócios”, e a velocidade dessa “precessão” é a chave da Astronomia e também dos grandes acontecimentos da História, passados, presentes e futuros.

A distinta “linha cinzelada” encontrada na passagem descendente da Grande Pirâmide indica que, à meia-noite do Equinócio de Outono do ano 2150 a.C., a então Estrela Polar α Draconis brilhava pela passagem descendente até essa “linha cinzelada”, a única marca do género na Pirâmide.

Discordo de outros autores que afirmam que esta data estranhamente registada deve ter sido a data da conclusão da construção da Pirâmide. Considero antes que esta data assinala um momento da História do mundo de extraordinária importância e tão marcante que, a partir dele, outras datas poderiam ser calculadas.

Tomando esta data como comemorativa de um acontecimento tão grandioso como “a promessa” feita a Abraão, 2150 a.C. torna-se um marco decisivo na História do passado, quando a nação de Israel passou a existir.

Desde Abraão até à queda e destruição final de Jerusalém decorre um ciclo de aproximadamente 2150 anos e, no seu término, as nações gentias ascenderam ao poder. Desde então até ao fim do ano 2150 d.C. existe outro período distinto. No seu encerramento, a História provavelmente repetir-se-á — a lei da ascensão e queda da onda do tempo tornar-se-á manifesta e os israelitas estarão em ascensão durante os 2150 anos seguintes.

Utilizemos agora este distinto ciclo de anos, que nos forneceu uma chave para desvendar outros mistérios do tempo, subdividindo este grande período para chegarmos às datas de acontecimentos históricos menores.

Tomando a mesma lei da Precessão dos Equinócios, verificamos que a velocidade da “precessão” para cada grau do Zodíaco é exatamente de setenta anos e nove meses.

É-nos dito nas Escrituras que a duração da vida do homem é de “setenta anos”, ou, por outras palavras, um grau do movimento da Precessão dos Equinócios de um dia medido pelo relógio solar do Universo.

Se multiplicarmos agora este distinto período de setenta anos por dez, obtemos outro misterioso ciclo de 700 anos.

A partir da data de um acontecimento tão importante como a destruição de Jerusalém, olhando para trás, este ciclo conduz-nos ao auge do poder da nação assíria, ao cativo das dez tribos e à sua completa perda de identidade como nação.

Olhando para diante a partir da data da destruição de Jerusalém, o ciclo leva-nos ao ano 700 d.C., data do início do poder maometano e da conquista do Egito. Somando novamente o ciclo de 700 anos, chegamos ao ano 1400, o século em que ocorreu a descoberta da América, época de enorme importância no destino da humanidade.

Tomando a descoberta da América como um ponto de grande significado e acrescentando o ciclo de 700 anos, alcançamos a maior data primordial de 2100 d.C., permitindo as frações na precessão dos equinócios. Esta data deverá assistir ao Novo Mundo da América

aproximar-se do início de um período de grandeza e poder cuja magnitude é, neste momento, impossível de estimar.¹

Esta importante data para o continente americano coincide com a mesma data indicada para o regresso dos israelitas à sua própria terra e o começo das Doze Tribos como uma só nação, cumprindo a profecia de Jeremias:

“Naqueles dias, a casa de Judá andar­á com a casa de Israel e virão juntas da terra do Norte para a terra que dei por herança a vossos pais.” (Jeremias, iii, 18.)

A História mostra claramente que os Filhos de Israel, como raça, eram por alguma razão misteriosa dominados pelo número sete.

O seu relato da Criação do mundo é apresentado num período de tempo séptuplo.

¹ Esta data de 2100 ajusta-se de perto ao período dado pela Precessão dos Equinócios — 2150 anos — e também ao início da nova Era de Aquário. O seu grande mestre, Moisés, estabeleceu a regra de que a vida do homem era um período de setenta anos, ou dez vezes sete.

O ciclo do Jubileu, estabelecido como uma das suas instituições sob a lei de Moisés, era de sete vezes sete, ou quarenta e nove anos, e o seu maior Jubileu deveria ser de setenta vezes sete.

Anos antes de ocorrer, foi-lhes predito o cativeiro de setenta anos na Babilónia.

Os 490 anos da sua restauração até à destruição final de Jerusalém constituíram um período exato predito por Daniel de sete vezes setenta anos.

Desde o nascimento da nação hebraica sob Abraão até à sua entrada na Terra Prometida de Canaã decorreram também, tão aproximadamente quanto é possível calcular, 490 anos, ou setenta vezes sete.

Desde a conquista de Canaã por Josué até ao primeiro reino sob Saul passaram 490 anos.

Desde Saul, o seu primeiro rei, até ao último e à captura de Jerusalém por Nabucodonosor decorreram 490 anos, e desde este acontecimento até à destruição final de Jerusalém pelos Romanos houve outro período de 490 anos.

Depois desta calamidade, que havia sido predita muito antes do acontecimento, o estranho ciclo do sete começou novamente.

No ano 70 d.C., Tito destruiu o Templo. Setenta anos depois ocorreu a segunda rebelião contra os Romanos e a completa dispersão.

Durante um período de 490 anos, ou novamente setenta vezes sete, os judeus perderam-se no esquecimento; desde então e por outro período de setenta vezes sete, ou 490 anos, decorreu um ciclo da mais intensa perseguição. No final deste período, o poder maometano começou a declinar (980) e os judeus começaram uma vez mais a fazer-se sentir no mundo.

No período seguinte de setenta vezes sete ocorreu a descoberta da América e, desde essa data até ao ponto culminante seguinte, que será alcançado em 1980, os judeus — ou, como voltarão a ser chamados, israelitas — terão feito enormes progressos em riqueza, posição mundial e poder.

Desde 1980, o período seguinte de outros setenta vezes sete verá, na minha opinião, a restauração das Doze Tribos de Israel como poder dominante no Mundo.

Durante este período serão os israelitas e as nações que com eles se misturaram que abrirão e desenvolverão as grandes riquezas tanto da Palestina como do Egipto.

A Grande Pirâmide tornar-se-á então o centro controlador da civilização mundial.

Sob a sua influência, ela será finalmente totalmente explorada,¹ e a passagem secreta atualmente selada pelo bloco de granito ao lado do que é chamado “o poço” será finalmente aberta.

¹ “*Efraim voltará ao Egipto*” (Oseias ix, 3).

Sob a base da Pirâmide, com treze acres de extensão, será descoberto um templo do tesouro, contendo não apenas ouro e joias para além dos mais extravagantes sonhos da imaginação, mas revelando segredos científicos através dos quais a Pirâmide foi construída, segredos esses que derrubarão todas as leis anteriormente conhecidas relativas à Astronomia, gravitação, eletricidade, aproveitamento das forças da luz, raios etéricos e forças ocultas do átomo.

Com tal conhecimento à sua disposição, os israelitas e todos os descendentes das “tribos perdidas” tornar-se-ão possuidores da Terra em todos os sentidos, tal como foi tantas vezes predito na Bíblia.

Que “o estrangeiro” será um colaborador dos israelitas regressados na transformação da Palestina e dos países circundantes no centro de uma nova civilização vindoura é claramente indicado em muitas páginas do “Livro”.

Na visão de Ezequiel acerca da restauração final dos israelitas e na sua descrição da reconstrução de Jerusalém e do Templo, ele declara distintamente:

“Assim repartireis esta terra entre vós segundo as tribos de Israel... reparti-la-eis por sortes em herança para vós e para os estrangeiros que peregrinam entre vós, que gerarem filhos entre vós; e eles serão para vós como naturais entre os filhos de Israel; terão herança convosco entre as tribos de Israel.”

¹ *Ezequiel xlvii, 21, 22.*

Outro Legislador, semelhante a Moisés, surgirá e, agrupando todas as nações segundo o significado dos seus signos zodiacais, fará com que as guerras entre nações se tornem impossíveis e, assim, através desta “raça desprezada”, a paz universal acabará por ser estabelecida.

Antes que esse tempo desejado possa nascer, terá de ser travado o grande Armagedão.

Onde terá lugar e quais as causas que o provocarão, procurarei agora explicar.

CAPÍTULO X
A GUERRA DAS GUERRAS QUE SE APROXIMA
ONDE SERÁ O GRANDE ARMAGEDÃO
E A PROMESSA DA PAZ UNIVERSAL

No mistério do Desígnio, as “dez tribos perdidas” produziram um efeito algo semelhante ao que faria um fio caído na tecelagem de uma grande tapeçaria. Por algum tempo, a imagem pode parecer alterada, os grandes elementos essenciais do plano podem parecer modificados.

Mas a tecelagem continua, como se nada importasse. No fim, o fio perdido parece ter sido deixado cair de propósito, a imagem torna-se mais bela, mais perfeita, e o desenho revela-se tão maravilhoso na sua clareza que todos podem compreender o seu significado.

As “tribos perdidas” — milhões de pessoas — foram-nos ditas como tendo sido “dispersas entre os pagãos”. Mais tarde, as duas tribos restantes foram expulsas da Palestina e “espalhadas entre os gentios”, ou, como esta palavra é “Goyim” em hebraico, seria mais correto ler este texto como “espalhadas entre as nações”.

Tais acontecimentos históricos tiveram realmente lugar; disso não pode haver a menor dúvida.

Fazia isto parte de algum grande e maravilhoso Desígnio? Penso que também sobre isso não pode haver disputa. As “tribos perdidas”, como um fio deliberadamente perdido, acabarão por tornar o Desígnio ainda mais perfeito.

Os israelitas foram certamente “dispersos”, exatamente como havia sido profetizado alguns séculos antes, mas, se foram “dispersos”, não foram “perdidos”; foram deliberadamente misturados e absorvidos por outras nações, e isto, deve recordar-se, muito antes da crucificação de Cristo.

Nos capítulos anteriores mostrei como os israelitas se misturaram e casaram com várias raças. Até líderes como José, Moisés e Salomão tomaram esposas de outras nações.

Existe então alguma razão para supor que, depois de as Dez Tribos terem sido “dispersas”, a massa principal deste povo não se tenha também casado e sido absorvida por outros povos, tais como fenícios, egípcios, gregos, eslavos, teutões, gauleses e celtas?

Ao longo de vastos períodos de tempo, estes bandos errantes de israelitas e os seus descendentes, que se tinham misturado por casamento com outras nações, perderam os elementos essenciais da sua própria religião e adotaram as crenças pagãs que os rodeavam. O seu antigo culto ao “Senhor dos Exércitos” transformou-se facilmente no culto ao Deus-Sol como Senhor da Vida, mas, em todas estas formas de religião, a misteriosa influência “dos céus” e das Doze Casas do Zodíaco permaneceu como a ideia dominante de qualquer fé que adotassem, como pode ser visto nos círculos de pedra ou “marcos” erguidos por eles nas suas peregrinações através de várias terras.

Com a perda da sua religião, a perda do rito da Circuncisão também teve o seu efeito e, talvez em consequência disso, os traços do rosto, especialmente o nariz, tornaram-se menos marcados, enquanto as influências climáticas e a alimentação produziram igualmente alterações faciais.

Desta forma, as profecias relativas à Casa de Israel, de que seria “perdida entre os pagãos”, cumpriram-se à letra, até à perda do seu nome:

“E deixareis o vosso nome... porque o Senhor Deus chamará os seus servos por outro nome.”
(Isaías lxxv, 15.)

Durante toda esta longa noite de “dispersão”, outra secção deste povo parece ter sido igualmente designada, de forma deliberada, para preservar a antiga religião e tradição da sua raça.

As duas tribos de Judá e Levi que, após o regresso do cativo babilónico a Jerusalém, receberam o nome de judeus, depois da queda final

de Jerusalém e da sua dispersão entre os gentios, apegaram-se à sua religião e ao rito da Circuncisão com uma tenacidade sem igual na história das raças.

Perseguidos com a maior severidade onde quer que fossem, martirizados tanto por cristãos como por pagãos, roubados, torturados e massacrados por todos, sem terra, lar ou Templo, mantiveram-se fiéis à religião dos seus pais, apesar dos falsos mestres e dos auto-intitulados Messias que, de tempos a tempos, os tentavam com “reformas”.

Pela própria amargura desta perseguição, cumpriram as profecias feitas a seu respeito.

“O Senhor te espalhará entre todos os povos, desde uma extremidade da terra até à outra, e entre essas nações não acharás descanso. E a tua vida estará em suspenso diante de ti, e temerás de dia e de noite e não terás segurança da tua vida.”

(Deuteronómio xxviii, 64, 65, 66.)

Nenhuma outra religião no mundo sobreviveu a semelhante perseguição ou inspirou e criou tantos outros credos. O culto egípcio existiu durante muito tempo, talvez cinco mil anos, e hoje não passa de um sonho. De todos os cantos da Terra, os monumentos das antigas Fés tornam-se hoje apenas lápides de credos mortos. Uma única religião, a dos hebreus, existe desde as primeiras eras do mundo até ao presente. O Islão e o Cristianismo são apenas fés modernas em comparação.

Fundados nas Leis da Natureza, em contacto direto com o Deus da Natureza, os mandamentos de Jeová, tal como falou com Adão, Abraão, Isaac, Moisés e os profetas, ecoam através dos séculos tão frescos e cheios de verdade como quando, entre os trovões do Sinai, os Dez Mandamentos foram dados para fundamento de todas as civilizações que desde então surgiram.

Em vão outras raças tentaram melhorar o “Livro” dos Hebreus. Em vão os egípcios compilaram o seu “Livro dos Mortos” ou o Islão surgiu com o seu Corão.

Durante dois mil anos, Igreja e Estado, reis, imperadores e imensas riquezas subsidiaram várias religiões — apenas para as ver hoje divididas em centenas de seitas, cada uma reclamando para si um fragmento da “verdadeira Cruz”.

Desde 1701, só a Inglaterra gastou mais de um milhão de libras por ano em trabalho missionário para converter “os pagãos”, com o resultado de que budistas, brâmanes, maometanos e judeus, depois de todos estes anos, continuam ainda a ultrapassar os cristãos em muitas centenas de milhões.

Ao contribuírem com dinheiro para o trabalho missionário, os cristãos acreditam estar a obedecer ao mandamento de Cristo: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho”, esquecendo que o significado da palavra Evangelho é, na realidade, “o Encantamento de Deus” ou “a Verdade de Deus”, a qual está ainda mais claramente exposta no “Livro dos Hebreus”, o Antigo Testamento, do que em qualquer outro livro alguma vez compilado.

O período predito, “os Tempos dos Gentios”, aproxima-se rapidamente do seu fim; quando isso acontecer, os contornos do Desígnio Divino tornar-se-ão visíveis e a razão da “dispersão” dos israelitas e, depois deles, dos judeus, será revelada.

O Grande Arquiteto declarou Ele próprio, há séculos:

“O Senhor teu Deus fará voltar o teu cativo, e terá compaixão de ti, e tornará a ajuntar-te dentre todas as nações para onde o Senhor teu Deus te espalhou.”

(Deuteronómio xxx, 3.)

Os judeus, que durante quase dois mil anos não tiveram país, Estado, lar ou pátria, foram mantidos unidos por algo que nenhuma outra raça teve — nomeadamente um “Livro”, mas um Livro que contém a sua história, os registos de profecias que se cumpriram e profecias que eles acreditam, com igual certeza, que se cumprirão.

A nenhuma outra raça foram feitas tais profecias ou realizados tais feitos, e por isso olham para o futuro com confiança.

“Aquele que os espalhou os reunirá”

e, nessa “reunião”, as “Tribos Perdidas”, os “dispersos” entre os pagãos, serão trazidos de volta juntamente com as nações que com eles se misturaram.

“Porque eis que naqueles dias e naquele tempo... reunirei também todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá, e ali entrarei em juízo com elas por causa do meu povo e da minha herança Israel, que espalharam entre as nações e dividiram a minha terra.”

(Joel iii, 1, 2.)

Dizem-nos que “mil anos são como um dia diante dos Seus olhos” e, durante dois mil anos, o padrão e o propósito do Desígnio foram sendo lenta mas seguramente preenchidos pela contínua influência dos judeus em todos os países do mundo. Apesar da oposição, perseguição e preconceito, o israelita, em todas as terras por onde vagueou, manteve “a Aliança” com o Criador de descansar no Dia do Sábado e santificá-lo.

“Seis dias se poderá trabalhar; mas o sétimo é o sábado de descanso santo ao Senhor... pelo que os filhos de Israel guardarão o sábado nas suas gerações, por aliança perpétua. É um sinal entre mim e os filhos de Israel para sempre.”

(Êxodo xxxi, 15, 16, 17.)

Em qualquer terra para onde o judeu tenha ido, procurou manter esta Aliança, com o resultado de que, à medida que a sua influência se espalhou pelo mundo, “os pagãos” foram compelidos, apesar de si próprios, a seguir o seu exemplo e, conseqüentemente, o sétimo dia — o sábado — está a tornar-se cada vez mais um dia de descanso em todos os países onde o judeu pode ser encontrado.

Já nos dias de Josefo se relata que, em quaisquer terras onde os judeus se estabeleciam, as nações vizinhas imitavam o seu costume de guardar o sétimo dia como dia de descanso. Aproximando-nos mais da atualidade, verificamos que, durante os últimos cinquenta anos, por toda a Grã-Bretanha, os estabelecimentos comerciais ou encerram cedo ao sábado ou não abrem de todo. Este costume espalhou-se rapidamente também pelos

Estados Unidos da América e está recentemente a tornar-se regra geral em todos os países europeus onde os judeus se estabeleceram.

A Circuncisão, que nos países cristãos era praticada principalmente apenas pelos judeus, é agora abertamente defendida por médicos em todo o mundo, e recordar-se-á que, em anos relativamente recentes, o “selo da moda” lhe foi conferido pelo Rei Eduardo VII, permitindo que fosse introduzida na Casa Real. No continente europeu, nos Estados Unidos da América e, na verdade, em todo o mundo, este costume está a tornar-se cada vez mais comum.

Politicamente, a influência da raça judaica espalha-se rapidamente por todos os países. Até ao reinado da Rainha Vitória, nenhum judeu podia ocupar cargos no Governo inglês. Isto alterou-se nos dias de Disraeli, quando se tornou Primeiro-Ministro de Inglaterra, e hoje não existe posição de poder ou distinção que um judeu não possa ocupar — exemplo recente disso foi Lord e Lady Reading ocupando os cargos de Vice-Rei e Vice-Rainha da Índia.

Muitas pessoas compreendem mal o judeu e talvez discordem de mim quando digo que as Finanças não são a única área da vida em que ele possui especial aptidão. A verdade é que o judeu foi forçado pelas circunstâncias a entrar nas finanças. Durante longos anos de perseguição, foi a única posição que lhe restou; para sobreviver, foi obrigado a comprar e vender aquilo que “os pagãos” produziam, emprestou-lhes dinheiro, financiou os seus empreendimentos e, não tendo país próprio, financiou também as suas guerras, sendo mais ou menos indiferente, no passado, quanto à nação que vencia ou perdia. Após longos séculos de prática na manipulação do dinheiro, tornou-se naturalmente um especialista em finanças e, tendo as Finanças passado a constituir o principal poder do mundo, representa hoje uma força sem igual na modelação do destino da humanidade.

Ao mesmo tempo, o judeu fez-se também sentir no mundo da Arte, Literatura, Música e Ciência, e, com a maior liberdade agora a surgir para a sua raça, não é possível calcular qual poderá vir a ser o seu futuro nessas áreas.

O judeu é mais um adaptador do que um inventor; pode não estar presente na criação das indústrias, mas ninguém sabe melhor do que ele como promover combinações, agrupamentos e gigantescos trustes. Quando chegar o momento, demonstrará esse poder nas combinações entre nações — e, sendo hoje mais homem de paz do que de guerra, a sua influência acabará por impedir a guerra.

Antes, porém, que isso possa acontecer, os israelitas, como raça, estarão envolvidos no maior conflito alguma vez conhecido.

O regresso à Palestina será o que provocará esse acontecimento.

Esse regresso à sua terra foi predito há muitos séculos no “Livro” e, como todas as predições feitas acerca deles nas suas páginas se cumpriram, assim também, é apenas lógico supor, se cumprirá a sua restauração final na Palestina e a reconstrução de Jerusalém, a Cidade dos seus Pais.

“E acontecerá nos últimos dias que o monte da casa do Senhor será estabelecido... e todas as nações afluirão a ele. Porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor.”
(Isaías ii, 2-3.)

Cerca de duzentos milhões de acres da terra mais rica do mundo, um país com excelentes portos e situado quase no coração da Europa, permaneceu devastado durante quase dois mil anos, tal como foi profetizado:

“As suas cidades ficarão desoladas, sem quem nelas habite.”¹

¹ *Jeremias xlviii, 9.*

Tudo isto sabemos que aconteceu e estamos agora a assistir, nos nossos próprios dias, ao cumprimento igualmente constante e irresistível de outro conjunto de profecias feitas acerca desta mesma raça. Lemos que Jerusalém deveria ser pisada pelos gentios durante “o Tempo dos Gentios”. Sabemos também que, há mil anos, grandes exércitos cristãos sob o estandarte dos Cruzados tentaram repetidamente libertar esta terra.

Muitas vezes nos perguntámos porque o poder e a força por detrás “da Cruz” não conseguiram expulsar “o Crescente”; porque razão, apesar da

bênção “da Igreja” sobre todos os seus esforços, “os Exércitos da Cruz” encontraram sempre o desastre. Talvez não tivéssemos compreendido que “o Tempo dos Gentios” ainda não se havia cumprido, que o Crescente maometano era também servo do Destino e que ainda não chegara o momento de os Portões de Jerusalém serem abertos a um exército invasor.

Estranho é pensar que o mesmo ciclo de anos que parece ter desempenhado um papel tão importante nesta história da Casa de Israel — os mesmos 2150 anos — tivesse de decorrer quase por completo antes de tropas britânicas, com muitos soldados israelitas e descendentes de israelitas, entrarem em Jerusalém sob o comando do General Allenby, em 1917.

Desde então, pela primeira vez em todos estes longos dois mil anos, os judeus podem regressar ao seu país sob proteção britânica, e regressam ano após ano em números impressionantes.

Não só foi profetizado que os judeus regressariam à Palestina, mas também o resto das Dez Tribos. Em Jeremias, capítulo xxx, versículo 3, lemos:

“Farei regressar o cativo do meu povo Israel e Judá, diz o Senhor; e fá-los-ei voltar à terra que dei a seus pais, e possuí-la-ão.”

E novamente em Ezequiel, capítulo xxxvii, versículo 21:

“Tomarei os filhos de Israel dentre as nações para onde foram e os reunirei de todas as partes, trazendo-os para a sua própria terra.”

E ainda em Amós ix, 14-15:

“Edificarão as cidades devastadas e nelas habitarão... e plantá-los-ei na sua terra, e nunca mais serão arrancados da terra que lhes dei, diz o Senhor.”

Todas estas profecias estão a cumprir-se constantemente, até mesmo à união de Israel e Judá.

Hoje, capitalistas ingleses, americanos, alemães e franceses unem-se a financistas judeus para promover um renascimento de prosperidade na Palestina como o mundo nunca viu antes.

Calcula-se que, desde a Grande Guerra, mais de 150 000 judeus tenham regressado e se estabelecido na Palestina.

Exporei agora, tão brevemente quanto possível, as minhas razões para afirmar que o Armagedão ainda por vir será provocado pelo regresso de Judá e Israel à sua terra.

Em primeiro lugar, a Palestina e os países circundantes tornar-se-ão a região mais fértil e uma das mais ricas do mundo. Minerais e metais raros serão encontrados ali em abundância, e grandes depósitos de carvão e petróleo serão descobertos nessa parte da Terra em quantidades inesgotáveis.¹

¹ RIQUEZA INSONDÁVEL DO MAR MORTO E DA PALESTINA
£240 524 000 000.

Quatro grandes grupos financeiros — britânicos, americanos, europeus e anglo-palestinianos — disputam a concessão para explorar os enormes depósitos minerais e químicos escondidos nas profundezas do Mar Morto.

A imaginação vacila perante os números espantosos da riqueza estimada pelos especialistas como sendo o valor desses depósitos. Eis alguns dos principais recursos do Mar Morto sobre os quais os potenciais concessionários baseiam os seus cálculos:

Produto	Toneladas	Valor
Potássio	1 300 000 000	£14 000 000 000
Bromo	853 000 000	£52 000 000
Sal	11 900 000 000	£9 500 000 000
Gesso	81 000 000	£25 000 000
Magnésio	22 000 000 000	£165 000 000 000

Total: £240 524 000 000

Estes valores baseiam-se nos preços correntes do mercado.

Este total representa uma quantia equivalente ao rendimento agregado da Grã-Bretanha durante 100 anos. E é referido calmamente pelos especialistas como sendo uma “estimativa razoável” da riqueza que jaz improdutiva num dos lugares mais sombrios, áridos e desolados da superfície terrestre.

(Extracto de jornais de 24 e 25 de Outubro de 1927.) Nota do Editor.

A Itália e a Alemanha estarão, nesse mesmo período, em guerra com a França, e a Espanha, sob um Ditador, estará envolvida numa luta de vida ou de morte no Norte de África. A Alemanha e a Inglaterra tornar-se-ão aliadas e enviarão imensos contingentes de tropas para a Palestina e o Egipto.

A Rússia arrastará consigo enormes massas de chineses e tártaros e todas as raças maometanas serão envolvidas no conflito.

Os Estados Unidos estarão em guerra tanto com o México como com o Japão e só participarão mais tarde na carnificina europeia.

A Grã-Bretanha sofrerá terrivelmente na guerra prolongada; a maior parte de Londres e das cidades da costa oriental será destruída por frotas de aeroplanos vindas da Rússia.

Na Irlanda haverá guerra civil entre o Norte e o Sul, e uma nova República Irlandesa infligirá danos consideráveis, através de aeroplanos, a cidades como Liverpool, Manchester, Birmingham e ao oeste de Inglaterra.

Esta guerra vindoura, embora muito maior e mais terrível do que a última, será apenas uma das muitas que ocorrerão nos próximos séculos, conduzindo ao Armagedão final.

Como é prefigurado em Ezequiel, capítulo xxxviii, a grande batalha do Armagedão será travada nas planícies da Palestina. Está claramente exposto, para todos os que quiserem ler, que este conflito será uma luta de vida ou de morte para os exércitos contendores que combatem na Palestina. Descreve-se que os povos do Norte, pelos quais a Rússia é evidentemente

indicada, descerão sobre esse país “com aliados vindos da Pérsia, Etiópia, Líbia e muitos povos”.

Ezequiel prossegue dizendo, referindo-se ao Governante ou Rei do Norte, e descrevendo em linguagem inequívoca as novas condições na Palestina causadas pelo regresso dos israelitas:

“Acontecerá naquele mesmo tempo que te subirão pensamentos ao coração, e conceberás um mau desígnio; e dirás: Subirei à terra das aldeias sem muros; irei contra os que vivem descansados (isto é, os israelitas regressados das suas longas peregrinações)... para tomar despojos e fazer presa; para voltares a tua mão contra os lugares desertos agora habitados, e contra o povo reunido dentre as nações... E virás do teu lugar, das bandas do norte, tu e muitos povos contigo... e subirás contra o meu povo de Israel, como nuvem para cobrir a terra.”¹

A princípio, o profeta indica que os povos do Norte provavelmente terão êxito; depois prossegue descrevendo como o Senhor dos Exércitos virá em auxílio do Seu povo através de terramoto, tempestade, inundação, fogo e peste.

Depois acrescenta que o Senhor dará a “Gog”, como chama aos povos do Norte,

“um lugar de sepultura em Israel... e ali sepultarão Gog e toda a sua multidão; e chamarão ao lugar o Vale de Hamon-Gog... E separarão homens de ocupação contínua, que percorrerão a terra para sepultar os que permanecerem sobre a face da terra, a fim de a purificar... e quando alguém vir um osso humano, levantará junto dele um sinal, até que os coveiros o tenham sepultado no Vale de Hamon-Gog. Então conhecerão eles (Israel) que Eu sou o Senhor seu Deus, que os levou ao cativeiro entre os pagãos; mas reuni-os na sua própria terra e não deixei mais nenhum deles lá.”

¹ *Ezequiel xxxviii, versículos 5, 15, 16.*

² *Ezequiel xxxix, versículos 11, 15, 21, 28.*

CAPÍTULO XI
A VINDA DA ERA AQUARIANA
E A EMANCIPAÇÃO DA MULHER
AS MULHERES NA POLÍTICA,
NOS NEGÓCIOS E NA MAÇONARIA

As primeiras vibrações daquilo a que se chama a Nova Era Aquariana, causadas pela “Precessão dos Equinócios” ao entrar no signo de Aquário, começaram, aproximadamente, por volta do ano de 1762 d.C.

Este signo do Zodíaco, mais diretamente influenciado pelos planetas Úrano e Saturno, esteve, desde tempos imemoriais, associado na mente dos antigos estudiosos do Ocultismo à ideia de “uma nova era” e de uma mudança completa nas leis que controlam a civilização.

Acreditava-se e compreendia-se que as peculiares vibrações causadas pela ação do Sol ao retrogradar através desta parte do Zodíaco afetariam de tal modo as mentes da humanidade que as mais espantosas mudanças, convulsões e revoluções surgiriam no seu seguimento.

O período Aquariano de 2150 anos, que estamos agora a iniciar, foi denominado “a nova Era” por várias escolas de filosofia devido à influência de Úrano ser a do primeiro planeta fora da zona dos governantes imediatos da Terra e um que parece possuir uma revolução distintamente diferente, tal como Neptuno, sendo estes os únicos dois planetas que, no simbolismo ocultista, afetam mais os pensamentos dos indivíduos do que o plano material.

A “Era Aquariana” ou “Nova Era” foi também considerada como o período em que a mulher, no contexto de convulsão, revolução e mudança, apareceria no palco do mundo desempenhando um papel completamente novo.

Um olhar retrospectivo sobre os acontecimentos do último século e meio bastará para mostrar que já ocorreram grandes mudanças na visão mental da humanidade em geral e, mais particularmente, na posição das mulheres.

Até este período, durante milhares de anos, as mulheres em todas as terras tinham sido meros objetos, num estado de servidão pouco melhor do que a escravidão, sem qualquer voz na criação das leis que as afetavam.

Desde o início desta “Nova Era”, nenhuma mudança foi mais marcante do que a posição da mulher em todos os países do mundo.

Mesmo em civilizações antigas como a China e o Japão, apesar das mais rígidas leis das dinastias e das religiões, as mulheres quebraram por toda a parte as suas correntes.

No Japão, ainda tão recentemente quanto 1910, nenhuma atriz era autorizada a subir ao palco e todos os papéis femininos tinham de ser representados por homens. As mulheres não podiam legalmente aparecer em palco sob qualquer forma.

Desde 1910 tudo isso foi alterado; algumas famosas atrizes japonesas visitaram até a Europa e, ainda mais recentemente, as filhas da mais alta nobreza japonesa apareceram em palco.

Na Turquia, pela primeira vez em séculos, as portas do harém foram abertas; as mulheres arrancaram o véu e o “yashmak” dos seus rostos e surgem abertamente em público.

Durante a Revolução Francesa de 1793, as mulheres combateram atrás das barricadas de Paris lado a lado com os seus irmãos.

Na última Grande Guerra, as mulheres russas organizaram-se em regimentos e entraram nas trincheiras tão corajosamente quanto os homens. Hoje, sob o regime soviético, as mulheres são encorajadas a entrar no Exército e já o fizeram em grande número.

Mais perto de nós, vemos que a França aprovou recentemente uma lei para conscrever mulheres para o serviço militar em caso de nova guerra.

Ainda há pouco tempo mulheres — e algumas delas pertencentes à mais alta aristocracia inglesa — marchavam pelas ruas de Londres sob bandeiras sufragistas, iam para a prisão e suportavam “greves de fome” na sua luta por “direitos iguais aos dos homens”.¹

Hoje vão um passo mais longe e exigem o direito de voto aos vinte e um anos, exigência que em breve lhes será concedida, tão certamente como a noite segue o dia.²

Mulheres cientistas, mulheres médicas, mulheres advogadas, mulheres pregadoras e mulheres motoristas vieram para ficar. As mulheres atravessaram o Canal da Mancha a nado, pilotaram aeroplanos e invadiram todas as ocupações que o homem outrora julgava exclusivamente suas.

Clubes femininos surgiram por todo o mundo. Na América tornaram-se tão poderosos que nenhuma questão política pode triunfar sem o seu apoio.

Mulheres foram eleitas governadoras de Estados, presidentes de câmara de cidades e, durante os próximos cinquenta anos, uma mulher ocupará sem dúvida a Casa Branca em Washington como Presidente.

Em Inglaterra, a corrente dos acontecimentos segue a mesma direção. As mulheres já entraram no Parlamento e tornaram-se membros do

Gabinete, e mais tarde uma Rainha voltará a governar os destinos da Grã-Bretanha.

Até a Igreja enfraquece perante a influência da mulher. Bispos inclinam a cabeça perante os seus desejos, e vigários devem os seus benefícios às suas mãos.

¹ 1910 a 1914.

² *Lei do Parlamento aprovada em 1928.*

Os casamentos civis que há poucos anos eram anátema aos olhos dos padres são hoje “abençoados” por um serviço religioso posterior.

As mulheres desafiaram a autoridade da “Igreja” criando credos próprios.

Mrs. Baker Eddy fundou a “Christian Science”, que, apesar da oposição e do preconceito, se espalhou por todos os países do globo.

Mrs. Annie Besant, pregando o culto da Teosofia, possui na Índia e no Oriente uma posição tão poderosa quanto qualquer Papa.

No oeste da América, Mrs. Katherine Tingley, até à sua morte em 1930, sob outra bandeira da Teosofia, reinou como rainha espiritual, enquanto Aimée McPherson, de Los Angeles, com o seu “Evangelho Quadrangular”, conta os seus seguidores às centenas de milhar.

Desde o despontar desta “Nova Era”, nada do que o homem considerou sagrado deixou de ser reclamado pelas mulheres, durante o último século e meio, como sendo seu direito.

Nem mesmo os segredos da Maçonaria escaparam. Quando esta “Nova Era” começou a surgir sobre o mundo, a mulher apresentou-se para ser admitida — e, até certo ponto, já atravessou os seus portais.

Em 1775, segundo os escritos de Monsieur Boubée, uma das autoridades da Maçonaria no Continente, “as senhoras francesas, não desejando permanecer indiferentes ao bem realizado pelos maçons, procuraram formar Lojas de Adopção, para exercerem mais eficazmente a Caridade e a Bondade”.

Lemos que a Grande Loja de França acabou por consentir na formação dessas Lojas sob a condição expressa de que “cada reunião fosse presidida pelo Mestre de uma Loja Maçónica regular”.

Entre as damas distintas inscritas nessas Lojas encontravam-se a Princesa de Lamballe, a Condessa de Polignac, a Duquesa de Chartres, a Duquesa de Bourbon, a Condessa de Choiseul e a Marquesa de Coutebonne.

No dia 11 de Março de 1775, o Marquês de Saisseval, juntamente com outros distintos maçons, fundou uma dessas Lojas femininas sob a constituição da Grande Loja de França.

Na cerimónia de abertura esteve presente a Duquesa de Chartres, esposa do Grão-Mestre, e a Duquesa de Bourbon aceitou assumir o cargo de Grande Mestra da Maçonaria de Adopção. A sua instalação teve lugar no dia seguinte, presidida pelo Duque de Chartres na qualidade de Grão-Mestre dos maçons franceses. Relata-se que estiveram presentes mais de mil pessoas da mais alta nobreza francesa.

Em 20 de Março de 1785, os registos mostram que a mais íntima amiga de Maria Antonieta, a Princesa de Lamballe, foi eleita para o cargo de Grande Mestra de Honra numa Loja fundada pelo célebre Cagliostro, chamada “Rito Egípcio”. A magnificência da cerimónia da sua instalação ultrapassou tudo o que anteriormente se fizera, estando presentes os maçons mais eminentes, juntamente com alguns dos mais altos membros da corte de Luís XVI.¹

O Papa Clemente XII, em 1730, emitiu a sua Bula contra a Maçonaria, mas, apesar disso, as Lojas femininas continuaram a florescer no Continente.

Napoleão I concedeu o seu patrocínio às Lojas para mulheres e, em 1805, Monsieur Boubée escreve que a Imperatriz Josefina foi instalada como Grande Mestra da “Loja Imperial”.

Em nenhum período da história da Maçonaria de Adopção, diz-nos ele, “estiveram presentes tantas pessoas distintas para testemunhar a instalação de uma Soberana”.

Em Inglaterra, após a execução de Carlos I, que tinha sido iniciado na Maçonaria por Ashmole, a sua viúva fundou uma sociedade maçónica para mulheres sob o nome de “Os Filhos da Viúva”, designação a que todos os maçons têm direito.

Por volta do ano de 1778, uma Ordem para mulheres chamada “Eastern Star” foi fundada nos Estados Unidos; embora esta ordem não afirme estar sob a jurisdição da Maçonaria, é decididamente maçónica na sua fundação e, quando a oportunidade surge, realiza as suas reuniões em templos maçónicos regulares.¹

É a maior Ordem feminina do mundo e conta com mais de um milhão de membros. Além desta Ordem para mulheres, existe outra organização muito importante chamada Ordem dos Co-Maçons, que possui muitas lojas na América e em Inglaterra.

A Honourable Fraternity of Ancient Masonry, outra organização para mulheres, está a expandir-se rapidamente em Londres e nas Províncias. No momento em que escrevo, possui mais de nove Lojas em atividade em Londres.

Falando desta organização num documento apresentado perante a Lodge of Installed Masters, em Birmingham, em Outubro de 1925, F. W. G. Gilby, antigo Grande Capelão Provincial, elogia altamente esta ordem de mulheres maçons.

Ele afirma:

“Esta Ordem é Maçonaria pura e corretamente praticada. Fui Grande Capelão da Ordem durante alguns anos e aprendi muito... Foi esta ordem que, no ano de 1920, apresentou uma petição à Grande Loja para exame, com vista ao reconhecimento. Não pediam que as mulheres fossem admitidas nas lojas masculinas; não desejavam isso. Pediam apenas este exame para que o status quo ante pudesse ser restaurado e para que os maçons sob jurisdição da Grande Loja não fossem impedidos de visitar as lojas da sua Ordem particular, que é a mais próxima da nossa na prática.”²

A Grande Loja Unida de Inglaterra recusou a petição para conceder reconhecimento às Lojas femininas, mas, apesar dessa decisão, o

movimento a favor da criação de organizações maçónicas femininas continua a avançar rapidamente.

Considerando os progressos feitos pelas mulheres em todos os países do mundo e as posições que conquistaram face à oposição dos mais conservadores grupos de homens, e sabendo que a “Nova Era” que agora começamos é um período predestinado em que as mulheres têm de surgir na dianteira em todos os assuntos da vida pública, não hesito em afirmar que não existe corpo de homens capaz de resistir durante muito tempo à corrente de pensamento que, para bem ou para mal, está a conduzir as mulheres ao poder.

Pode ser que as revoluções e convulsões que vemos à nossa volta tragam temporariamente a queda de Impérios, a destruição de Tronos, a morte do “velho” e o nascimento do “novo”.

Pode ser que grandes tribulações aguardem a humanidade — contudo, acredito tão firmemente na perfeição final do Desígnio Divino que vejo, no símbolo da Era Aquariana, a promessa do “Portador da Água” derramando água sobre a Terra, para que no fim as sementes tenham maior fertilidade, as flores maior plenitude e todos os sectores da humanidade mais amor uns pelos outros.

¹ *Histoire de la Magie, por P. Christian.*

² *Women and Freemasonry, por F. W. G. Gilby, M.A., antigo Grande Capelão Provincial, Warwick.*

Como estamos, infelizmente, apenas naquilo que pode ser chamado de “cúspide” da precessão aquariana, terão de passar muitas centenas de anos antes de a humanidade começar a sentir os seus efeitos benéficos.

Entretanto, haverá muitas “Grandes Guerras” até ao Armagedão final — a Guerra das Guerras — que acabará com a guerra.

Pode demonstrar-se, por todos os astrónomos que desejem efetuar estes cálculos, que o ponto exato do Equinócio Vernal no ano 388 a.C. se encontrava no primeiro grau do signo de Carneiro e que tinha deixado o signo de Touro 2150 anos antes dessa data. O signo seguinte neste movimento da “precessão” depois de Carneiro é o signo de Peixes, símbolo

dos peixes sob o qual Cristo apareceu e a nova religião do Cristianismo começou. Portanto, no ano 388 a.C., a “Precessão dos Equinócios” estava a retrogradar de Carneiro para o signo de Peixes e o cálculo seguinte permitir-nos-á conhecer a nossa posição atual.

Se acrescentarmos 388 a.C. ao ano de 1931, obtemos 2319; subtraindo os 2150 anos da “precessão”, restam 169 anos e sabemos, portanto, que estamos atualmente 169 anos dentro do signo que segue Peixes, nomeadamente Aquário — e que a “Cúspide” da nova Era Aquariana já está sobre nós.

Subtraindo 169 anos a 1931, regressamos ao ano de 1762 d.C., período em que estavam a ocorrer mudanças muito marcantes no mundo.

Por essa altura, uma nova nação, os Estados Unidos, estava a nascer; catorze anos depois foi emitida a sua Declaração de Independência.

Na Europa, grandes mudanças estavam em curso. A França avançava constantemente para a revolução que abalou os tronos da monarquia, dos quais nunca recuperaram.

Napoleão nascia (1769), os demónios da guerra embriagavam-se de sangue e toda a Europa se transformava num campo de batalha.

O poder de Roma foi abalado até aos seus fundamentos, as suas igrejas saqueadas, os seus padres expulsos de França (1793).

Saturno, regente do signo de Aquário, está apenas no início do seu reinado. Guerra, destruição, derramamento de sangue e fome são os instrumentos do seu propósito — as ferramentas pelas quais destrói a convenção e entroniza “o novo” sobre as ruínas do velho.

Estamos apenas no começo — no início das coisas — pouco mais de uma centena de anos para lá do limiar, um mero nada dentro dos 2150 anos da Era Aquariana que está a chegar.

Tal como existe uma “cúspide” no ano comum de sete dias quando o Sol passa de um signo do Zodíaco para outro, durante a qual o signo precedente se sobrepõe ao seguinte, assim também existe, no “Grande Ano da Precessão”, uma “grande cúspide” de 700 anos antes que a “precessão”

esteja plenamente realizada, visto estarmos apenas 169 anos para lá do início da “Cúspide” do signo vindouro de Aquário.

Temos, portanto, ainda 531 anos a partir da nossa data atual para atravessar antes que o mundo entre plenamente na Era Aquariana.

Os próximos quinhentos e poucos anos serão um período de convulsão em todos os sentidos do termo: desmembramento de impérios, nascimento de novas nações, revoluções e guerras, conduzindo ao Grande Armagedão, que ocorrerá aproximadamente dentro de quinhentos anos.

Sob outro ponto de vista, a mudança que o eixo da Terra está lenta e continuamente a sofrer à medida que cada “precessão” do Equinócio produz o seu efeito causou no passado — e terá de causar no futuro — alterações igualmente importantes nas condições climáticas de cada país.

À medida que o equilíbrio do centro do globo se altera, grandes terremotos ocorrerão em todas as partes do mundo até que a crosta terrestre volte a estabilizar-se e normalize.

Daqui em diante, fortes tremores e sismos afetarão países que até agora estiveram mais ou menos imunes a tais ocorrências. Vulcões extintos em todo o mundo tornar-se-ão ativos, enquanto maremotos e ciclones causarão enormes destruições materiais.

Durante os próximos cinquenta anos desenvolver-se-á uma zona sísmica numa direção nordeste desde a costa do Pacífico do Peru, passando pelo Panamá e México, atravessando os estados do Norte e o Canadá até às regiões árticas.

As cidades orientais da América do Norte, como Washington, Nova Iorque, Buffalo, Boston e Toronto, serão seriamente afetadas e uma parte considerável de Nova Iorque será destruída.

Uma nova cordilheira ou faixa de terra aparecerá no Atlântico Norte, provocando tal alteração no curso da Corrente do Golfo que os estados orientais da América ficarão sujeitos a Invernos intensamente frios, e a Idade Glacial repetir-se-á gradualmente no Norte da Europa; países como

Irlanda, Grã-Bretanha, Suécia, Noruega, Dinamarca, norte da Rússia, Alemanha, França e Espanha tornar-se-ão gradualmente inabitáveis.

Esta alteração será compensada pelo desenvolvimento de um clima temperado afetando países como China, Índia, África e Egito e, em consequência, um rápido aumento da civilização ocorrerá em todos esses países.

Durante os próximos cinquenta a cem anos, após uma série de devastadores terremotos, as ilhas dos Açores erguer-se-ão do Atlântico e as ruínas do há muito perdido continente da Atlântida serão descobertas e exploradas.

Esta convulsão do fundo oceânico romperá o Istmo do Panamá; a América do Norte e a América do Sul tornar-se-ão duas imensas ilhas e um enorme comércio se desenvolverá através dessa rota.

Há muitas pessoas que acreditam que a submersão original da Atlântida fez o Oceano Atlântico romper pelas “Colunas de Hércules”, em Gibraltar, transformando um vale outrora fértil naquilo que hoje é conhecido como o Mar Mediterrâneo. O reaparecimento da Atlântida, neste caso, fará com que o deserto do Sara seja transformado num vasto mar interior e provocará tais alterações climáticas no continente africano que os atuais desertos áridos das regiões do Norte desse continente, juntamente com o Egito, se transformarão numa zona temperada de tal riqueza que a Palestina, o Egito e os países circundantes se tornarão os celeiros do mundo e farão desta região do globo um grande centro de civilização.

Dentro de um período de cerca de quinhentos anos a partir de agora, as consequências do Grande Armagedão revolucionarão completamente as nossas atuais ideias de nações, reinos ou repúblicas; um Governo Central maravilhosamente organizado na Palestina irradiará leis de vida e humanidade para o mundo inteiro.

Depois das suas longas provações e perseguições, a restaurada Casa de Israel e Judá, tendo aprendido tanto com os seus próprios sofrimentos, estará em posição de compreender as injustiças sofridas por outras raças e corrigirá essas injustiças através da Balança da Justiça Divina.

Povos desprezados receberão uma oportunidade igual à daqueles que até agora foram os mais favorecidos. Tal como, em eras muito antigas, os filhos de José nascidos no Egito de uma esposa egípcia foram introduzidos no círculo sagrado das Doze Tribos, assim também os filhos de Ismael e os filhos de Cam serão reconhecidos, e o negro, o árabe, o hindu e a raça amarela, em vez de serem considerados inimigos ou um “perigo”, serão integrados numa parceria universal cujo propósito será a elevação de toda a raça humana e o cumprimento do Desígnio Divino, cujo objetivo final é a perfeição de todos.

Tal perfeição não pode ser alcançada enquanto todas as religiões não se tiverem fundido numa só.

Isto, o aparentemente “impossível”, torna-se todos os dias mais e mais provável. O domínio e o poder dos credos sustentados pelo Estado estão em declínio, ou dividem-se em tantas seitas que ficam “como ovelhas sem pastor”.

O Mandamento “Não terás outros deuses diante de mim” continua a ressoar tão claramente hoje como ressoava no Sinai; “os céus proclamam a glória de Deus” nesta era tal como o faziam quando Ele criou Doze Tribos para serem emblemáticas das Doze Casas do Zodíaco e instituiu um Templo para ser construído “segundo o modelo mostrado nos céus”.

A Voz que disse: “Ó Israel, tu pecaste desde os dias de Gibeá”, quando a misteriosa aliança e lei do “doze” foi quebrada pela primeira vez, mantém ainda a promessa feita a toda a humanidade:

“Eu serei o teu Deus e tu serás o meu povo.”

A “religião dos céus” continua a ser a única religião pela qual Deus “fala com o homem” hoje, como falava nos dias antigos.

À luz de tal conhecimento, todos os mistérios serão esclarecidos; a mensagem de Deus escrita nos céus acabará por ser corretamente interpretada; a linguagem das estrelas, planetas e sóis traduzirá “o Livro” em palavras “compreensíveis para o povo”.

As nações reconhecerão de tal modo as suas afinidades zodiacais que se agruparão entre si e as fronteiras artificiais do presente serão varridas.

Em tais condições, a guerra tornar-se-á impossível e a “promessa de paz” será finalmente cumprida.

“Converterão as suas espadas em relhas de arado, e as suas lanças em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra.”

(Isaías ii, 4.)

PARTE II

PREDIÇÕES RELATIVAS AO FUTURO IMEDIATO DAS PRINCIPAIS NAÇÕES DO MUNDO

Primeira Série:

GRÃ-BRETANHA E COLÓNIAS BRITÂNICAS EM GERAL

Sua Majestade o Rei Jorge V completou, em 3 de Junho de 1931, o terceiro ciclo de sete, nomeadamente vinte e um anos no Trono de Inglaterra.

Do ponto de vista astrológico, o novo ciclo em que agora entra será muito sério e crítico, tanto para ele enquanto Rei de Inglaterra como enquanto ser humano físico.

Quando publiquei pela primeira vez este livro em 1927, escrevi na página 68:

“A influência planetária que governa o Rei Jorge será desfavorável para ele pessoalmente entre 1928 e 1930. Prevejo nesses anos um período crítico e de profunda ansiedade para a Família Real e para o Império Britânico como um todo.”

Isto confirmou-se através da sua grave doença, que começou em Novembro de 1928 e se prolongou pelo ano seguinte de 1929.

Foi necessário efetuar uma operação de drenagem ao pulmão; este estado crítico prolongou-se até meados de 1930.

A sua condição era tão grave que se recordará que o Príncipe de Gales foi chamado de regresso da sua viagem à África do Sul e forçado a voltar a Inglaterra.

Foi um período da mais profunda ansiedade não apenas para a Família Real e Inglaterra, mas para todas as possessões britânicas espalhadas pelo mundo.

Sua Majestade recuperou desta doença extremamente grave.

Lamento ter de afirmar que, embora Sua Majestade tenha retomado os seus deveres regulares e se encontre em tão boa saúde que pôde comparecer ao jantar do Royal Derby na Primavera de 1931, tenho sérios receios de um reaparecimento de problemas de saúde entre Outubro e Dezembro deste ano.

A menos que sejam tomadas as maiores precauções, podem esperar-se os resultados mais graves.

A posição tanto de Saturno como de Marte é tão ameaçadora, tanto para o Rei Jorge como para Inglaterra em geral, que apenas se podem esperar consequências de grande alcance.

Seria prudente que os conselheiros de Sua Majestade o obrigassem a deixar Inglaterra antes do fim de Setembro de 1931 para passar o Inverno no sul da Europa. Mas, contra a probabilidade de Sua Majestade o fazer,

devem ser consideradas as graves condições que surgem em Inglaterra, as quais poderão forçar o Rei a permanecer no seu posto de dever e assim ajustá-lo ao desígnio do Destino.

Mesmo os chamados números “fádicos” produzidos pelo nome e título de Rei Jorge V resultam no número composto 14, que produz por si o dígito simples 5.

Expliquei este número muito detalhadamente no meu *Book of Numbers*, na página 181. O ano de 1931, somado, produz o número 14 como composto e 5 como dígito simples; isto, por si só, prenuncia que o ano contendo esse número terá um efeito peculiar sobre a vida de Sua Majestade.

Ao publicar este livro há vários anos, escrevi:

“Nascer em 3 de Junho, sob o signo zodiacal de Gémeos, chamado a Primeira Casa do Ar, acentua os perigos denunciados pelo número composto do nome e título de Rei Jorge V. Portanto, o seu maior perigo virá de qualquer coisa ligada ao ar; até os pulmões de Sua Majestade, como aparelho respiratório do seu organismo, estão sob este símbolo do signo zodiacal do nascimento.”

No horóscopo de Sua Majestade calculado para o momento do nascimento — 3 de Junho de 1865, à 1h18 da manhã, em Marlborough House, Londres — o signo de Capricórnio (Casa de Saturno) encontra-se colocado no zénite ou ponto mais elevado do seu horóscopo, tornando Saturno exaltado e angular.

Isto tem singular importância para o ano de 1931, tanto para o Rei como para Inglaterra enquanto nação, pois desde o início do ano Saturno será o planeta mais exaltado e poderosamente colocado nos céus, com maus aspetos provenientes de Úrano e Marte no que respeita à Grã-Bretanha.

Além disso, Saturno afligirá todos os países que estão sob a sua influência, especialmente a Índia; ponto que abordarei mais detalhadamente quando escrever acerca desse país.

Sua Majestade a Rainha Maria, durante 1931, também ficará sob as más influências de Saturno e Marte. A sua própria saúde será afetada e um período muito angustiante em todos os sentidos parece encontrar-se diretamente à sua frente.

A doença e morte de um membro da Família Real são indicadas como podendo ocorrer por volta do Verão ou Outono de 1931.

Também diante do Príncipe de Gales se encontra um ano muito ativo e importante. Será chamado a participar em missões para outros países, a realizar longas viagens e, em direção ao Outono, poderá ser projetada uma viagem na direção da América do Norte, Canadá ou Estados Unidos.

Aconselhá-lo-ia, contudo, fortemente a não estar ausente de Inglaterra perto do final de 1931.

Algum acontecimento importante relativo ao Príncipe Henrique ou ao Príncipe Jorge poderá ser esperado antes do final de 1931, trazendo um ou outro, ou ambos, para a luz da publicidade.

Tanto 1931 como 1932 serão dois dos anos mais marcantes relacionados com a Família Real de Inglaterra.

Inglaterra como Nação e o Governo de Westminster

Nada de muito favorável consigo prever para Inglaterra — o país-mãe — ou para a Grã-Bretanha em geral.

A esmagadora queda do Partido Conservador e a tomada do leme do Governo pelo Partido Trabalhista em 31 de Maio de 1929 assinalaram uma época da maior importância na história da Grã-Bretanha.

A última ação do anterior Governo Conservador, ao conceder o voto às mulheres a partir dos vinte e um anos, foi suicida no que dizia respeito ao Partido Conservador e colocou a situação política nas mãos do Partido Trabalhista.

Mulheres e raparigas empregadas nas milhares de fábricas inglesas utilizaram o poder colocado nas suas mãos para votar na secção a que pertenciam, nomeadamente o Partido Trabalhista.

Astrologicamente, foi o momento errado para efetuar uma mudança tão drástica, com os planetas Saturno e Marte numa posição tão ameaçadora.

Desde tempos imemoriais, considera-se que a influência de Saturno provoca restrições e privações de toda a espécie.

No que respeita ao destino dos países, provoca perda de comércio, escassez de dinheiro, fracasso das colheitas, falta de emprego e males semelhantes.

A oposição de Saturno a Júpiter, desde 10 de Janeiro de 1931, torna a perspectiva ainda pior e reduz toda a promessa de melhoria imediata.

Júpiter, chamado o planeta da expansão, é completamente dominado pelos maus aspetos tanto de Saturno como de Marte.

Consequentemente, em vez de “expansão”, apenas se pode esperar “restrição” em todos os sentidos da palavra, com o perigo associado de que guerra, revolução e derramamento de sangue possam também, durante os próximos dois anos, envolver Inglaterra, quer internamente quer no estrangeiro.

A conjunção de Saturno com Mercúrio, iniciada em Janeiro de 1931, será prejudicial ao comércio e aos negócios em geral para a Grã-Bretanha, bem como para outros países, e agravará a depressão comercial.

O Governo Trabalhista, embora atacado de todos os lados, manter-se-á durante algum tempo; e caso seja feito qualquer apelo ao país, o Partido Trabalhista regressará ao poder mais forte do que nunca.

Os impostos aumentarão em Inglaterra e novos métodos serão concebidos pelo Governo Trabalhista para enfrentar o seu défice cada vez maior.

O Comunismo e o Socialismo aumentarão rapidamente durante os próximos anos e resultarão incêndios misteriosos e destruição.

Uma onda de descontentamento e agitação manifestar-se-á em muitas secções do Exército e da Marinha, e a Força Aérea Britânica, durante 1930

e 1931, estará sob influências maléficas, sofrendo desastres inesperados e pesada perda de vidas humanas.

As viagens aéreas em geral estarão sob estas más condições em quase todos os países e ocorrerão algumas terríveis tragédias aéreas.

Ao mesmo tempo, podem esperar-se extraordinários desenvolvimentos nas viagens aéreas, juntamente com novas invenções relacionadas com elas.

Um novo gás não inflamável surgirá em breve; e um tipo diferente de motor revolucionará os dirigíveis de todas as espécies.

Marte e Neptuno formando uma conjunção em 16 de Junho de 1931 ameaçam agitação incomum entre os trabalhadores em Inglaterra em geral, envolvendo greves de natureza revolucionária, aumento do desemprego e uma onda sem precedentes de ilegalidade e crime.

Devido aos lentos planetas Úrano e Saturno e à sua importante posição relativamente ao destino da Grã-Bretanha, estas más condições durarão muito tempo.

¹ Isto começou com a misteriosa explosão, com pesada perda de vidas humanas, do grande dirigível britânico na Primavera de 1931.

Este período dará início a um ciclo ainda mais difícil nas relações de Inglaterra com a Índia do que qualquer outro ocorrido no passado.

(Abordarei este assunto mais detalhadamente quando escrever sobre a Índia nas páginas seguintes.)

Os caminhos-de-ferro ingleses entrarão, a partir de agora, num período de condições desfavoráveis sem paralelo na sua história. Perderão tanto tráfego de passageiros como de mercadorias em todas as partes do seu sistema. Nos próximos anos, até as grandes linhas postais estarão à beira da falência e o Governo será forçado a auxiliá-las.

Sob pressão financeira, não conseguirão manter as suas linhas e material circulante em bom estado de conservação e os acidentes desastrosos aumentarão continuamente.

Muitas das companhias ferroviárias reduzirão os dividendos aos seus acionistas e algumas deixarão completamente de os pagar.

Os interesses marítimos ingleses serão, de agora em diante, igualmente afetados de forma adversa, tornando-se o comércio externo cada vez mais restrito.

Os acionistas encontrar-se-ão em má situação e terão lugar muitas reestruturações de companhias.

Durante 1931 e a Primavera de 1932, é provável que ocorra algum grande desastre marítimo.

Também uma explosão misteriosa num grande couraçado inglês e a perda de alguns dos maiores submarinos.¹

Durante este período, tempestades e vendavais de força invulgar devastarão as costas das Ilhas Britânicas; grandes danos materiais resultarão disso, juntamente com pesada perda de navios e vidas humanas.

Em previsões anteriores fiz a afirmação de que países que anteriormente tinham estado imunes a terremotos e subsidências do solo sofreriam consideravelmente com tais fenômenos a partir do ano de 1926.

No Prefácio do Editor deste livro, o Editor testemunha que previ, com nove meses de antecedência, o terremoto que teve lugar nas Ilhas do Canal em Julho de 1926, o qual “seria seguido por outro numa vasta área de Inglaterra no Outono do mesmo ano”; fenómeno ainda recordado nas Midlands.

Escrevi também que, a partir dessa data, choques semelhantes seriam sentidos em Inglaterra, norte de França e Alemanha, especialmente durante os anos de 1931 e 1932.²

¹ *Em 12 de Junho de 1931, a Universal Service anunciou a “suspensão das operações de mergulho para recuperar o submarino britânico Poseidon, afundado ao largo da costa chinesa. Acredita-se que os dezoito membros da tripulação presos na embarcação estejam mortos.”*

² *Jornais de 7 de Junho de 1931 noticiaram que um terramoto teve lugar nessa manhã no Mar do Norte, a cinquenta milhas da costa, sendo sentido em toda a Inglaterra e desde a Noruega até ao centro de França, tendo sido o pior terramoto naquela região em mais de mil anos.*

Durante 1931 será formada uma combinação marítima entre Inglaterra e Alemanha que conduzirá a desenvolvimentos surpreendentes.

Mais ou menos na mesma altura, a Grã-Bretanha e a Alemanha aproximar-se-ão numa relação mais estreita, o que causará desagrado e fricção com a França. Este acordo será de grande vantagem para os dois primeiros países.

Como afirmei anteriormente em *Cheiro's World Predictions*, página 38:

“Inglaterra, Alemanha, Dinamarca, Polónia Ocidental, Palestina, Síria e Japão são governados pelo signo de Carneiro, tendo Marte como regente desse signo; é inevitável que estes países tenham, mais cedo ou mais tarde, de se aproximar e intervir nos assuntos uns dos outros.”

Uma combinação destes países é provável durante 1931 e 1932. Seria aconselhável que isso acontecesse, pois poderia evitar ou adiar a guerra na Europa que claramente ameaça surgir.

Prevejo uma “aliança de trabalho” para autopreservação que, em breve, ocorrerá entre Rússia, Alemanha e Itália. Devido à falta de visão dos seus governantes, Inglaterra poderá ficar de fora desta poderosa combinação; se assim for, perderá novamente uma maravilhosa oportunidade para a sua própria segurança e progresso.

Esta “oportunidade perdida” é bastante provável de acontecer devido ao preconceito existente contra a Rússia na mente de alguns dos importantes ministros do Governo inglês, o que poderá impedir qualquer tratado ou combinação que reúna Grã-Bretanha, Rússia, Alemanha e Itália numa coligação ou aliança.

Assim, as opiniões pessoais de um homem ou de outro encaixam-se ou desempenham quase inconscientemente o papel que o Destino preparou antecipadamente.

Contra a combinação acima mencionada, deve considerar-se a posição da França.

A França possui atualmente o maior e mais poderoso exército de toda a Europa, com uma força aérea sem rival em número, treino e métodos modernos. Recentemente impediu que o acordo naval entre as Grandes Potências se tornasse realidade, pela simples razão de não permitir que a Itália possuísse uma marinha tão poderosa quanto a sua.

Ainda mais recentemente, na Primavera de 1931, indignou-se com a ideia de Alemanha e Áustria formarem um tratado comercial para reduzir tarifas entre os dois países.

A França, portanto, dificilmente permitirá que uma combinação entre Rússia, Alemanha e Itália se concretize, se puder evitá-lo.

Pouco depois da Grande Guerra, ela própria formou um tratado de aliança com os fracos estados da Roménia e com aquilo a que se chama a “Pequena Entente”, que sempre foi e sempre será “o barril de pólvora da Europa”.

A França está comprometida, pelo seu tratado, a prestar assistência militar a qualquer uma dessas pequenas nações caso sejam atacadas por outra potência.

No Tratado de Versalhes, após a Guerra, os representantes das catorze nações vitoriosas sentaram-se em torno de uma longa mesa e permitiram que o falecido Presidente Wilson, dos Estados Unidos, lhes ditasse as condições.

Como todas as nações estavam fortemente endividadas para com a América, eram tão submissas quanto os devedores normalmente o são em tais circunstâncias.

O Presidente Wilson, embora extremamente bem-intencionado, era quase tão ignorante das verdadeiras condições da Europa quanto qualquer

homem poderia ser. Não possuía formação nas antigas rivalidades, ciúmes, ambições subterrâneas e disputas permanentes dos países cujas enfermidades foi tão subitamente chamado a tratar.

Como um médico diante de uma mesa de consulta, todos os sintomas imagináveis foram apresentados perante os seus olhos atrás dos óculos.

(Não admira que a tensão sobre o seu sistema nervoso se tenha tornado tão grande que regressou para morrer pouco tempo depois no seu próprio país.)

Disseram-lhe os carnicheiros políticos em redor da mesa da conferência que tinha de ser inserido um tubo de drenagem nos intestinos da Polónia para lhe dar saída para o mar. Ele concordou com “o Corredor Polaco”, sem considerar que tal “tubo de drenagem” tinha sido planeado pelos “carniceiros” para cortar as entranhas da Alemanha e enfraquecer ainda mais essa nação.

Perdeu de vista a lei natural — que, após uma operação, partes separadas procuram, mais cedo ou mais tarde, voltar a unir-se e que, até isso acontecer, o resultado costuma ser uma ferida aberta.

Disseram-lhe que a Roménia tinha de ser compensada porque os seus poços de petróleo tinham sido destruídos pelos seus aliados, mas que um pedaço retirado do ventre do Grande Urso — a Rússia — equilibraria a situação.

O Presidente Wilson nunca tinha estudado ursos, por isso deixou os “carniceiros” fazer o corte. Os “carniceiros” fizeram-no de maneira extraordinariamente desajeitada; o pedaço que retiraram foi a enorme província da Bessarábia.

Este pedaço do ventre do Grande Urso foi entregue à Roménia, esquecendo-se de que os ursos possuem extraordinários poderes de recuperação e que, mais cedo ou mais tarde, poderiam recuperar e exigir de volta esse pedaço do seu estômago para os seus próprios fins digestivos.

A Roménia recebeu mais do que podia engolir e desde então nunca mais esteve bem.

A França recuperou as ricas províncias da Alsácia-Lorena, juntamente com pesadas reparações.

A Inglaterra recebeu as colónias alemãs, juntamente com os couraçados alemães.

A Itália, embora se tivesse juntado tardiamente, recebeu grandes porções da Áustria.

Foi prometido à América que recuperaria todo o dinheiro emprestado, acrescido de juros.

Os “carniceiros políticos” ficaram satisfeitos; julgavam ter realizado um maravilhoso trabalho de corte.

Homens sábios — tão sábios que não conseguiram ver que estavam a preparar para si próprios uma guerra ainda maior no futuro.

E a tragédia de tudo isso! Milhões de vidas desperdiçadas por nada. Milhões de povos empobrecidos por gerações, tudo por causa do Tratado de Versalhes; um pedaço de papel que ainda será lembrado pela posteridade como o “Tratado da Loucura”.

ESCÓCIA E PAÍS DE GALES

Desde que *Cheiro's World Predictions* foi publicado em 1927, recebi grande número de cartas pedindo-me que, nesta edição revista, fornecesse algumas informações acerca das indicações futuras para a Escócia e o País de Gales.

Dá-me muito prazer responder a esses pedidos.

A Escócia é governada no Zodíaco pelo signo de Caranguejo; os seus planetas são a Lua e Neptuno, apropriados em todos os sentidos quando se considera que a palavra “Scot” significa “o Errante”.

Os filhos e filhas da Escócia espalharam-se por todas as partes do mundo conhecido.

São excelentes colonos e bem recebidos em todas as terras para onde vão.

O povo escocês, tomado como classe, é uma raça extremamente paciente e sofredora, o que também é de esperar quando se considera que o signo oposto a Caranguejo, no Zodíaco, é Capricórnio, com Saturno como regente.

Talvez por essa razão tenham suportado fardos e injustiças que nenhuma outra raça teria tolerado tão pacientemente.

A Irlanda, sob o signo de Touro, bramiu as suas dificuldades até que o mundo inteiro ouviu falar das suas “injustiças”; e como a Irlanda possui, no ponto oposto do Zodíaco, o signo de Escorpião, também chamado a segunda Casa de Marte, nunca desistiu da luta pela sua independência — e nunca desistirá.

Poderá surpreender muitos dos meus leitores saber que a Escócia alimenta muitas queixas contra a Inglaterra, embora não tenha dado muito conhecimento delas ao mundo.

A “Pedra do Destino”, sobre a qual os seus reis tinham sido coroados durante mais de oitocentos anos, à qual aludi num capítulo anterior deste livro, foi-lhe retirada por Eduardo I e levada para Londres em 1298, mas não é tão geralmente conhecido que, após a batalha de Bannockburn, em 1314, no tratado feito pela Inglaterra, foi prometido que a Pedra do Destino seria devolvida à Escócia. Esta promessa nunca foi cumprida.

No Tratado de União de 1707, muitas outras promessas feitas pela Inglaterra à Escócia também nunca foram cumpridas, mas este livro tornar-se-ia demasiado extenso se eu tentasse entrar aqui nesses detalhes.

Olhando para trás através das páginas da História, é interessante notar que tanto os escoceses como os irlandeses combateram as suas queixas contra a Inglaterra nos campos de batalha da França.

Foram os escoceses que acudiram em auxílio dos franceses antes do tempo de Joana d’Arc quando, com 12 000 homens, derrotaram as tropas inglesas na batalha de Beaugé.

É também interessante perceber que setecentos robustos escoceses formaram uma guarda de corpo para Joana d'Arc.

Em anos posteriores, os irlandeses vingaram o Tratado de Limerick quebrado derrotando os ingleses na batalha de Fontenoy.

Não existia Império Britânico antes do Tratado de União com a Escócia em 1707.

Sem os escoceses talvez nunca tivesse existido um Império, pois a raça escocesa foi sempre a pioneira da Grã-Bretanha; é a ela que a Inglaterra deve a colonização do Canadá e o desenvolvimento da África do Sul e da Austrália.

Descendo à história recente e às queixas mais imediatas de que a Escócia sofre, verificamos que este país não recebeu qualquer lugar na Liga das Nações, nem possui representante na Conferência Imperial, ao passo que a Irlanda obteve nada menos do que cinco.

Nenhum relatório separado sobre a posição das receitas da Escócia foi emitido pela Inglaterra desde 1921.

Nos anos de 1920-21, a Escócia pagou em impostos ao Governo Britânico £119 753 000. Recebeu de volta para serviços escoceses apenas £33 095 000; o saldo permaneceu em Inglaterra.

Talvez isso explique o facto, anteriormente referido, de nenhum relatório separado sobre a posição das receitas da Escócia ter sido emitido desde 1921.

Isto é certamente uma injustiça. Se tivesse acontecido à Irlanda, o mundo inteiro já o teria sabido há muito tempo.

Os caminhos-de-ferro escoceses foram absorvidos por companhias inglesas e a maior parte do trabalho de reparação é agora realizado em oficinas inglesas.

Os bancos escoceses são pouco mais do que filiais de bancos ingleses e o Banco de Inglaterra controla-os a todos.

Nada menos do que um quinto do solo da Escócia está entregue a reservas de cervos e direitos de caça, principalmente pertencentes e explorados por Duques e Lordes, ou arrendados por estes a milionários americanos visitantes.

A população da Escócia está constantemente a diminuir, como demonstram os números dos últimos anos.

O desemprego escocês é efetivamente dezasseis por cento pior do que o inglês.

Mas já leu o suficiente. Existe alguma esperança de melhoria? — perguntará.

Do ponto de vista astrológico, honestamente não posso dizer que exista. As coisas poderiam melhorar se a Escócia tivesse o seu próprio Governo e administrasse os seus próprios assuntos; mas, conhecendo a natureza paciente dos escoceses, penso que tal acontecimento demorará muito tempo a chegar.

PAÍS DE GALES

O País de Gales sempre foi considerado sob a influência do signo zodiacal de Gémeos, tendo como regente o planeta Mercúrio (positivo).

Isto descreve adequadamente o temperamento e as qualidades do povo galês, tomado como um todo.

Os atributos do signo de Gémeos (a Primeira Casa da Triplicidade do Ar) são, regra geral, mais mentais do que físicos.

As pessoas sob este signo do Zodíaco podem ser descritas como mais espertas do que intelectuais.

Rápidas de espírito e rápidas no pensamento e na ação, aproveitam ao máximo as suas oportunidades e geralmente ultrapassam os seus rivais mais “semelhantes a tartarugas”.

O País de Gales encontra-se sob condições planetárias mais favoráveis do que qualquer outra parte da Grã-Bretanha, especialmente em assuntos relacionados com invenções elétricas ou a utilização prática da eletricidade.

Sob estes bons aspetos, prevejo algum grande desenvolvimento neste país relativamente ao maior aproveitamento dos seus rios ou quedas de água para produção de energia elétrica barata.

Pode acontecer que o sonho de aproveitar as marés do Severn se torne realidade e faça do País de Gales um grande centro industrial.

Alguma nova invenção relacionada com o fabrico de combustível e a redução de desperdícios das minas de carvão também deverá ser demonstrada por esta região carbonífera nos próximos anos.

O ESTADO LIVRE IRLANDÊS E A IRLANDA DO NORTE

A Irlanda do Norte, permanecendo como permaneceu, parte integrante da Grã-Bretanha sob o Governo de Westminster, será influenciada pelas mesmas condições que indiquei para a Inglaterra.

O Ascendente de Belfast, capital da Irlanda do Norte, é 14°50 de Leão; o Ascendente de Londres é 17°10 de Leão.¹

Quer se tome este cálculo da Astrologia Heliocêntrica quer da Geocêntrica, a influência de Úrano e Saturno, dois planetas de movimento lento, terá o mesmo efeito.

Mau comércio, influências restritivas, depressão nos negócios e declínio das exportações produziram efeitos tão marcados na Irlanda do Norte como os que produziram em Inglaterra nos últimos anos e continuarão a produzi-los durante muitos anos.

O desemprego aumentará, acompanhado de greves e motins em todos os centros industriais. Os impostos aumentarão e a escassez de dinheiro será geral.

Pode esperar-se conflito com as Alfândegas ou aumento dos direitos aduaneiros entre a Irlanda do Norte e o Estado Livre Irlandês, resultando daí considerável fricção.

O Estado Livre Irlandês, dependendo mais dos seus produtos agrícolas e exportações, estará sob melhores condições, mas a mesma escassez de dinheiro que afetará os condados do Norte impedirá igualmente os condados do Sul de fazerem grandes progressos.

Úrano será, contudo, favorável às grandes instalações elétricas recentemente estabelecidas para aproveitar o rio Shannon; também favorecerá invenções relacionadas com alguma nova forma de transporte e alguma ideia inovadora para aumentar receitas através de métodos como lotarias, sorteios promocionais e afins.

A situação política, porém, não será favorável.

Uma nova sociedade misteriosa, modelada segundo as linhas dos antigos Sinn Feiners, iniciará atividades antes do final de 1931.

Não conseguirá lutar abertamente contra o Governo atual, mas perturbá-lo-á consideravelmente enquanto espera pela oportunidade de declarar completa separação da Inglaterra.

Essa oportunidade surgirá na próxima guerra europeia, caso a Grã-Bretanha se deixe arrastar para ela.

Fenómenos invulgares deverão ocorrer na Irlanda durante os anos de 1931-32, tais como “deslizamentos de terras”, turfeiras móveis, tremores de terra, e algum vulcão extinto mostrará sinais de erupção.

¹ *Excerto de The Earth in the Heavens, de L. Edward Johndro.*

ÍNDIA

Quando escrevi pela primeira vez este livro, *World Predictions*, publicado em 1927, afirmei na página 41:

“A Índia sofrerá graves falhas de colheitas, motins entre o povo, distúrbios religiosos e convulsão geral.”

¹ *A imprensa pública de 16 de Junho de 1931 anunciou que: “a montanha de Blickemakilla, no condado de Leitrim, está a expelir grandes quantidades de lodo negro espesso, cobrindo a região por várias milhas em redor. A substância possui um odor extremamente desagradável e, em algumas zonas, tornou impossível o tráfego rodoviário.”*

Desde que escrevi essas palavras, lamento dizer que não existe melhoria, astrologicamente, na perspetiva da Índia no que diz respeito à Inglaterra.

A Índia, nas mais antigas obras sobre Astrologia, foi sempre considerada governada pelo signo zodiacal de Capricórnio — a Casa de Saturno (positivo) e a exaltação de Marte.

Isto adquire profundo significado quando se considera que, no horóscopo do Rei Jorge V, o signo de Capricórnio, no momento do nascimento, estava colocado no zénite ou ponto mais elevado, com o seu Ascendente em Carneiro, a Casa de Marte (positivo).

Os planetas Marte e Saturno são considerados os mais ameaçadores e maléficos de todos, indicando que o seu reinado seria crítico, associado a guerras, revoluções e problemas, especialmente relacionados com países governados pelos mesmos signos zodiacais ou pelos planetas associados a eles.

A Índia, sob o signo de Capricórnio, com Saturno como regente, sendo uma das mais preciosas possessões da Coroa Britânica, terá consequentemente de desempenhar um papel extremamente importante durante o reinado de Sua Majestade.

No horóscopo da sua Consorte — a Rainha Maria — o signo zodiacal de Aquário, chamado a segunda Casa de Saturno, encontra-se no Ascendente, prenunciando que a Índia seria quase igualmente importante no caso dela.

O Príncipe de Gales possui também o signo de Aquário no seu Ascendente.

Os planetas Úrano e Neptuno desempenham um papel importante na influência do destino da Índia, especialmente nos anos de 1929 até aproximadamente 1935.

Haverá nada menos do que cinco eclipses do Sol e da Lua durante o ano de 1931; a maioria ocorrerá nos signos de Carneiro e Balança, em conjunção com Úrano.

Estes serão de grande importância relativamente à Inglaterra (governada por Carneiro) e ao Extremo Oriente em geral (governado por Balança).

Não existe qualquer probabilidade de paz na Índia.

Pelo contrário, sedição e convulsões de toda a espécie serão mais prevalentes do que nunca.

Qualquer tentativa de resolver a questão indiana por parte do Governo Britânico será frustrada e não resultará em nada.

As mulheres desempenharão, de agora em diante, um grande papel nos assuntos da Índia. Entregar-se-ão de alma e coração à causa da liberdade do domínio britânico.

Embora por natureza sejam extremamente gentis e reservadas, as mulheres da Índia, uma vez despertadas, surpreenderão o mundo pela sua firmeza de propósito, força de determinação e espírito de martírio.

Milhares e milhares suportarão alegremente a prisão nos seus esforços pela independência da Índia.

Impedirão e bloquearão, de todas as maneiras imagináveis, os planos elaborados pela Administração Britânica, trazendo desordem e caos a todos os departamentos do Governo.

As classes dirigentes britânicas, juntamente com os serviços Militar e Policial, ficarão desesperadas para contrariar a maré da influência feminina que se erguerá constante e crescentemente contra elas.

É uma Era da mulher que está a chegar; é uma Guerra da mulher que varrerá a Índia de um extremo ao outro.

O Mahatma Gandhi, com a sua doutrina de “resistência passiva”, libertou na Índia uma força contra a qual baionetas, balas e bombas nada poderão fazer.

O boicote aos produtos ingleses e a tudo o que seja inglês aumentará de força ano após ano. O comércio com a Inglaterra praticamente cessará; os produtos que a necessidade obrigar o país a comprar serão importados de outras terras.

O Japão aproveitará a oportunidade para aumentar o seu comércio marítimo com os portos indianos.

Os próprios indianos reconstruirão a marinha mercante que, nos últimos anos, foi afastada do mar pela concorrência inglesa.

Os Parsees (os judeus do Oriente), embora hoje constituam uma pequena comunidade, desenvolverão fábricas de algodão e outras indústrias para satisfazer as necessidades da vasta multidão de pessoas que os rodeia.

Por não se envolverem na política, serão apoiados por todos os partidos na Índia e manterão um certo equilíbrio de ordem na convulsão geral.

As leis religiosas tornar-se-ão mais amplas para responder às exigências da “nova era”.

Os sacerdotes brâmanes encontrarão novas interpretações dos preceitos de Buda adaptadas aos tempos.

Até o sistema de “castas” se modificará lentamente para permitir que a Índia desperte para o apelo da influência aquariana que se espalha pelo mundo inteiro.

Os grandes Príncipes da Índia, que mantiveram os seus tronos e estados independentes pela graça da Inglaterra, passarão, um após outro, para o lado do seu próprio povo e abraçarão a causa da liberdade da sua raça.

Os “canhões da grande Guerra”, mesmo nas suas vozes destruidoras, anunciaram a aproximação de uma nova era a que nada no mundo pode resistir.

A Era de Peixes, com o seu regente Júpiter — o Deus da Dominação — aproxima-se do fim; o amanhecer de Aquário, com o seu regente Saturno — símbolo da Justiça Humana — já começou.

O ciclo de Peixes, há quase dois mil anos, introduziu o amanhecer do Cristianismo.

O seu período na Precessão dos Equinócios é de dois mil cento e cinquenta anos — quase completou o seu curso.

O Cristianismo abandonou os ensinamentos do “manso Cristo” em favor da dominação da Igreja.

Em nome do poder, aliou-se a reis e imperadores; com a queda destes, “a Igreja” de todas as religiões também terá de cair.

O período tão profetizado do Anticristo chegará, por algum tempo, ao seu auge.

Sob o reinado de Saturno, o materialismo dominará inicialmente de forma absoluta.

O grande deus Moloch devorará os seus próprios filhos. Caos, destruição, crime e crueldade correrão a adorar aos seus pés de bronze.

Nenhum Deus senão o Eu será inscrito nos céus.

E contudo, quando o reinado de Saturno no início da “nova era” tiver passado; quando a humanidade estiver enojada pela sua experiência de “Justiça Humana”; quando tiver tentado destruir “a alma das coisas” e falhado; então, e só então, será compreendido o símbolo secreto de Aquário — “o velho homem” — o homem da experiência — o homem da sabedoria — “vertendo da sua bilha água sobre a terra”.

Se esta, então, é a “voz dos Céus”, como poderá a Inglaterra esperar conservar a Índia; um país que, nos acontecimentos vindouros, responderá talvez mais do que qualquer outro à influência aquariana?

Não! A Inglaterra, com todo o seu poder, poderia igualmente tentar “ordenar ao mar que recuasse”, ou à lua que permanecesse imóvel, como tentar deter as forças planetárias que, por enquanto, estão alinhadas contra ela.

A população da Índia, segundo o mais recente recenseamento publicado, é aproximadamente de trezentos e dezanove milhões, dos quais cerca de setenta milhões vivem nos Estados Independentes governados pelos seus próprios Príncipes e Marajás.

A população maometana é de cerca de cento e setenta milhões, constituindo um difícil problema do ponto de vista religioso.

Que budistas e maometanos se unam para fazer da Índia uma nação unida está fora de questão. O máximo que se pode esperar é que, num governo nativo, formem partidos de oposição e assim governem o país em conjunto.

O perigo é, contudo, uma forma de guerra civil religiosa que manterá o país num estado de permanente convulsão.

Mas aconteça o que acontecer aos futuros sistemas internos da Índia, uma coisa torna-se cada vez mais evidente: a Inglaterra não conseguirá manter esse país sujeito como o fez no passado. A melhor coisa que poderia fazer seria conceder independência à Índia e transformar esse vasto país, com os seus milhões fervilhantes, num amigo e não num inimigo.

ÁFRICA DO SUL

A influência de Marte e Saturno relativamente à Colónia do Cabo e ao Transval fará em breve sentir os seus efeitos.

Agitação popular, descontentamento com o Governo, falhas de colheitas, escassez na circulação de dinheiro e mau comércio despertarão o Socialismo e o seu irmão vermelho, o Comunismo, em todas as principais cidades e vilas da África do Sul.

O elemento holandês, bóer e alemão surgirá cada vez mais em destaque. Isto, embora não venha provavelmente a resultar em guerra, criará antagonismo em relação aos interesses britânicos e será prejudicial ao comércio britânico.

Perto do final de 1931 e no início de 1932, será formado no Transval um novo partido nacional fortemente hostil ao Governo da Cidade do Cabo, resultando daí considerável fricção entre estas duas secções do país.

A África do Sul e a África em geral não avançarão rapidamente como o resto do mundo.

Terão ainda de passar algumas centenas de anos antes que a sua verdadeira riqueza seja descoberta.

AUSTRÁLIA E NOVA ZELÂNDIA

A Austrália entra agora sob a influência dos planetas afligidos Úrano, Saturno e Júpiter.

Surgirá uma curiosa situação de elementos contraditórios.

A partir de agora, durante alguns anos, podem esperar-se extraordinárias condições atmosféricas, com falhas de colheitas, perdas agrícolas e estagnação geral dos negócios. Grandes secas poderão ocorrer e elevada mortalidade entre os vastos rebanhos de gado.

As exportações cairão abaixo dos níveis dos últimos anos e o comércio da lã será seriamente afetado.

Graves incêndios em várias grandes cidades causarão considerável destruição e ameaçam-se muitas falências bancárias e comerciais.

A questão laboral tornar-se-á cada vez mais difícil. A atividade comunista espalhar-se-á pelo país e ocorrerão sérios motins, especialmente em Melbourne, Brisbane e Sydney.

Em contraste com isto, serão feitas algumas descobertas sensacionais de riquezas naturais que atrairão ampla atenção.

Grande número de japoneses procurará entrar no país. A questão da imigração tornar-se-á um problema delicado para o Governo, no qual o Japão, enquanto nação, acabará envolvido.

Violentos ciclones, juntamente com fortes terremotos, ocorrerão com frequência invulgar nos próximos anos, e é indicado algum fenómeno natural fora do comum.

A Nova Zelândia ficará sujeita a condições semelhantes, com perigo acrescido de terremotos, tempestades e maremotos, especialmente em relação à Ilha do Norte.

EUROPA CENTRAL

(Considerada em geral)

Observando a Europa do ponto de vista astrológico, lamento afirmar que estão a surgir condições planetárias semelhantes às que existiam alguns anos antes da eclosão da Grande Guerra no final de Julho de 1914.

A diferença é que o prestígio da Inglaterra para impedir a guerra não é hoje tão grande como era então.

Hoje, a Grã-Bretanha tem maior probabilidade de ser arrastada para o conflito contra a sua vontade do que de nele entrar pela posição mais heroica de defender um tratado quebrado ou lutar pela honra de “um pedaço de papel”.

Sob as suas condições alteradas, a Alemanha, tal como a Inglaterra, será mais forçada para uma guerra do que agressora.

Para ela, trata-se de morrer de fome ou estrangulada, ou fazer uma tentativa de liberdade no campo de batalha. Entre estes dois males, escolherá decididamente o último.

A sua longa história foi sempre uma história de recuperação e vitalidade. Desde os tempos de Júlio César, hordas conquistadoras devastaram o seu território; mais cedo ou mais tarde acabaram repelidas ou obrigadas a negociar.

Napoleão, com o mais famoso exército alguma vez reunido pela Europa, reduziu-a à servidão apenas para voltar a encontrá-la sob Blücher em Waterloo.

Na guerra de 1870, a França viu-a às portas de Paris. Em 1914 aproximou-se a quinze milhas da capital francesa e, se a Inglaterra e os seus filhos das Colónias não tivessem intervindo, não há dúvida de que a França teria sido novamente conquistada.

Após uma guerra de três anos e meio, foram necessárias catorze nações para pôr a Alemanha de joelhos.

É verdade que perdeu os seus couraçados — talvez uma bênção disfarçada.

É verdade que foi humilhada até ao pó e forçada a pagar milhares de milhões em indemnizações e reparações de guerra.

É também verdade que teve de reconstruir cidades e aldeias francesas e deixá-las em melhores condições do que antes; enviar enormes quantidades do seu carvão, ferro e produtos químicos para França e empobrecer o seu próprio povo ao fazê-lo.

E contudo a Alemanha não está esmagada.

Nos últimos anos construiu um Zeppelin para dar a volta ao mundo.

Um serviço aéreo comercial, o maior da Europa, juntamente com descobertas científicas do maior benefício para a humanidade.

Os seus cientistas farão progressos tão grandes no conhecimento químico que protegerão as cidades alemãs da destruição por ataques das forças aéreas inimigas.

Impedida de construir couraçados, construiu um paquete mercante que arrebatou à Inglaterra a “fita azul do Atlântico”, apesar de esta ser o maior construtor naval do mundo.

Lançou em 1931 um cruzador de dez mil toneladas igual a qualquer cruzador de batalha do dobro do seu tamanho.

Ela fez tudo isto em dez anos, após a mais devastadora guerra que a Europa alguma vez viu; após perder dois milhões dos seus filhos; apesar de impostos esmagadores, fez mais do que qualquer outra nação alguma vez fizera antes.

Inquebrável de espírito, embora cambaleando sob o seu fardo, prevejo que o Destino a está a moldar para outras combinações que acabarão por torná-la a nação mais poderosa da Europa.

Em 1926 fez um tratado comercial com a Rússia Soviética.

Não podia atrever-se a fazer outra coisa.

Está à beira de realizar um tratado semelhante com os seus antigos aliados da Áustria-Hungria e, apesar da oposição francesa, prevejo que o fará.

Algum acordo ou pacto com a Itália é também provável durante o decorrer de 1931.

Um Governo Trabalhista amistoso em Inglaterra favorecerá os seus planos.

A revolução poderá, por vezes, rebentar nas suas mãos como fogo-de-artifício, mas apenas para estimular o sangue nas suas veias; para a acelerar rumo ao propósito maior que se encontra mais adiante.

Como o regente zodiacal da Alemanha é Marte, no signo de Carneiro, a conjunção de Neptuno e Marte em Junho de 1931 terá grande importância para o povo alemão.

É provável que ocorram sérios motins, mas, sob eles ou juntamente com eles, alguma organização militar fará a sua aparição e galvanizará toda a nação numa massa unida.

Esta organização produzida por Marte tenderá, em nome da força e da autoproteção, para uma aliança com um país governado por Saturno — a Rússia.

Uma combinação de Marte e Saturno produzirá, no fim, uma guerra, mas favorável aos interesses unidos da Alemanha e da Rússia.

Devido ao lento movimento do planeta Saturno, o efeito imediato desta combinação poderá ser adiado, mas como este planeta se tornará estacionário nos céus no final de Setembro de 1931 e como muitos dos eclipses ocorrerão em Balança (Outubro), pode esperar-se algum grande surto relacionado com estes dois países.

França e Itália (como países), sendo governadas pelo signo zodiacal de Leão (um signo do Zodíaco em oposição à Casa de Saturno), provavelmente envolver-se-ão na guerra vindoura na Europa e é provável que, mais ou menos ao mesmo tempo, entrem em conflito uma com a outra.

Os países da Europa que serão mais perturbados pelas condições planetárias durante 1931 e os anos imediatamente seguintes serão os seguintes: França, Alemanha, Itália, Áustria, Roménia, Polónia, Espanha e os Estados Balcânicos.

A Rússia, com o seu regente Saturno a passar pelo seu próprio signo zodiacal, expandir-se-á em poder, riqueza e posição.

A Espanha deverá efetuar grandes mudanças nas suas leis constitucionais e iniciará uma era de expansão e progresso geral.

Terá, contudo, problemas nas suas possessões do Norte de África e é indicada uma rebelião dos Rifés.

A Itália expandirá o seu território no Norte de África, em detrimento da França.

A dissensão e a fricção entre o Vaticano e o Governo italiano aumentarão.

A vida de Mussolini estará em perigo nos primeiros meses de 1932 e algum profundo complô contra ele será descoberto.

O sul de França e a Riviera serão muito perturbados e algum fenómeno da natureza, tal como um severo terramoto, parece estar indicado.

Durante 1931 e 1932, extensos abalos sísmicos atravessarão Portugal, Espanha, o sul de França, Itália, os Estados Balcânicos, Macedónia e o sul da Rússia.

Numa direção setentrional, os terremotos afetarão o norte de França, Inglaterra, Noruega e Suécia.

A Turquia avançará rapidamente rumo ao progresso, tanto politicamente como nas reformas sociais, mas podem esperar-se extraordinárias mudanças religiosas.

A Palestina e a Síria ficarão sob influências perturbadoras e daí resultará considerável derramamento de sangue, tanto nessas regiões como no Iraque.

O Sionismo aumentará de poder e a questão do estabelecimento judaico despertará atenção tanto nos Estados Unidos como em Inglaterra.

O Egipto unir-se-á em oposição ao controlo inglês; será tentada uma sensacional interferência com o Canal de Suez e a Grã-Bretanha será forçada a enviar tropas para esse país para proteger os seus interesses.

OS ESTADOS UNIDOS E O HEMISFÉRIO OCIDENTAL

Os Estados Unidos iniciaram um período planetário adverso por volta do Outono de 1929, o qual provavelmente durará até à Primavera de 1932.

Não existe grande probabilidade de melhoria significativa nos assuntos internos do país antes dessa data.

A influência de Saturno em mau aspeto com Úrano é a causa das restrições comerciais, do declínio das exportações e da extraordinária vaga de depressão que afetou e afetará quase todas as classes durante este período.

O planeta Úrano possui grande importância no presente período relativamente aos Estados Unidos.

A sua influência é particularmente visível em relação aos mercados bolsistas de Nova Iorque e à sua interligação com as bolsas das outras grandes cidades, produzindo más condições em todo o país.

Devido à posição de Úrano em oposição a Saturno, gera medo e nervosismo na mente das pessoas, causando pânicos, corridas aos bancos, caos e confusão.

Extraordinárias flutuações no preço de ações e títulos deverão prevalecer nos Estados Unidos durante algum tempo.

Os dividendos diminuirão ou deixarão de ser pagos até por algumas das maiores empresas comerciais, e uma escassez geral de dinheiro será uma das principais características do período atual.

O desemprego terá de ser seriamente enfrentado pelo Governo de Washington e terão de ser concebidos meios e soluções para lidar com a situação.

A posição de Neptuno favorece propaganda comunista, sedição, motins e destruição de propriedade, juntamente com uma “vaga de criminalidade” que varrerá o país de um extremo ao outro.

O Governo será severamente censurado pela imprensa e pelo público pela sua procrastinação em lidar com importantes questões internas, e um sentimento geral de agitação e descontentamento manifestar-se-á em todos os estados da União.

Num aspeto, a posição de Úrano é favorável aos Estados Unidos: no estímulo às invenções, especialmente as relacionadas com eletricidade, telegrafia sem fios e melhorias da rádio, aeroplanos, dirigíveis e semelhantes.

Por volta do final de 1931 e dos primeiros meses de 1932, algum plano prático para melhor aproveitamento da energia extraída do carvão será desenvolvido nos estados do Oeste, e é provável que revolucione o tratamento do carvão em todos os países.

Grandes projetos de engenharia serão realizados nos Estados Unidos nos próximos anos, tais como abertura de vias navegáveis, aproveitamento de rios para irrigação e desenvolvimento elétrico em larga escala.

Serão em breve feitas profundas alterações relativamente às leis do divórcio e à questão da Lei Seca.¹

A eleição presidencial de 1932 será marcada por intensa amargura entre os partidos Democrata e Republicano.

A oposição ao Presidente Hoover aumentará e as probabilidades contra a sua reeleição tenderão a crescer.

Durante a última parte de 1931 e os primeiros meses de 1932, os americanos residentes na China encontrar-se-ão em posição de considerável perigo.

Couraçados americanos serão enviados para águas chinesas e surgirá perigo de guerra.

MÉXICO, AMÉRICA CENTRAL E OS ESTADOS LATINOS DA AMÉRICA DO SUL

(Considerados em geral)

O México tem como regente zodiacal o signo de Capricórnio (Casa de Saturno — positivo).

Em muitos aspetos será semelhante à Rússia e à Índia nas suas condições instáveis, convulsões e revoluções periódicas; e, tal como os países acima mencionados, revoltar-se-á contra a servidão religiosa, todas as formas de dominação eclesiástica e interferência de países estrangeiros.

A Rússia, contudo, tendo como regente zodiacal o signo de Aquário (Casa de Saturno — negativo) e Úrano, recuperar-se-á mais rapidamente de revoluções ou desastres e avançará mais velozmente rumo à realização do seu propósito do que o México ou a Índia.

OS ESTADOS CENTRAIS; GUATEMALA, HONDURAS, SALVADOR, NICARÁGUA, COSTA RICA E PANAMÁ

Serão gravemente afetados por terremotos durante os próximos sete anos.

Grandes mudanças governamentais e muitas revoluções são indicadas para os estados latino-americanos da América do Sul durante 1931 e os dez anos seguintes.

As suas exportações diminuirão em volume e prevalecerão grande miséria e desemprego.

Na costa do Pacífico da América do Sul, uma zona sísmica aumentará de intensidade, passando pelo Chile, Peru, Panamá e América Central, descarregando as suas forças na direção de Nova Iorque e dos estados orientais dos Estados Unidos.

No lado oposto do Pacífico, muitos terremotos destrutivos deverão ocorrer no Japão, com sucessivos maremotos causando danos ao longo da costa da Califórnia.

Ilhas submersas e desconhecidas erguer-se-ão, durante 1931 e os anos seguintes, nas costas oriental e ocidental da América do Sul.

Anteriormente neste livro afirmei que convulsões sísmicas nos próximos anos levarão à descoberta do continente perdido da Atlântida.

Nos últimos anos surgiu subitamente um novo vulcão ao largo da costa do Equador e encontra-se agora registado no Departamento Naval dos Estados Unidos em São Francisco.

¹ A imprensa americana de Maio de 1931 declarou que dois mil oitocentos e quarenta e oito milhões de dólares eram pagos anualmente pelo povo dos Estados Unidos por bebidas alcoólicas e que o “contrabando”, como indústria, era já equivalente à fabricação de automóveis.

¹ Em 14 de Junho de 1931, a imprensa anunciou que: “duas novas ilhas foram descobertas ao largo da costa brasileira pelo comandante do navio inglês *Lelande*.”

PARTE III

TERRAMOTOS, SUBSIDÊNCIAS E CONVULSÕES FUTURAS

Durante muitos anos dediquei-me ao estudo dos terremotos em várias partes do mundo. Procurei recuar através da História para descobrir se poderia existir alguma pista possível para aquilo a que se poderiam chamar ciclos sísmicos ou épocas de tempo em que grandes convulsões ocorreram no passado e em que tais alterações na crosta terrestre seriam suscetíveis de voltar a ocorrer.

Seria demasiado difícil, num livro desta natureza, explicar as várias teorias que examinei ou aprofundar os registos das diversas partes da Terra que sofreram mais convulsões do que outras.

Tantas civilizações foram varridas pela marcha obliteradora do tempo que não existe uma história mundial fiável sobre a qual se possa construir. Apenas através do estudo dos monumentos destruídos do passado, com os vestígios deixados por civilizações há muito desaparecidas, é possível apreender alguma ideia — ainda que vaga — dos grandes cataclismos da Natureza que ocorreram no mundo ao longo dos tempos.

A História pode levar-nos atrás apenas alguns milhares de anos — e falar-nos de nações que se ergueram e caíram antes da infância da nossa própria civilização — mas para além da Grécia e de Roma, a História perde-se já na lenda e no romance mítico, e o investigador sente-se esmagado pela noite da antiguidade que se estende para além disso.

Egipto, Pérsia, Índia, China, falam de eras tão para além dos nossos sonhos que despertamos maravilhados e pedimos mais luz; mas eles próprios perderam a sua história e apontam para monumentos silenciosos cuja única linguagem é um pedaço de pedra quebrada.

Para além dos tempos dos grandes Faraós, a lenda fala de uma Atlântida perdida e murmura sobre um cataclismo que custou um continente e deu origem a um oceano.

O homem descobriu um novo hemisfério.

Chamou-lhe “o novo mundo” até que, ao limpar a vegetação, tropeçou em ruínas cuja existência nem sequer a lenda parecia conhecer.

A ciência fala de “uma idade glacial” e ensina que a Europa esteve em tempos coberta de gelo — ao mesmo tempo descobre vestígios de plantas tropicais no Pólo Norte e junta-se a nós na pergunta — porquê?

A humanidade, em todas as eras, ergueu um ponto de interrogação e chamou-lhe — Deus.

¹ Descobertas recentes na América Central falam de cidades que floresceram ainda antes do período Maia.

Como não podemos obter ajuda da História — vejamos se a Natureza virá em nosso auxílio.

Muito humildemente batemos aos seus portais. Timidamente atravessamos o seu limiar — sabemos que a Natureza é muito antiga, que existia “no princípio das coisas” — só ela poderá talvez explicar.

A princípio não a conseguimos encontrar — está rodeada de tantos milhões de trabalhadores que receamos perder-nos.

Entramos oficina após oficina, todas demasiado ocupadas para reparar no nosso olhar interrogativo, e assim passamos de uma para outra.

É a mesma história em toda a parte.

Trabalho sem fim, criação sem fim, destruição sem fim — nascimento e morte no mesmo instante, passado, presente e eternidade moldando nas suas mãos o nosso maravilhoso mundo.

Avançando ainda mais para dentro da “oficina das coisas”, fornalhas criam joias, o ouro infiltra-se através das rochas, óleos e minerais raros

acumulam-se em bolsas, cristais tomam forma e moléculas esforçam-se pela perfeição.

Na nossa admiração perguntamos novamente pela Natureza — queremos encontrá-la face a face.

Primeiro o mais pequeno átomo responde: “Eu sou a Natureza”, depois o verme aos nossos pés, depois a joia na massa da rocha, depois a própria rocha, um vulcão treme no esforço de falar, um terramoto estrondeia por mil milhas, tempestade, mar, terra, céu, tudo responde: “Eu sou a Natureza e a Natureza é — Deus.”

Tomando esta explicação como fundamento, consideremos agora a questão das convulsões e dos terremotos como ocorrências puramente naturais e procuremos descobrir por que razão tendem a aparecer em certos períodos e não noutros.

Em primeiro lugar devemos esforçar-nos por afastar o preconceito e estabelecer firmemente na nossa mente o facto de que esta nossa Terra, embora relativamente pequena em comparação com outros planetas, é constituída de forma diferente de todos os restantes e, no seu âmbito particular, é a seguir ao Sol o corpo mais importante do sistema solar do qual faz parte.

Não serve de nada depreciarmos o nosso mundo dizendo que é insignificante em comparação com outros mundos e sistemas que giram pelo espaço.

Nada existe sem propósito no maravilhoso mecanismo dos céus e, quer desejemos considerar a questão de um ponto de vista religioso quer não, todas as pessoas de espírito lógico admitem que deve existir uma “Primeira Causa” por detrás da criação — e se existe uma “Primeira Causa”, porque não também um propósito?

Sem entrar longamente na questão ou apresentar os muitos argumentos que poderiam ser invocados, devo aqui afirmar que todo o conhecimento científico ao nosso dispor ensina que a influência do Sol, dos planetas e dessa misteriosa faixa nos céus chamada Zodíaco controla a vida nesta nossa Terra e foi criada deliberadamente para esse fim.

As mudanças climáticas e todas as condições relacionadas com o nosso planeta são o resultado direto das influências celestes exercidas sobre ele — sendo a mais importante de todas o efeito da “Precessão dos Equinócios”, à qual aludi em capítulos anteriores.

É apenas sobre o efeito da “precessão” em relação às zonas sísmicas da Terra que irei escrever aqui.

Foi cientificamente estabelecido por astrónomos modernos, bem como por antigos estudiosos dos céus, que a “Precessão dos Equinócios” provoca uma alteração no eixo polar da Terra e que, em consequência, o Sol retrograda através de cada signo do Zodíaco e, num período calculado em 2150 anos, sai de um signo e entra noutro.

É esta alteração do eixo da Terra que, no meu entendimento, provoca grandes mudanças cíclicas afetando o equilíbrio do planeta e fazendo assim com que as zonas sísmicas alterem a sua direção.

As gigantescas mudanças e convulsões assim criadas provocam alterações climáticas tais que regiões “tropicais” se tornam “temperadas” e regiões “temperadas” passam a “tropicais” com o decorrer do tempo.

Raças inteiras abandonaram subitamente países onde, durante milhares de anos, tinham desenvolvido as suas civilizações.

Em diferentes partes da Índia, Sião e China ocorreram enormes migrações, deixando para trás cidades e palácios desertos.

No Camboja, ruínas de civilizações antigas foram recentemente descobertas sem qualquer relação com os atuais habitantes desse país.

Na Índia, algumas destas cidades abandonadas são enormes, juntamente com maravilhosos palácios que hoje não passam de magníficas ruínas.

Na América Central, a raça Maia desapareceu tão completamente como se nunca tivesse existido — o único registo restante são gigantescas ruínas de pedra, que só poderiam ter sido reduzidas ao estado em que se encontram por algum colossal terramoto ou cataclismo que apenas conseguimos imaginar.

Importantes vestígios de vida primitiva no continente norte-americano têm, nos últimos anos, atraído considerável atenção.

A British United Press enviou de Washington o seguinte interessante relato, recentemente publicado no *Sunday Times* de Londres:

“Vestígios que, segundo se declara, mostram que o homem mais antigo até hoje descoberto no mundo viveu naquilo que é atualmente os Estados Unidos há 4 000 000 de anos, afirma terem sido encontrados pelo Dr. Harold J. Cook, paleontólogo de Denver (Colorado).”

“Face à crença mantida durante anos pelos cientistas de que a América estava desprovida de restos do homem pré-histórico, as descobertas do Dr. Cook são de grande importância.”

“Muito antes de a idade do gelo envolver o hemisfério norte num manto de neve e gelo, o norte dos Estados Unidos, Canadá e Alasca eram um paraíso, como demonstram os fósseis descobertos pelo Dr. Cook e pelos seus associados do Museu de História Natural do Colorado, em Denver.”

“A descoberta pelo Dr. Cook de provas e vestígios do homem nos Estados Unidos foi feita em Agate Springs, Nebraska. No fundo de uma pedreira foram encontrados enormes quantidades de ossos fossilizados de animais pré-históricos. Entre eles, o Dr. Cook encontrou instrumentos de osso que, segundo afirma, foram moldados por mãos humanas.”

“A descoberta mais importante, contudo, foi ainda mais humana do que a do homem-macaco descoberto em Java.”

“Devido à sua associação com os ossos pré-históricos e com as ferramentas fossilizadas, os cientistas acreditam que o dente pertenceu, em tempos, a um homem que viveu há eras tão remotas que, em comparação com ele, os índios americanos eram recém-chegados.”

Que grandes multidões de pessoas abandonam por vezes em massa vastas regiões afetadas por terremotos é algo demonstrado até nos nossos próprios dias.

Nos relatos recentemente publicados sobre os efeitos dos abalos sísmicos em partes do Japão, afirma-se que, em muitos casos, cidades severamente destruídas nunca voltarão a ser reconstruídas devido ao abandono desses distritos pelos seus habitantes.

Um efeito semelhante foi relatado como resultado dos recentes terremotos no sul da Rússia e na Crimeia, onde também ocorreram migrações em massa.

Para compreender o que significa o abandono completo de uma cidade ou localidade, basta viajar até San Remo, em Itália.

Um simples passeio de carruagem conduz o visitante a um dos cenários talvez mais belos do mundo.

À distância vê-se uma cidade com longas ruas sinuosas, a habitual praça do mercado com a sua igreja da Madonna, o sino que chamava para a oração ainda pendurado no campanário — acima dele, o Crucifixo do Salvador.

Nessas ruas agora cobertas de erva não se ouve um único passo, portas balançam nas dobradiças, restos de cortinas ainda oscilam nas janelas — mas silêncio por toda a parte; nem sequer o canto de um pássaro parece ouvir-se.

Em Fevereiro de 1887, esta pequena cidade de Bussana estava cheia de vida.

Homens enchiam a praça do mercado com os seus cestos de azeitonas e fruta, mulheres sentavam-se felizes às portas de casa conversando, e crianças brincavam aos seus pés.

Chegou um domingo ao entardecer, o sino tocou a hora das Vésperas, acenderam-se velas no altar, o padre e a congregação juntaram-se em oração.

Sem aviso, ouviu-se o súbito rugido de um terremoto; o lugar oscilou como se fosse feito de cartas, o teto da igreja desabou com estrondo — centenas ficaram soterrados sob as vigas — lá fora as casas ruíram, enormes fendas abriram-se engolindo homens, mulheres e crianças.

Os gemidos dos feridos e moribundos rasgavam o ar, e a escuridão da noite e da morte pairava como um sudário sobre a cena.

Quando chegou a manhã, os sobreviventes fugiram do lugar como animais perseguidos — nenhum deles voltou alguma vez a viver ali; construíram outra cidade a algumas milhas de distância.

As ruas cobertas de erva nunca mais serão pisadas, exceto por alguns viajantes que, como eu, se sentem atraídos para tal lugar para se maravilharem com os mistérios da Natureza.

Esta é uma pequena ilustração de como os desastres sísmicos podem ser a causa de migrações de povos que produzem efeitos de longo alcance.

Seguindo a teoria de que a “Precessão dos Equinócios” altera o eixo dos pólos e produz assim mudanças mundiais, apresentei num capítulo anterior cálculos para mostrar que estamos atualmente há pouco mais de cento e sessenta anos dentro do “novo signo zodiacal” de Aquário. Consequentemente, durante pouco mais de um século e meio, importantes mudanças mundiais têm ocorrido e devem esperar-se novas mudanças.

A mais pronunciada “inclinação” ou desvio do eixo da Terra produz, é lógico supor, novas zonas de atividade sísmica e a reabertura de fendas há muito encerradas, afetando países onde os terremotos eram considerados “coisas do passado”.

Esta teoria é amplamente demonstrada pelos recentes abalos de terra em locais como o norte de França, as Ilhas do Canal e a Grã-Bretanha, assim como pelo reaparecimento de atividade em vulcões ditos extintos e pela elevação do fundo dos oceanos.

Como prova das notáveis alterações que ocorreram recentemente, chamarei a atenção para o seguinte:

O regresso da atividade vulcânica ao Monte McKinley, uma das montanhas mais altas dos Estados Unidos (20 300 pés). A erupção do Monte Sheshadin, nas Ilhas Aleutas, em 11 de Novembro de 1925.

Desde esta atividade vulcânica, grandes mudanças foram observadas no Alasca que, de possuir um clima polar extremo, passou a tornar-se mais

quente do que muitas regiões dos estados orientais — experiência nunca antes registrada relativamente a esse país.

Onde habitualmente existiam gelo e neve, surgiu nos últimos anos vegetação abundante, juntamente com uma notável diminuição dos glaciares jamais observada anteriormente.

Relatórios da Universidade da Noruega mostram que grandes mudanças ocorreram no clima do Oceano Ártico desde 1860.

Grandes massas de gelo e glaciares considerados imutáveis desapareceram completamente e até peixes pertencentes a águas muito mais meridionais foram recentemente encontrados em águas árticas.

Um novo vulcão, segundo o *San Francisco Chronicle* de 18 de Janeiro de 1926, foi descoberto ao largo da costa do Equador e encontra-se agora registado no Departamento Naval dos Estados Unidos em São Francisco.

O Mauna Loa, nas Ilhas Havai, vulcão que não dava sinais de atividade há anos, entrou subitamente em violenta erupção na noite de 17 de Abril de 1926.

Desde o grande terramoto de São Francisco, em 1908, tem existido contínua atividade sísmica ao longo da costa ocidental da América, através do Japão e da China do outro lado do Pacífico, juntamente com numerosas perturbações submarinas — enquanto, no lado oriental da América, importantes alterações têm ocorrido e o fundo do Oceano Atlântico elevou-se de forma alarmante em muitos locais.

A Baía da Biscaia, que em tempos possuía duas milhas e meia de profundidade, tem hoje, em alguns pontos, menos de 150 pés de profundidade.

Num relatório elaborado em 1924 pela Eastern Cable Company sobre a rutura de um dos seus cabos entre a ilha de Santa Helena e o Cabo, verificou-se que o cabo rompido, instalado em 1899 em águas com mais de três milhas de profundidade, se encontrava em 1924 sobre um fundo oceânico com apenas três quartos de milha de profundidade, demonstrando a rápida elevação do fundo do mar num período de vinte e cinco anos.

Estas convulsões submarinas afetam, por sua vez, as grandes correntes oceânicas e consequentemente a Corrente do Golfo, de importância vital para países como Islândia, Irlanda, Grã-Bretanha, Noruega, Suécia, Alemanha, França e Espanha.

Sem o fluxo aquecido da Corrente do Golfo, tais países rapidamente ficariam cobertos de gelo e toda a vegetação cessaria.

Geólogos e cientistas concordam atualmente que o período glacial que cobriu a Europa até ao Mediterrâneo ocorreu entre há 15 000 e 18 000 anos.

Durante o mesmo período, o gelo cobriu todo o Canadá e os Estados Unidos até Illinois, situado aproximadamente no mesmo paralelo do Mediterrâneo europeu.

Mais importante ainda, e com maior relação ao meu argumento de que, periodicamente, o eixo da Terra sofre inclinações tão completas que a civilização é varrida de certas regiões do globo, são as provas apresentadas pelos cientistas de que a Idade Glacial de há 15 000 anos foi apenas uma de muitas eras glaciais semelhantes pelas quais a Terra passou na sua longa história e, além disso, que entre esses grandes períodos glaciais o clima dessas regiões parece ter regressado novamente a condições semi-tropicais, a tal ponto que:

“na Escandinávia, o mamute vagueava por florestas de bétulas, pinheiros e abetos, juntamente com o *Elephas Antiquus*, semelhante ao elefante indiano.”¹

¹ *Evolution of Climate*, por C. E. P. Brooks, M.Sc., etc.

Se tal oscilação do pêndulo ocorreu em diferentes épocas no passado, não será razoável esperar que volte a acontecer, e novamente, e ainda outra vez, na história de um mundo que a ciência prova existir há milhões de anos e que poderá igualmente existir por muitos milhões de eras futuras?

Se alguém dissesse ao britânico comum que Inglaterra, juntamente com o País de Gales e a Escócia, foi severamente abalada por terremotos

no passado e é igualmente suscetível de o ser no futuro, ele ergueria as sobrancelhas com incredulidade e descrença.

Apesar disso, porém, registos autênticos mostram que, desde o ano de 1048 d.C. até Janeiro de 1924, ocorreram mil cento e noventa terremotos.¹ Estes registos não incluem réplicas nem tremores.

De todos os países do mundo, a Irlanda é o mais livre de terremotos. Por cada 1000 terremotos britânicos, apenas 43 tiveram origem na Irlanda.

A parte mais fraca dos estratos terrestres é sem dúvida uma zona ou cinturão situado a 40 graus de latitude acima e abaixo do Equador.

A parte norte deste cinturão atravessa o Japão, os estados centrais da América do Norte, Espanha, Itália, Turquia, Ásia Menor, Pérsia, Índia e China. Afeta todos os países desde os 40 graus até ao Equador.

¹ Este número exclui os abalos sísmicos ocorridos na Irlanda e nas Ilhas do Canal.

A parte sul atravessa a Argentina, África do Sul, sul da Austrália e Nova Zelândia, afetando todos os países desde os 40 graus de latitude até ao Equador.

Esta zona possui dois grandes centros de atividade: um no Oriente, no Japão ou suas proximidades, e outro no Ocidente, situado no México, América Central e Istmo do Panamá.

Qualquer perturbação num destes centros é transmitida por este cinturão de um lado do globo ao outro.

Esta zona central irradia terremotos, abalos e tremores através de fissuras ou fendas na crosta terrestre, estendendo-se por milhares de milhas em todas as direções.

Estas fissuras possuem formação em ziguezague, como relâmpagos ramificados, e seguem o percurso de menor resistência através da crosta rochosa exterior da Terra.

Em certas circunstâncias, descarregam ou dissipam a sua força através de aberturas como os vulcões, o que explica, na maioria dos casos, a atividade vulcânica antes ou depois de perturbações sísmicas.

A recente série de terremotos no Japão foi seguida por um acentuado aumento da atividade vulcânica no México, seguida de abalos na Checoslováquia e no sul da Rússia.

Quarenta e oito horas após a perturbação submarina ao largo da costa do Japão, quando um maremoto causou enormes danos na ilha de Formosa em Agosto de 1927, um dos piores abalos conhecidos nos últimos anos ocorreu nas proximidades de Odessa e da Crimeia, e os jornais descreveram um extraordinário fenómeno no Mar Negro,

“onde uma coluna de fogo pareceu irromper através da água e o fundo do mar afundou mais de 700 pés.”

Que este cinturão ou zona sísmica a que aludi se tornou mais marcado durante os últimos 100 a 150 anos é a opinião ponderada dos cientistas, e muitas teorias têm sido apresentadas para explicar os tremores e terremotos recentemente ocorridos em países mais ou menos imunes a tais fenómenos, como as Ilhas Britânicas.

No *Morning Post* de Londres, sob a data de 16 de Setembro de 1927, apareceu o seguinte artigo de fundo sob o ameaçador título “Uma Fenda na Crosta”:

“Era inevitável que a frequente ocorrência de terremotos durante os últimos doze meses sugerisse alguma teoria para explicar a sequência; e agora foi avançada, por alta autoridade, a hipótese de que o que tem acontecido nos últimos anos é uma fenda na crosta da Terra, causada pela contração da superfície devido ao arrefecimento.”

“Parece que os terremotos dos últimos anos seguiram uma linha bem definida, a norte mas aproximadamente paralela ao Equador, passando de São Francisco através do Pacífico até ao Japão e daí através do Turquestão, Mar Negro e Messina, atravessando o sul da Europa e o Atlântico Norte.”

“Os tufões e maremotos que o mundo tem experimentado devem ser considerados efeitos secundários das perturbações sísmicas, e alguns observadores foram suficientemente ousados para prever que, antes do fim do ano, ocorrerá um terramoto muito severo na linha de fratura já tão claramente marcada.”

Que existe um número invulgar de perturbações sísmicas nestes últimos anos reflete-se nas numerosas referências que lhes são feitas na imprensa.

O *London Star* chamou a 1923 “o ano do tremor” e publicou o seguinte interessante relato sob o título “As Grandes Convulsões da Terra durante 1923”:

“O que se passa com a crosta terrestre?”

“Nunca esteve tão perturbada por tremores sísmicos na memória desta geração, e o ano de 1923 será longamente recordado como o ano dos terramotos.”

“Quando a isto se acrescentam tufões, trombas de água, maremotos, grandes incêndios e outros desastres, não surpreende que os supersticiosos e crédulos procurem alguma ligação com a guerra mundial.”

“Os intérpretes das profecias começam novamente a citar aquelas passagens das Escrituras Apocalípticas que associam terramotos a guerra, peste e fome como sinais dos últimos dias da presente dispensação.”

“A causa dos grandes terramotos reside nos estratos inferiores gradualmente solidificados desta vasta esfera. Em alguns deles, enormes massas de rocha com 40 milhas de comprimento e 20 de largura deslocaram-se como uma engrenagem que salta um dente, movendo-se certa distância e arrastando consigo todos os estratos superiores.”

“Isto significa que toda a aparência das paisagens é transformada.”

“Independentemente da destruição de edifícios que acompanha terramotos como os de Lisboa, São Francisco e Tóquio, surgem enormes fissuras na terra.”

“No terramoto de Assam (Índia), em 1897, algumas destas fendas no solo puderam ser seguidas ao longo de 12 milhas através do território. O curso dos rios alterou-se, lagos com 20 pés de profundidade apareceram onde antes havia terra seca, e colinas afundaram-se de tal modo que se obteve uma vista livre onde anteriormente existia obstrução.”

“A extensão das derrocadas subterrâneas é demonstrada pelo relatório dos cientistas japoneses segundo o qual o centro do recente desastre se localizava num ponto sob o mar, a 62 milhas a sul de Tóquio.”

“A característica notável dos terremotos do ano é que, como habitualmente, uma proporção muito grande ocorreu em países próximos da costa marítima. Isto está de acordo com a História — Lisboa, Concepción (Chile), Valparaíso, Tóquio, Messina, para citar apenas alguns dos grandes terremotos dos últimos dois séculos, são todos ilhas ou cidades costeiras.”

“O mesmo aconteceu com a lista dos sismos deste ano. Temos Nápoles, Ancona e outros portos italianos, as Ilhas dos Açores, vários no Havai, outra ilha, Kamchatka, e ilhas no Mar da China.”

“Malta foi atingida duas vezes, e as ilhas de Maiorca, no Mediterrâneo, e Santa Helena, no Atlântico, figuram também entre as áreas afetadas. Los Angeles, na costa da Califórnia, está na lista, assim como a Tessália.”

“Por outro lado, entre os terremotos ocorridos longe do mar, temos apenas Assam, Tibete, Turquestão, Pérsia e Ásia Menor.”

“VULCÕES COMATOSOS”

“Não há dúvida de que esta lista fornece forte apoio preliminar à ideia de que a causa primária dos terremotos é a entrada de água do mar nas crateras de vulcões supostamente extintos ou em estado comatoso.”

“Se, devido a infiltrações, grandes quantidades de água do mar penetram subitamente nos estratos profundos ainda em estado de intenso calor, não surpreende que as convulsões dos estratos superiores, com

centenas de pés de profundidade, sejam vastas em extensão e colossais nos seus efeitos.”

“Obviamente isto não explica terremotos como o de Assam, mas é uma teoria à qual os cientistas sempre dedicaram grande atenção.”

“A persistente ligação histórica entre terremotos, vulcões e ilhas é impossível de ignorar.”

Aquilo a que em Inglaterra se chama “subsidência” tem, nos últimos anos, causado considerável alarme, como demonstra o seguinte artigo publicado no *Daily Express* de 11 de Setembro de 1927:

“FENDAS MISTERIOSAS NA CROSTA DA GRÃ-BRETANHA”

“ALARME CAUSADO POR DESLIZAMENTOS DE TERRA E DESABAMENTOS”

“O que está a acontecer à superfície da Grã-Bretanha? Esta questão é levantada em toda a parte após um período em que dificilmente passa um dia sem que seja relatado um deslizamento de terras, uma subsidência ou o colapso de um edifício.”

“O alarme foi causado por estradas a desfazer-se, colinas a deslizar e linhas férreas a afundar em muitas partes do país, enquanto casas e edifícios comerciais em Londres e nas províncias ruíram, muitas vezes sem aviso.”

“Dois dos mais graves desastres deste tipo foram a queda de uma casa em Beak Street, W., na qual morreram duas pessoas, e o colapso de parte do edifício de sete andares da Commercial Union Assurance Company, em Cornhill, no dia 6 de Agosto. Neste caso ocorreu igualmente uma subsidência sob a estrada, obrigando ao encerramento da via.”

Chamar a tais fenómenos “subsidiências” e ignorar os muitos abalos sísmicos que atravessaram Inglaterra nos últimos anos é, na minha opinião, semelhante à atitude das pessoas de São Francisco quando alguém faz alusão ao grande terremoto de 1906 e imediatamente respondem em coro universal:

“Claro, quer dizer ‘o incêndio’.”

CONCLUSÃO

Ao escrever este livro, foi meu sincero esforço manter-me livre de todo o preconceito relativamente a nações, países ou religiões.

O meu propósito foi tornar conhecida a verdade das tendências do mundo tal como me foi revelada, quer através do conhecimento astrológico, quer por cálculos de periodicidade, quer por quaisquer meios ocultos ao meu dispor.

Subjacente às páginas deste livro verá o leitor a minha crença profundamente enraizada no Desígnio Divino manifestado em todas as coisas.

A Alma do Desígnio é, em si mesma, perfeição.

Portanto, mesmo o seu esforço mais inconsciente deve, no fim, reproduzir-se em todas as coisas.

Em obediência a esta lei, o Homem — o mais elevado esforço do Desígnio nesta esfera — é, pelo impulso ascendente das eras, lentamente conduzido em direção à perfeição.

Calamidades podem acontecer; guerras, pragas e pestilências podem destruir; nações podem erguer-se e cair ou novas nações podem nascer; mas, por detrás de tudo, o mistério do Desígnio tece, na tapeçaria do Tempo, o padrão do Propósito.

Assim como “mil anos são apenas um dia” aos olhos do Criador, também o maior período da maior nação não passa de uma pegada nos éones das eras que a precederam e que virão depois dela.

Os homens, em séculos longínquos, construíram cidades de pedra que julgavam, no seu orgulho, durar para sempre; não calcularam que o movimento da Precessão dos Equinócios transformaria mares em terras e varreria os seus monumentos para o esquecimento.

Maias, Incas, Egípcios, Persas, Gregos, Romanos, todos ergueram as suas Torres de Babel e desapareceram.

E se as nossas atuais “Grandes” Nações também desaparecerem? E se uma mudança de alguns graus de clima tornar a Europa inabitável e Paris, Berlim, Moscovo e Londres regressarem aos desertos que eram há alguns milhares de anos?

“Impossível!” — exclamarão alguns; “Deus não permitiria tal desastre.”

Na cegueira do seu egoísmo esquecem as lições da Babilónia, Nínive, Mênfis, Atenas, Roma Antiga e de antigas “grandes” nações demasiado numerosas para mencionar.

Esquecem também que não adoram Deus; que o seu deus é um fetiche que criaram, uma entidade imaginária apta apenas para conduzir os seus filhos à batalha, abençoar as suas bandeiras, receber orações pela vitória e ser louvado quando “o inimigo” — o seu semelhante — foi aniquilado e destruído.

Esquecem que o Deus da Natureza é o mesmo Deus para uma raça como para outra.

Esquecem que Ele “não faz aceção de pessoas”, que “não habita em templos feitos por mãos”.

Esquecem que Ele próprio disse:

“De Deus não se zomba.”

E contudo, como nações, zombam “Dele” constantemente.

E assim continuam.

Criam exércitos para se matarem uns aos outros, inventam “gás” para que ninguém escape, educam os seus filhos a odiar outras crianças, envenenam a água para que os animais morram, pagam e empobrecem gerações para empregar todos os meios diabólicos de exterminar o seu irmão humano que possam ser inventados.

No fim, admiram-se que o seu Deus “não os ouça”.

Na minha maneira de pensar, o maior mistério da vida é que Deus é tão evidente que a lenta tartaruga da evolução continua sempre avançando.

Raças podem morrer, impérios podem cair, cidades podem desmoronar-se, e contudo alguma coisa é ganha.

O caminho ascendente pode ser penoso, a rota sinuosa e enganadora, falsos guias podem perder-se, religiões podem acenar e desaparecer, mas o impulso ascendente permanece.

À luz de hoje, escavamos Ur dos Caldeus para encontrar provas de que Abraão, o Pai dos Hebreus, realmente existiu e de que os registos bíblicos são verdadeiros.

Abrimos ruínas maias e encontramos uma raça que adorava o Sol, o “Senhor dos Exércitos”, sob outro nome.

Seguimos as pegadas dos Incas e aprendemos sobre uma civilização milhares de anos anterior à nossa.

Voltamo-nos para a China e maravilhamo-nos com a sabedoria ensinada por Confúcio.

Desenrolamos as ligaduras das múmias egípcias para encontrar a sua crença numa “vida futura” e a esperança de uma ressurreição vindoura.

Em tudo encontramos o “impulso ascendente” para algo mais elevado; o desejo faminto da humanidade por “melhoramento”; a longa escalada das eras para conhecer e compreender.

Por um momento admiramo-nos de que a Essência Criadora das coisas, tão perfeita em si mesma, não tivesse tornado tudo perfeito desde o princípio.

É a própria Natureza que responde à nossa pergunta:

Não tem o botão de romper a semente, forçar caminho através da argila, resistir à tempestade, ao gelo e à chuva antes de poder tornar-se flor?

E uma erva daninha: não enfrenta ela a mesma luta, talvez ainda mais?

Mais estranho ainda — não é verdade que algumas ervas daninhas se transformam em flores através do cultivo?

E que as “ervas daninhas humanas” obedecem à mesma lei.

O caminho da evolução é uma estrada muito, muito longa.

A escola da vida possui muitas, muitas classes.

A formação de uma alma — éones e éones de civilizações.

FIM